



Margarida da Conceição Lages Gomes Dias

As cenas da vida

**um estudo sobre o grupo de teatro da Associação Recreativa e
Cultural de S. João de Rio Frio**

Mestrado em Educação

Área de Especialização em Educação Artística

Trabalho elaborado sob a orientação de
Professora Doutora Carla Antunes
Professor Doutor Carlos Almeida

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, junho de 2012

À minha mãe

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professora Doutora Carla Antunes e Professor Doutor Carlos Almeida, pelo apoio incondicional, em todas as fases do percurso e, em particular, nos momentos de maior desânimo e de tristeza;

A todos os professores e professoras do Mestrado, pela responsabilidade que manifestaram em fazer-nos crescer;

Aos/às colegas da turma, pelos bons momentos que passámos juntos;

Aos atores participantes no estudo, pelo papel preponderante que desempenharam, sem eles seria tudo mais pobre e desinteressante;

Ao meu marido, sobretudo, pelo contributo prestado na parte informática.

RESUMO

A presente investigação, neste contexto privilegiado de educação não formal, pretendeu assegurar uma maior visibilidade do trabalho desenvolvido pela Associação Recreativa e Cultural de S. João de Rio Frio, nomeadamente, ao nível das artes cénicas. O estudo girou em torno de duas questões fundamentais - que representações têm os atores acerca do teatro e qual o seu impacto na comunidade local/regional em que se encontram inseridos. O quadro teórico construído abordou os campos do associativismo e do teatro - o primeiro, como pilar do desenvolvimento local/regional, espaço de solidariedades e de exercício pleno de cidadania; o segundo, enquanto espaço de representação, de experimentação, em que, todos, independentemente da idade, poderão conhecer os seus limites e capacidades, ampliar os seus conhecimentos, desenvolver o raciocínio, criatividade e imaginação e despertar para a prática da cooperação social. Este estudo, de inspiração qualitativa, recorreu à observação direta, à pesquisa e análise documental e à entrevista como técnicas de recolha de dados que compõem o processo de triangulação. Vem demonstrar, sobretudo, que os diferentes atores participantes evidenciam, ainda que de forma empírica, muitos conhecimentos sobre teatro e técnicas da prática teatral; que o teatro, bem como as restantes atividades dinamizadas pela associação, contribuem para o desenvolvimento social, e, sobretudo, cultural, da freguesia, projetando-a além-fronteiras; que o teatro é uma escola de múltiplas aprendizagens, em qualquer fase da vida do ser humano;

Palavras-chave: Associativismo, Teatro, Liderança

ABSTRACT

Developed in the privileged context of non formal education, this research work intended to raise the profile of the Associação Recreativa e Cultural de S. João de Rio Frio, particularly in what comes to the performing arts. The study focused on two key issues: the representations actors have about theatre and the impact they have on the local/regional community they belong to. The theoretical framework deepened the areas of association and theatre – the first, as a basis of local/regional development, a place for solidarity and full exercise of citizenship; the second, as a place for acting, for trying out, where everyone, regardless of age, may know their limitations and abilities, broaden their knowledge, develop reasoning, creativity and imagination and awaken to the practice of social cooperation. This study, inspired by the qualitative methods, used direct observation, research and document analysis and interview techniques for gathering the data which comprise the process of triangulation. Above all, the study reveals that the different actors involved are, albeit empirically, very knowledgeable about theatre and theatrical practice techniques; that theatre, together with other activities promoted by the association, are a significant contribution for the social, but mainly cultural, development of the parish, projecting it abroad; that theatre is a school of multiple learning at any stage of human life.

Key words: associations, theatre, leadership

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	viii

Índice Geral

INTRODUÇÃO	1
Contexto de investigação	1
Objetivo de estudo	3
Problema / Questões de Investigação	3
CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA	5
3.3. O papel das Associações na comunidade	5
3.4. Breve história e origem do Teatro	6
3.5. O Teatro como instrumento educacional, potenciador do desenvolvimento humano	8
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	17
2.1 Amostra e procedimentos da amostragem	20
2.2 Instrumentos/técnicas de recolha de dados	20
2.3 Estratégia a utilizar na análise de dados	23
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	27
3.1 Análise documental	27
3.1.1 Escritura e Estatutos	27
3.1.2 Regulamento Geral Interno	28
3.1.3 Planos de Atividades	29
3.1.4 “O Mensageiro de Rio Frio”	32
3.2 Observação direta e não participante	62
3.3 Entrevistas	68
CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES	85
Implicações e novas linhas de investigação	88

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS.....	97
Guião de entrevista	98
Entrevista I.....	99
Entrevista II.....	102
Entrevista III.....	109
Entrevista IV.....	116

INTRODUÇÃO

Contexto de investigação

A história remonta ao ano letivo de 2005/2006, quando me encontrava a desempenhar funções de coordenação concelhia do ensino recorrente e a implementar um curso de formação de adultos na freguesia de Rio Frio. Esta experiência permitiu-me contactar diretamente com a Associação Recreativa e Cultural de São João de Rio Frio, conhecer reivindicações e constrangimentos organizacionais, bem como apreender determinados aspetos da sua dinâmica associativa. Criaram-se laços entre a equipa educativa e os elementos da direção, trocaram-se convites para participar em atividades. Assisti a várias iniciativas promovidas pela Associação – festival de folclore, convívio de idosos, encontro de concertinas, peças de teatro. A observação desta realidade, e a profunda admiração centrada na riqueza das atividades culturais e artísticas, desenvolvidas em prol daquela coletividade e do concelho de Arcos de Valdevez, despertaram a minha curiosidade e um interesse especial em conhecer, de forma mais aprofundada, esta Associação. Proporcionou-se, então, o momento de materializar o desejo pessoal, que encontrou terreno fértil de desenvolvimento, na área académica do Mestrado em Educação Artística. A opção foi tomada, desde logo, sem qualquer dúvida, pois era esta a investigação que queria desenvolver, o contexto de estudo seria mesmo a Associação de Rio Frio, tendo, sempre que possível, e tal como os docentes preconizavam, orientado todos os trabalhos para o mesmo fim - a elaboração da tese final do curso. Pareceu-me que poderia estabelecer as pontes necessárias entre os conhecimentos científicos adquiridos ao longo do mestrado e o contexto real. Poderia comprovar, por exemplo, as vantagens da utilização da educação artística como um dos veículos privilegiados para o desenvolvimento equilibrado dos indivíduos. Se recuarmos a Platão, verificamos que “a educação artística é soberana porque tem no mais alto grau o poder de penetrar na alma” (apud Sousa, 2003); O mesmo autor aponta como principal finalidade da educação artística o desenvolvimento harmonioso da personalidade como um todo, apelando a “uma educação que igualmente atue nas dimensões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade” (Sousa, 2003, p. 61).

Para além do cariz de intervenção social junto dos mais desprotegidos, a Associação transporta as marcas da educação artística, representando um campo repleto de expressões artísticas, do folclore à música e ao teatro. Será, precisamente, esta última dimensão – o teatro - que será alvo de enfoque, no trabalho de investigação que

apresento. O teatro representa uma antiga e crescente paixão, que se torna cada vez mais difícil de esconder, ou seja, significa mais um ingrediente a acrescentar à curiosidade e ao particular interesse. As peças de teatro a que assisti alimentaram e engordaram a motivação para a conceção deste estudo.

Assim, importa compreender como surge o grupo de teatro, no seio da Associação, antes mesmo de estar criada enquanto personalidade jurídica, qual a sua visibilidade e impacto na comunidade local, qual a relação do teatro com a população riofriense, que representações sobre teatro têm os diferentes elementos. A estas inquietações juntaram-se alguns fatores pertinentes, que não posso deixar de sublinhar:

- o grupo de teatro congrega uma comunidade intergeracional, cuja amplitude etária se estende, sensivelmente, dos 14 aos 55 anos;
- o timoneiro do grupo é um dos fundadores da Associação, acumula funções de Presidente da Junta, é autor, encenador e produtor das peças de teatro e não possui qualquer formação na área da dramaturgia, apenas fez teatro na escola do 1º Ciclo e tem paixão por esta expressão artística;

Os fatores descritos suscitaram, desde logo, um leque de questões - que força é esta que une pessoas de diferentes idades, na arte de comunicar em direto, aquilo que sentem e o que vivem em sociedade? O que representa o teatro na vida destas pessoas? Que construções empíricas têm do teatro? Qual o estilo de liderança do autor/encenador? A sedução do teatro, por parte do líder, contamina os atores ou são estes que lhe fornecem a energia e a motivação?

Estas questões conduziram-me às palavras de José Oliveira Barata (1979), que apresenta o encenador como “director de orquestra ou pintor, que na paleta procura organizar vários tons recorre pois, às muitas linguagens que servem o teatro” (p.69).

Nos primeiros contactos informais com o autor/encenador e quando o questionava sobre a sua fonte de inspiração para escrever as peças, obtive a resposta de que era “na vida, no que acontece diariamente na freguesia, no mundo” (PR, 01/09/2011, Diário da investigadora).

Neste seguimento, intitulei o trabalho de “As cenas da vida: um estudo sobre o grupo de teatro da Associação Recreativa e Cultural de S. João de Rio Frio” por representar precisamente este olhar sociológico sobre a vida. Não é também o teatro tudo isto? Conforme refere Barata (1981) “se o teatro é a expressão de uma vida social, também é força atuante sobre a comunidade que lhe inspira os temas e conflitos que procura reproduzir” (p.11). Na abordagem do teatro como processo de comunicação, o mesmo

autor refere “que no seu *terminus* tem o público, está-se implicitamente a valorizar a acção social do espectáculo” (Ibidem, p.63). Comungo das palavras de Aguilar (2001) quando afirma

“comunicar com o outro através do desempenho de papéis, expressar com o corpo e com a voz as criações do seu mundo interior e exterior, accionar o mecanismo do como se mágico, estabelecer um ritual lúdico aqui e agora com os outros, tais são as características principais de uma actividade dramática, onde quer que ela seja praticada e sejam quais forem os objectivos traçados para a sua realização” (p.30).

Teatro como um todo que se prende sempre com a realidade social e faz despertar no espetador uma função crítica face às questões sociais do seu tempo.

Barata (1981), concebe o teatro “como um fenómeno que alguém já definiu como a arte mais completa das artes e também das mais complexas” (p.131). De salientar que “o teatro é uma tarefa coletiva em que ninguém é insubstituível. Todos são igualmente importantes, desde o que imagina o cenário, ao que inventa o diálogo, ao que coloca o último prego num banco improvisado” (Barata, 1979, p.41). De facto, pude constatar este fenómeno, na observação direta e não participante efetuada, ao longo das nove sessões de ensaios para a apresentação da última peça de teatro. A par desta técnica de recolha de dados, a análise documental e a entrevista compunham o quadro metodológico selecionado para este estudo, que encontra inspiração no paradigma etnográfico, na sociologia interpretativa e numa tradição qualitativa da investigação.

Objetivo de estudo

A realização deste estudo comporta um objetivo amplo que visa, essencialmente:

- Assegurar uma maior visibilidade do trabalho desenvolvido pela Associação em análise, nomeadamente, ao nível das artes cénicas.

Problema / Questões de Investigação

O estudo em apreço reveste-se da maior pertinência, sobretudo, para o concelho de Arcos de Valdevez, dada a sua singularidade e a inexistência de investigações nesta área. Um concelho rico em associações, mas sem qualquer tradição de pesquisa e investigação em associativismo, tanto no seu âmbito mais geral, como numa vertente mais particular, como é o caso do teatro ou de outra qualquer dimensão artística existente nas associações. Neste sentido, a investigação realizada pode constituir um marco de referência para a história do associativismo no concelho.

Como grandes questões a aprofundar neste estudo, destaco aquelas que melhor sintetizam todas as inquietações anteriormente descritas:

- Que representações têm os atores sobre o teatro?
- Qual o seu impacto na comunidade local/regional em que se encontram inseridos?

Para responder a estas questões de investigação, o trabalho que se apresenta é constituído por quatro capítulos. O primeiro trata da revisão de literatura sobre a temática em questão, abordando o conceito de Associação e a forma como estes contextos de educação não formal contribuem para a construção do desenvolvimento local. Seguida desta temática surge o Teatro como um instrumento que potencia o desenvolvimento humano. Estudos de investigação vêm comprovar precisamente a importância do Teatro no desenvolvimento das várias dimensões do ser humano, ao longo da vida. O segundo capítulo apresenta as opções metodológicas do estudo, bem como a sua fundamentação teórica. O terceiro capítulo centra-se no trabalho empírico, ou seja, o palco para a apresentação, análise e interpretação dos resultados. Para finalizar, o quarto capítulo trata das conclusões do estudo, das implicações e linhas de investigação a seguir.

CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA

1.1 O papel das Associações na comunidade

O capítulo que se apresenta integra as temáticas do associativismo e do Teatro como elementos potenciadores, quer do desenvolvimento local/regional, quer do desenvolvimento humano, nas suas diferentes dimensões.

Assim, segundo o Novo Dicionário de Sociologia, organizado por Mictell citado por Cardoso (2008, p.6),

“o termo Associação descreve quer um processo, quer uma entidade. O processo diz respeito a vários indivíduos que interagem para um fim específico ou para uma série de objetivos. A entidade é uma organização de indivíduos que se mantêm juntos em virtude de um conjunto de regras por todos reconhecidos que regulam o seu comportamento recíproco, em ordem a um fim específico ou a uma série de objectivos.”

O citado autor refere a associação como “uma das expressões de maior vitalidade nas sociedades” que se distingue de outras que surgem independentemente da vontade dos indivíduos como é o caso da família ou da classe social. (Cardoso, 2004, p.6). Na esteira de alguns sociólogos clássicos como Max Weber (1978) a Associação é apresentada como

“organização de um grupo de pessoas com objectivos comuns, ainda que de diversa natureza (económica, social, política, cultural, recreativa), que opera de modo independente ou autónomo perante o Estado, e na qual cada um dos membros adere de forma voluntária” (Cardoso, 2008, p.6).

Monteiro (2004), entende a Associação como “lugar e exercício de *empowerment*, como ação dirigida a, para e com as populações, entendendo esta ação como a conjugação entre a consciencialização e a participação conjunta nos processos que implicam decisão” (p.148). O mesmo autor sublinha a importância e o papel do setor associativo como “ator de coesão social e do desenvolvimento local” como uma resposta simultânea “em termos de laço, de sentido e de atividade à questão da exclusão” (Idem, 2004, p.149). Ainda na mesma senda, Cristóvão et all (2008), aponta para as organizações da sociedade civil como

“um elemento fundamental na promoção do desenvolvimento, particularmente ao nível local, onde se tem assistido à emergência de abordagens participativas frequentemente implicando um trabalho em rede ou parceria, envolvendo autarquias, associações e outros actores” (p.1).

Parece ser consensual a importância histórica do associativismo como um fenómeno de ação coletiva em qualquer processo de mudança social. (cf. Ferreira, s/d). Este autor explica a emergência de um novo tipo de associativismo assente no terceiro setor, com especial incidência em atividades económicas, sociais, políticas, e culturais. Para esta emergência contribuíram “o processo de industrialização e de urbanização das sociedades, a desconfiança e a crise nos sistemas de representatividade formal do Estado, assim como os mecanismos de regulação do mercado” (Ferreira, s/d, p.1).

Fica, então, bem marcada a importância atribuída às associações recreativas, desportivas e culturais como motor de desenvolvimento local/regional e como espaços de solidariedades e de exercício pleno de cidadania.

O concelho de Arcos de Valdevez é rico em associações, pois, possui 51 freguesias e 55 associações, das quais 50 têm protocolo firmado com o Município. Constata-se, assim, que o associativismo assume uma forte expressividade neste território do Alto Minho. Como curiosidade, realço o facto de apenas 5 dessas Associações terem a dimensão artística do teatro. Neste seguimento, farei uma breve incursão pelo teatro como enquadramento dos pontos que se seguem.

1.2 Breve história e origem do Teatro

Considera-se a Grécia, o berço da arte teatral, significando a palavra Teatro, que provém do grego “ Theastai” – ver, olhar, contemplar – para traduzir o local onde as peças eram apresentadas. Das cerimónias do povo, protagonizadas pelo povo, oferecidas a Dionísio – Deus do vinho, da fertilidade e das fontes da vida, passou-se a uma inversão e estratificação de papéis, em que apenas iam ao palco representar, aquelas pessoas escolhidas pela aristocracia grega. As demais permaneciam sentadas, passivas, eram os espetadores, ou seja, o povo. As representações teatrais assumiram um lugar de destaque e passaram a estar associadas a grandes festas nacionais. Tespis, considerado o primeiro ator e responsável pela rutura da arte teatral com a poesia, instituiu o “coro”, ou seja, um grupo de pessoas que representava a sociedade e o povo permanecia na plateia, calado e apático, apenas absorvendo o que lhes era mostrado.

Na origem do teatro, a tragédia celebrava os mitos e os feitos heróicos dos gregos, por isso era considerada mais completa, mais requintada, ao invés da comédia que criticava o cotidiano helênico, reforçando os valores morais, éticos e sociais (cf. Silva & Gonzaga, s/d). O domínio de Roma sobre a Grécia conduziu a outras temáticas a serem representadas pelo teatro – os massacres levados a cabo nas arenas. Plauto e Terencio foram duas figuras que se insurgiram contra esta realidade opressora, através de comédias teatrais significativas. As temáticas abordadas no teatro foram mudando: na Idade Média, a arte cênica foi proibida pela igreja católica, sendo retomada por volta do ano 1000 dC, em forma de pequenos diálogos cantados, acrescentados aos evangelhos. Os temas de cariz religioso marcaram toda a Idade Média; com a época renascentista e a luz da razão surgiram as questões humanas no centro do pensamento, com o seu reflexo nas artes.

“A civilização reencontra os ensinamentos e os saberes gregos, a partir dos textos traduzidos para o latim e de posse da igreja católica. O conjunto desses ensinamentos sinaliza uma nova marcha histórica para o homem. Nesse clima de redescoberta renascentista o teatro grego é trazido ao debate, a reflexão e ao palco - lugar que lhe é devido” (Silva & Gonzaga, s/d, p.4).

Os escritos da Poética de Aristóteles vêm abalar as concepções existentes, considerando apenas arte, a épica, a lírica e a dramática.

“Aristóteles defendia a arte como propiciadora de ‘catarse’, purificação – através da identificação passiva com um personagem que deveria ser indubitavelmente virtuoso. Assim, e desse modo, a arte teatral deveria ser usada para reforçar valores e enaltecer virtudes a serem incutidas na população de modo que, passivamente fossem tomando para si as emoções e os pensamentos dos personagens teatralizados como se fora de sua livre escolha” (Silva & Gonzaga, s/d, p.4).

De acordo com a dialética discursiva da Poética de Aristóteles, escritores e autores foram desenvolvendo novos estilos ou então seguiram as regras ditadas pelo modelo do classicismo. De Aristóteles à contemporaneidade, parece ser consensual, ao nível da investigação na área, que o teatro representa uma mais-valia para o desenvolvimento humano.

Ribeiro (2006) deu o seu contributo nesta temática, referindo que, de uma maneira geral, os estudiosos das artes defendem que a atividade dramática é inata ao homem, desde muito cedo a criança, através das brincadeiras, começa a representar o seu mundo, na medida em que constrói símbolos e signos. Estas representações associadas ao jogo dramático, a que farei referência mais à frente, remontam aos primórdios da humanidade, são disso um bom exemplo os rituais, as danças, as

pinturas e a música dos homens primitivos. Courtney (1980) citado por Ribeiro (*Idem*, p.40) vai mais longe, afirmando perentoriamente: “O teatro é a base de toda a educação criativa. Dele fluem todas as artes. O homem primitivo expressou-se, antes, dramaticamente: dançava mimeticamente, criando os sons”. Fora de discussões teóricas, parece ser consensual encarar-se o teatro como um espaço de representação, de experimentação, em que, todos, independentemente da idade, poderão conhecer os seus limites e capacidades, ampliar os seus conhecimentos, desenvolver o raciocínio, criatividade e imaginação e despertar para a prática da cooperação social, algo raro na nossa sociedade, que tem privilegiado o individual em detrimento do coletivo. Estudos efetuados apontam para experiências com pessoas das mais variadas faixas etárias, comprovaram a eficácia dos exercícios e jogos teatrais, no processo de aprendizagem ao longo da vida do ser humano.

1.3 O Teatro como instrumento educacional, potenciador do desenvolvimento humano

Os ideais da Escola Nova colocaram a criança no centro do processo educativo e defenderam, em particular, a importância do jogo na aprendizagem. A propósito dos jogos teatrais, Augusto Boal (2005), referenciado por Silva & Gonzaga (s/d), afirma

“Os jogos teatrais reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realize, mas necessitam de liberdade criativa para que o jogo não se transforme em servil obediência. Sem regras não há jogo, sem liberdade não há vida (Silva & Gonzaga, s/d, p.10).

De mãos dadas com estes requisitos essenciais, acrescenta-se o corpo, como o princípio básico do jogo teatral, corpo que tem de estar disponível para experimentar todas as propostas, num espaço propício para uma experiência criativa, que transporte o sujeito ator/aluno para estados e situações diferentes do seu quotidiano. O uso dos tempos, dos espaços e do corpo do indivíduo, em estado de representação, são a matéria-prima para qualquer aula/sessão de Teatro, independentemente da idade dos sujeitos. Fuchs et all (2008), como tantos autores, consideram o Teatro pelo jogo, uma atividade interessante e aconselhável para qualquer faixa etária, pois, convoca as diferentes estruturas cognitivas e, por consequência, desenvolve a articulação do sujeito com o pensamento simbólico e abstrato.

Numa situação de experiência teatral, independentemente da faixa etária, as intencionalidades dos sujeitos revelam várias dimensões: sócia-afetiva, cognitiva, ética, estética, através da forma como se articulam no jogo ou nos momentos em que é necessário improvisar ações.

Em Teatro, mais importante do que falar é agir, ao que Stanislavski (1970), citado por Fuchs et all (2008) chamou “ações físicas”. No início, enfatizava os aspetos interiores – as emoções, mas, anos mais tarde, começou a valorizar a ação intencional, sendo esta intenção que guia a emoção, que conduz ao sentimento.

Outros autores como Spolin (1987) citada por Fuchs et all (2008) defendem que a espontaneidade e a criatividade são ingredientes imprescindíveis para um ambiente de aprendizagem e desenvolvem-se, tendo como base, a liberdade.

A mesma autora enfatiza a “liberdade pessoal” como primeira condição, para que o indivíduo, ator/aluno possa jogar e envolver-se com a realidade que o cerca, livre de qualquer constrangimento ou coação.

Assim, o jogo flui porque há elementos para o seu desenvolvimento e porque os sujeitos compreendem e coordenam as diversas perspetivas envolvidas. A espontaneidade e a criatividade são elementos que se constroem na relação direta do sujeito com o meio, resultado de um processo de descentração do sujeito em relação ao meio (Spolin, 1987).

Piaget faz referência, especificamente, à questão das práticas artísticas no desenvolvimento do sujeito. Em seu entender, a criança pequena é mais criativa e espontânea do que os mais velhos, pois “consegue exteriorizar espontaneamente a sua personalidade e as suas experiências interindividuais graças aos diversos meios de expressão à sua disposição” (1998, p.187), citado por Fuchs et all (2008). Apresenta dois pólos como a base da educação artística: o que é vivido pelo “eu”, as inquietações e desejos, que encontram no jogo simbólico uma forma de expressão individual, e a realidade material e social que exige instrumentos, meios de comunicação e expressão coletivos. O artista constrói objetivamente o que existe no plano subjetivo, ou ainda, constrói o elo entre mundo interior e exterior. O problema da educação artística, em especial do Teatro, é que o meio social impõe determinados comportamentos que acabam por inibir as ações espontâneas do sujeito. As crianças mais velhas e até mesmo os adultos tendem a conter os impulsos criativos. Uma das explicações relaciona-se com o facto de as condutas e os valores sociais condicionarem as ações e

o comportamento, limitando o desenvolvimento da expressividade e da criatividade dessas crianças mais velhas e dos adultos.

Fuchs et all (2008) afirmam

“O Teatro pode despertar na platéia a curiosidade epistemológica necessária para fomentar a aprendizagem e o diálogo necessário para construir o conhecimento de modo a formar a consciência crítica da realidade tão necessária para a construção da cidadania” (p.12).

A prática teatral transporta em si um exercício de alteridade, na medida em que permite ao sujeito colocar-se no papel do outro, quando assume uma determinada personagem. O compreender os factos de uma outra perspectiva, que não a sua, vai surtir efeitos no seu comportamento social.

“O teatro possibilita entre outras inúmeras coisas que o grupo perceba-se capaz, ou mais capaz ainda, à medida que age como grupo, analisando a sua própria vivência, valorizando-a e a transformando, se assim quiser. Tanto a descoberta do sentido de grupo quanto da capacidade de criação, própria e coletiva, e de valorização do que foi criado possibilita ao indivíduo transcender a perspectiva egocêntrica. Perceber o grupo concomitante ao processo de valorização de sua autoria aparece como uma “atitude de resistência” a um mundo que insiste em nos dizer que poderemos ser facilmente substituídos e que banaliza a todo instante a vida e as relações interpessoais” (Fuchs et all, 2008, p.343)

Para Peter Brook (1995) citado por Fuchs et all (2008),

“(...) o teatro tem o potencial – inexistente noutras formas de arte – de substituir um ponto de vista único por uma pluralidade de visões diferentes. O teatro pode apresentar um mundo em várias dimensões ao mesmo tempo (...)” (Fuchs et all, 2008, p.34).

Aguilar (2001) define o Teatro desta forma:

“comunicar com o outro através do desempenho de papéis, expressar com o corpo e com a voz as criações do seu mundo interior e exterior, acionar o mecanismo do como se mágico, estabelecer um ritual lúdico aqui e agora com os outros, tais são as características principais de uma atividade dramática, onde quer que ela seja praticada e sejam quais forem os objectivos traçados para a sua realização” (2001, p.30).

Jablonski acrescenta

“Mas o teatro como agente de transformação eficaz é aquele vivido, sentido, cheirado e praticado. Seja por atividades dramáticas espontâneas, jogos dramáticos, laboratórios e exercícios que culminem – ou não – em apresentações públicas, é o teatro exercitado que se torna um instrumento capaz de operar mudanças”. (Jablonski,s/d, p.1)

Este autor defende que o ensino das diferentes disciplinas, partindo do Teatro, pode despertar maior interesse, pode intensificar a motivação para o estudo e reforçar as aprendizagens. “Pode dar mais trabalho, mas o sucesso é garantido” (s/d, p.1).

A prática de exercícios dramáticos parece ser instigadora, porque faz com que o aluno procure novas soluções, encontre diferentes maneiras de fazer a mesma coisa, ou imaginar as mais diversas situações, que, por sua vez, exigem respostas diferentes entre si. Sem ter nenhuma pesquisa experimental, este autor considera que esta nova capacidade de criar e de imaginar possa ser generalizável para fora dos muros do Teatro.

No caso particular da adolescência, os jogos dramáticos oferecem um espaço soberbo para refletir e exteriorizar o mundo contraditório e ideal, característicos desta faixa etária. Enquanto para a criança, o exercitar da fantasia é um processo indispensável ao seu crescimento e poderá servir de resposta a comportamentos mais impulsivos. Na opinião deste autor

“(,,,) uma melhor expressão oral, e por consequência escrita, exercitada pelos jogos dramáticos, aliada a uma imaginação criativa trabalhada, deve fornecer aos adolescentes melhores meios de superar a fase em que se encontram. (Jablonski,s/d, p.9).

Calvet & Gomes (1974) citados por Jablonski apresentam um conjunto de benefícios operados pela prática teatral:

“melhoria da capacidade de observação, apuro da sensibilidade, incremento da noção de ritmo (para os adolescentes, que têm de lidar com um corpo ‘novo’, não deixa de ser um item importante), sentido de grupo, adaptação social, incentivo à iniciativa, desenvolvimento da capacidade de empatia, etc.” Jablonski,s/d, p.11).

Alertam ainda para a importância do trabalho em equipa proporcionado pelo exercício da prática teatral – o respeito pelo outro, as necessidades do outro, o “brilhar” sem prejudicar o parceiro, o horário comum, a divisão natural de tarefas, um espaço aberto à discussão, o trabalhar para o sucesso coletivo, no caso dos espetáculos. Acrescente-se a todos estes fatores, um maior autoconhecimento do seu mundo emocional, o desafio à imaginação e à criatividade, como valores educativos ímpares.

Da revisão da literatura efetuada ressaltaram algumas experiências de Teatro, a que farei uma breve referência. Uma representa um estudo brasileiro sobre práticas teatrais desenvolvidas no seio de um grupo de voluntários adolescentes, denominado ARTEVIDA, para explicar o sentido do teatro comunitário e a sua relação com a pedagogia da alternância. Trata-se de uma experiência de dez anos, onde se

apresentam depoimentos dos estudantes, ex-integrantes, agricultores, monitores e funcionários, que viveram este projeto.

Num primeiro momento, aparece um aspecto comum aos jovens do meio rural: a timidez. A forma como o teatro interfere na vida das pessoas provoca uma rutura natural, capaz de mudar o comportamento e até de resolver uma situação-problema ligada ao grupo, como a timidez, por exemplo, no caso da (Mônica, 2006).

“Para a ex-integrante, naquele período ela estava com alguns problemas familiares e vivia revoltada com tudo e com todos: “eu era a antipática da turma. Mas o Artevida apareceu como uma porta de passagem, me acolheu legal e eu fui me tornando melhor como pessoa, como estudante, como família” (Pinto, 2009, p.111).

Relata outra ex-integrante (Sílvia, 2006)

“[...] nem eu sabia que tinha a capacidade que acabei alcançando e foi o teatro que possibilitou essa descoberta. O *Artevida* me descobriu e acreditou em mim, muito mais do que eu. No começo eu entrei para o grupo meio sem querer, achava que não tinha condições, mas com a ajuda do grupo e da coordenação, consegui-me desenvolver no teatro e, sobretudo na escola. De repente me vi sem medo de dar as minhas opiniões, me vi escrevendo, lendo... Eu não lia e nem escrevia e sofria muito com isso. Tinha a sensação de ser a pessoa mais inferior do mundo” (Pinto, 2009, p.114).

Relata o monitor

“(...) por entender a função sócio-educativa do teatro popular, por ter presenciado - enquanto monitor e motivador cultural - a sua enorme contribuição ao meio rural: interação com as comunidades, participação das famílias, militância, mística, fortalecimento da aprendizagem, ampliação do sentido da arte. Esses elementos da experiência – artística, pedagógica e cultural - são os verdadeiros motivadores da nossa iniciativa, ampliando o interesse pela pesquisa no campo da arte e resignificação do teatro no contexto da pedagogia da alternância.” (Pinto, 2009, pp.119-120).

Outra experiência defende o Teatro como estratégia de comunicação da ciência. (Brito *et all*, 2010) cita Massarani & Almeida (2006)

“O que o teatro faz é pensar a nossa existência, a nossa vida; se a ciência faz parte da nossa vida, então ela tem que estar no teatro [...] o teatro é uma ferramenta poderosa de divulgação científica, capaz de levar ao público a ciência em primeiro plano e de estimular a reflexão sobre a relação entre ciência e sociedade (Brito *et all*, 2010, p.8).

O grupo brasileiro “Arte e Ciência no Palco” é pioneiro, no gênero, por levar à cena peças como *Einstein*, *A Dança do Universo*, *20.000 Léguas Submarinas*, *Quebrando Códigos*, *Copenhagen*, *After Darwin* e outras, cujo objetivo é provocar o interesse do público pelo conhecimento científico. A iniciativa despertou outras companhias para esta

nova forma de abordar a ciência, e têm vindo a especializar-se no que se convencionou de “teatro científico”.

Na Universidade Federal do Ceará, os professores de diferentes áreas formaram o grupo *Seara da Ciência*, que produz montagens de peças, com a intenção de tornar os conteúdos, por vezes áridos, em diálogos bem-humorados, abrindo debates na sala de aula.

Deixo também o registo de uma outra experiência de prática teatral com pessoas de uma Universidade Sénior (UNAT I- Universidade Aberta à Terceira Idade) no Brasil, com idades compreendidas entre os 58 e 83 anos.

“Com este trabalho procuramos redimensionar o papel do elemento lúdico na vida e na aprendizagem de pessoas adultas, pois o lúdico está intrinsecamente ligado à imagem da criança. Vimos que é possível criar, escrever textos, atuar de maneira prazerosa, autônoma, livre. O lúdico não desaparece porque nos tornamos adultos. Apenas somos doutrinados socialmente, muitas vezes, a deixar de lado a alegria e o prazer, que poderiam estar presentes em nossas aprendizagens, em nosso trabalho, em nosso modo de fazer as coisas, em nome do utilitarismo. O grupo de teatro da UNATI aprendeu prazerosamente, criou e atuou improvisando, jogando. E nem por isso deixou de realizar um trabalho sério, competente. Afinal, como bem salienta Huizinga (1990), é a seriedade que exclui o jogo e não o contrário” (Cordeiro, 2006, p.81).

Neste trabalho de investigação, o jogo dramático e a improvisação constituíram os pilares, as bases imprescindíveis para construção de cenas e de peças. Paula Cordeiro (*Idem*, p.69), autora deste estudo, alerta para a questão da distinção entre teatro propriamente dito e o jogo dramático, convocando diferentes propostas: para Richard Courtney (1980) teatro significa “representar perante uma platéia – jogo: atividade a que nos dedicamos simplesmente porque a desfrutamos – jogo dramático: jogo que contém personificação e/ou identificação” (p.20); segundo Peter Slade (1978) refere que no teatro, atores e público se diferenciam, enquanto que no jogo dramático não existe essa distinção, todos são livres para jogar e atuar.

A propósito desta distinção, e no entender de Vasques peca-se pelo “uso (e sobretudo o abuso) do par Expressão Dramática/Teatro” (2007, p.1) e bastava colocar um “e” entre os dois conceitos para solucionar o problema e deixar claro que, não sendo a mesma coisa, podem ser duas formas de expressão complementares. Guerra acrescentou a este tema controverso que “a Expressão Dramática não é senão uma iniciação, se não à criação de obras de arte, pelo menos à capacidade de aceder, de perceber, de fruir o teatro” (2007, p.1).

Retomando, então, o estudo de Cordeiro (2006), o jogo teatral e a improvisação são formas excelentes de trabalhar teatro com pessoas adultas, na medida em que ajudam a resolver os problemas que surgem no palco “as posturas do adulto tornam-se mais maleáveis e certos condicionamentos podem ser questionados e discutidos pelo grupo” (2006, p.69). Viola Spolin, citada por Cordeiro, afirma que “qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado” (p.5). Neste sentido, a autora deste estudo partilha da opinião de que durante o jogo e a improvisação, no palco, “somos levados a deixar de lado as resoluções, as posturas e decisões mais óbvias, pois nem sempre elas dão conta de resolver o que foi proposto” (Cordeiro, 2006, p.69).

Este estudo vem romper com alguns estereótipos, como o de que o lúdico só pode estar ligado à educação de infância, e desmistificar ideias pré-concebidas como a de que o idoso tem mais dificuldade para aprender, para criar e para aceitar o novo que o adulto jovem. Deste modo, os participantes das oficinas de teatro da UNATI aceitaram jogar e realizar os exercícios propostos e utilizaram as suas memórias e histórias de vida, nas criações do grupo. As memórias juntaram presente e passado, deram mais sentido ao quotidiano de cada um e estimularam as criações apresentadas ao público. Não foi só importante o resultado, o produto final, mas sim o processo, ou seja, os momentos em que jogaram no palco, improvisaram, recordaram, escreveram, discutiram guiões e ensaiaram, sempre acompanhados pelo prazer de fazer e de aprender de forma contínua e permanente.

Tal como os autores já citados, Ribeiro (2006, p.40) aplica as mesmas ideias ao contexto educativo formal, afirmando que “os jogos teatrais” promovem a criatividade, a socialização e o trabalho de grupo, melhorando o relacionamento entre os alunos. Este trabalho de descoberta, de experimentação e de criação podem, efetivamente, melhorar os desempenhos, independentemente da disciplina em questão. A este propósito, Viola Spolin, citada por Ribeiro (2006) defende que os jogos teatrais devem ter como principal objetivo a estimulação da espontaneidade, porque representa um momento de liberdade pessoal, ficando a pessoa desperta como um todo – físico, intelectual e intuitivo e preparada para se transcender a si própria e, conseqüentemente entrar no ambiente, explorando-o sem receios.

Em jeito de síntese, este capítulo integra a revisão da literatura em torno das temáticas do associativismo e do Teatro como elementos potenciadores, quer do desenvolvimento local/regional, quer do desenvolvimento humano, nas suas diferentes dimensões. Por

um lado, aborda a associação enquanto processo, entidade, organização de um grupo de pessoas, com objetivos comuns, enquanto lugar e exercício de poder, de coesão social, de decisão, participação e trabalho em rede ou parceria. Por outro, e no que ao Teatro diz respeito, faz referência aos ganhos que advêm da prática teatral em qualquer faixa etária, opinião unânime no seio dos investigadores que estudam estas matérias. À medida que vamos convocando os diferentes autores observa-se que cada um enfatiza este ou outro aspeto ou um conjunto deles – espontaneidade, criatividade, liberdade, alteridade, representação do mundo em várias dimensões em simultâneo, prática instigadora, trabalho em equipa, em prol de um sucesso coletivo, melhoria no relacionamento interpessoal e no desempenho académico nas diferentes disciplinas.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Ao longo deste capítulo abordam-se as opções metodológicas, as características de uma investigação qualitativa, de um estudo de caso, tipo de amostragem, técnicas de recolha de dados, bem como os seus fundamentos teóricos. Início com os princípios éticos que devem conduzir uma investigação. Em primeiro lugar, os sujeitos foram informados, de forma explícita e clara, sobre os objetivos e finalidades do estudo e, conhecidas as regras do jogo, permitiram o seu consentimento informal para a realização. Igualmente lhes foi reiterado, ao longo do percurso, de que os dados empíricos que seriam recolhidos serviriam apenas para fins académicos. As identidades dos sujeitos foram protegidas, evitando que a informação recolhida pudesse causar qualquer tipo de dano ou prejuízo. Foi garantido o anonimato dos relatos verbais durante a observação e as entrevistas, de modo a que essa informação não venha a ser mal utilizada. Os sujeitos foram tratados respeitosamente e mantiveram desde o início uma atitude cooperante em todas as fases da investigação. O conhecimento prévio que a investigadora tinha acerca do grupo de teatro e da maioria dos seus elementos contribuiu para que todos se sentissem mais à vontade e com maior confiança, o que facilitou todo o processo. Os sujeitos consentiram a utilização do registo áudio das entrevistas, que foram, posteriormente, transcritas *ipsis-verbis* e devolvidas aos entrevistados, para verificarem se estavam conforme o expressado, ou seja, para validarem as entrevistas. A par destas duas técnicas – observação direta e não participante e entrevistas, a análise documental veio complementar a triangulação que a metodologia de investigação exige.

Como já referenciei, o estudo encontrará inspiração no paradigma etnográfico, na sociologia interpretativa e numa tradição qualitativa da investigação.

Importa, assim, analisar o contexto organizacional de educação não formal que a Associação Recreativa e Social de São João de Rio Frio representa, particularmente os atores que são parte integrante, a um nível micro, constituído pelos intervenientes ativos no grupo de teatro. Esta análise sociológica passa pela observação dos indivíduos, encarando-os como sujeitos que influenciam e são influenciados, pelas ações que

desenvolvem ou são desenvolvidas nos contextos sociais de que fazem parte e ainda pela sua biografia. Peter Berger (2000) percebe o indivíduo como

“(...) um repertório de papéis, cada um dos quais adequadamente equipado com determinada entidade. O âmbito da pessoa individual pode ser medido pelo número de papéis que é capaz de desempenhar. A biografia da pessoa se nos afigura agora como uma sequência ininterrupta de desempenhos num palco, para diferentes plateias, às vezes exigindo mudanças totais de roupagens, sempre exigindo que o ator seja o personagem (...). Visto sociologicamente, o ‘eu’ deixa de ser uma entidade objetiva, sólida, que se transfere de uma situação para outra, será um processo criado e recriado continuamente em cada situação social de que uma pessoa participa, mantido coeso pelo ténue fio da memória” (pp.118-119).

Bogdan & Biklen (1994, p.53) fazem referência a “compreensão interpretativa das interações humanas”, ou seja, o investigador observa as práticas, os comportamentos, as motivações os modos de agir e de pensar dos atores procurando analisar, interpretar e compreender a ação social dos mesmos. Convém especificar que, para estes autores, o conceito de interações humanas engloba as relações que os atores estabelecem entre si, as relações que os atores constroem em relação a si próprios, a atitude que diz respeito à imagem e à tomada de consciência de quem são perante si próprios e perante outros atores. Esta posição é assumida com maior evidência quando sublinham

“outra componente importante da teoria da interação simbólica é o construto do self. O self não é visto como residindo no interior do indivíduo, como um ego ou um conjunto organizado de necessidades, motivações e normas ou valores internos. O self é a definição que as pessoas constroem (através da interação com os outros) sobre quem são. Ao construir ou definir o self, as pessoas tentam ver-se como os outros a vêem, interpretando os gestos e as ações que lhe são dirigidas e colocando-se no papel de outra pessoa. Deste modo, o self também é uma construção social, o resultado do facto das pessoas se perceberem e desenvolverem uma definição através do processo de interação. Este nexos permite que as pessoas se modifiquem e cresçam, à medida que vão aprendendo mais sobre elas próprias através deste processo iterativo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.57).

Os mesmos autores enumeram cinco características que identificam a investigação qualitativa, reconhecendo, no entanto, que nem todos os estudos considerados qualitativos assumem a totalidade das mesmas, não deixando por isso de o ser (cf. Bogdan & Biklen, 1994). Vejamos como o estudo, que pretendo desenvolver, se enquadra nestas características: o ambiente natural é a Associação, principalmente na sua dimensão cénica, que se constitui como uma fonte direta de dados, no qual a investigadora se transformará no principal instrumento de recolha de dados, marcada pela sua presença quer como observadora participante e não participante nos ensaios do grupo de teatro e nos espetáculos; a investigação será descritiva, na medida em que os dados serão recolhidos a partir de registos da investigadora (expressões, gestos,

palavras...) e de documentos elaborados pela Associação e da transcrição das entrevistas; o meu interesse irá centrar-se mais nos processos do que nos produtos, procuraremos analisar, de forma indutiva, os dados recolhidos, ou seja não procurarei confirmar ou infirmar hipóteses previamente formuladas; os resultados serão construídos à medida que os dados recolhidos se forem agrupando, mediante os significados que os atores atribuem ao teatro. Neste sentido, Lüdke & André (1986) acrescentam:

“Diversamente de outros esquemas mais estruturados de pesquisa, a abordagem etnográfica parte do princípio de que o pesquisador pode modificar os seus problemas e hipóteses durante o processo de investigação” (p.16).

Woods (1987) vem corroborar os princípios teorizados pelos autores anteriores, referindo-se à abordagem etnográfica desta forma:

“Interessa-se pelo que as pessoas fazem, como se comportam, como interatuam. Propõe-se descobrir as suas crenças, valores, perspetivas, motivações, e o modo como tudo isso se desenvolve ou muda com o tempo, ou de uma situação para outra. Procura fazer tudo isso dentro do grupo e a partir das perspetivas dos membros do grupo. O que conta são os seus significados e interpretações” (p.18).

Assim, interessa a vida quotidiana dos atores, o modo como por eles é vivida, quais os significados que atribuem aos atos praticados individualmente e em interação com o contexto social e organizacional em que se encontram, neste caso concreto, no grupo de teatro.

O projeto a desenvolver inclui algumas características de um estudo de caso de carácter qualitativo que se enquadra na tipologia de Bogdan & Biklen (1994), no chamado “estudo de caso de observação”.

A propósito do carácter qualitativo do estudo de caso, Menga Lüdke & Marli André (1986, p.18) referem que este “desenvolve-se numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”, As mesmas autoras apresentam as seguintes características do estudo de caso:

“1) os estudos de caso visam a descoberta; 2) (...) enfatizam a ‘interpretação em contexto’; 3) (...) buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; 4) (...) usam uma variedade de fontes de informação; 5) (...) revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; 6) (...) procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; 7) os relatos de estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa” (cf Lüdke & André, 1986, pp.18-21).

E por que o estudo de caso tem um caráter individual, Bell (2002) refere:

“O método de estudo de caso particular é especialmente indicado para investigadores isolados, dado que proporciona uma oportunidade para estudar, de forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo (...) (p.22).

Acrescenta ainda

“a grande vantagem deste método consiste no facto de permitir ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico ou situação e de identificar, ou tentar identificar, os diversos processos interativos em curso. Estes processos podem permanecer ocultos num estudo de maior dimensão, mas poderão ser cruciais para o êxito ou fracasso de sistemas ou organizações“ (p.23).

Bogdan & Biklen (1994) traçam o papel do investigador, no processo de recolha de dados, desta forma

“os investigadores não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente, ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (p.50).

2.1 Amostra e procedimentos da amostragem

A amostra, neste caso, será um tipo de amostra intencional, de acordo com Pardal & Correia (1995), por se enquadrar na amostra *não probabilística* ou empírica e caracteriza-se pela particularidade de ser escolhida a *juízo do investigador*, em que o critério é pertencer ao grupo de teatro. Nos estudos qualitativos, a questão da representatividade (do ponto de vista estatístico) não se coloca. O critério que preside à seleção da amostra está associado à sua adequação ao objeto de estudo. Assim, realizei quatro entrevistas a figuras chave: o ator com maior experiência, o ator mais jovem e sem experiência, o autor e encenador das peças e o Presidente da Associação.

2.2 Instrumentos/técnicas de recolha de dados

No trabalho em questão, a recolha de informação baseia-se, essencialmente, em informações do tipo qualitativo, o que a esse propósito Bogdan & Bilken (1994) escrevem:

“Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objeto de estudo, a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha de dados e o passar de tempo com os sujeitos. Não se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-

se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes (...). O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação” (p.50).

Esta investigação enquadra-se naquilo a que Bogdan & Biklen (1994) chamam de ‘cavaleiro solitário’, ou seja, “o investigador enfrenta, isoladamente, o mundo empírico, partindo só, para voltar com os resultados” (pp.86-87).

A recolha de informação que irá servir de base ao trabalho empírico terá em linha de conta os objetivos da pesquisa e as características do objeto de estudo, alicerçando-se em diferentes técnicas de investigação, como, a observação, a pesquisa e análise documental e a entrevista. Estas três técnicas privilegiadas entrecruzando-se, na medida em que “cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua que é perguntada” (Santos, 2001, p.48). De igual modo, irão permitir assegurar a validade interna do estudo, ou seja, a existência de uma correspondência entre os dados a recolher e a realidade que será estudada. Lüdke & André (1986) chamaram a este processo *triangulação*, o que permite detetar incongruências ou inconsistências nos dados.

Cohen & Manion (1990) definem triangulação como

“(...) o uso de dois ou mais métodos de recolha de dados no estudo de algum aspeto do comportamento humano. (...) as técnicas triangulares nas ciências sociais procuram traçar, ou explicar de maneira mais completa, a riqueza e a complexidade do comportamento humano estudando-o de mais do que um ponto de vista e a fazê-lo assim, utilizando dados quantitativos e qualitativos”(p.331).

A observação pode ser definida como “um olhar sobre uma situação sem que esta seja modificada, olhar cuja intencionalidade é de natureza muito geral, atuando ao nível da escolha da situação e não ao nível do que deve ser observado na situação, e que tem por objetivo a recolha de dados sobre a mesma” (Ghiglione & Matalon 1997, p.7). A observação, enquanto técnica de recolha de informação, não é uma “opção fácil”, como refere Bell (2002, p.140). Esta ideia fica mais clara, se tivermos em atenção as palavras de António Costa

“O principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador. (...) Observa os locais, os objectos, e os símbolos, observa as pessoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais, as maneiras de fazer, de estar, de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos. Participa, duma maneira ou doutra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas” (Costa, 1986, p.132)

A observação direta e não participante afigura-se como aquela mais adequada para este estudo. Na perspectiva de Quivy & Campenhoudt (1992),

“A observação directa é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolhas das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação. (...) mas o investigador regista diretamente as informações. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida diretamente neles pelo observador” (p.165).

Contudo, Licínio Lima (1998) refere que

“o investigador é sempre participante, na medida em que a sua presença, mesmo silenciosa (...) interfere no contexto social analisado, e na medida, ainda, em que ao formalizar-se com o contexto e com as pessoas, ao estabelecer relações sociais e ao interatuar com muitos atores, vai-se aproximando, por vezes, do ponto de vista afetivo e emocional, daqueles que a investigação convencional tende a reduzir ao estatuto de ‘objetos’ de pesquisa” (pp.31-32).

Na mesma linha, Woods (1987) defende que “ainda que não participe em nenhum dos papéis que observa, o observador não participante é, apesar de tudo, parte da cena” (p.55).

Os documentos provenientes da pesquisa documental podem ser, como referem Lüdke & André (1986)

“quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano (...) Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e de televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares” (p.38).

Por sua vez, Quivy & Campenhoudt (1992) designam-nos por “dados preexistentes”, acrescentando que

“(...) as duas variantes mais frequentemente utilizadas na investigação social são: (...) dados estatísticos e (...) documentos de forma textual, provenientes de instituições e de organismos públicos e privados (leis, estatutos, e regulamentos, actas e publicações, ...) (pp.201-202).

A entrevista é considerada a técnica mais antiga e mais utilizada nas investigações qualitativas, podendo ser definida como “uma conversa entre duas pessoas iniciada pelo entrevistador com o propósito específico de obter informação relevante para uma investigação” (Bisquerra, 1989, p.103). O tipo de entrevista a selecionar será a semiestruturada, com recurso a registo magnético. Pardal & Correia (1990) caracterizam-na desta forma:

“a entrevista semi-estruturada nem é inteiramente livre e aberta – comunicação entrevistador/entrevistado, com caráter informal -, nem orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas à priori. Naturalmente, o entrevistador possui um referencial de perguntas-guia suficientemente abertas, que serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião, mas antes, à medida da oportunidade (...) (p.379)

Na entrevista, será importante a existência de um guião, pois, conforme referem Menga Lüdke & Marli André (1986),

“será preferível e mesmo aconselhável o uso de um roteiro que guie a entrevista através de tópicos principais a serem abertos. Este roteiro seguirá, naturalmente, uma certa ordem lógica e também psicológica, isto é, cuidará para que haja uma sequência lógica entre os assuntos, (...), respeitando o sentido do seu encadeamento” (p.36).

Aquando da realização das entrevistas, tentei desocultar o que transmitem os gestos, as expressões, as entoações, as alterações de ritmo, os silêncios e até mesmo os sorrisos. Toda a informação não-verbal possibilitará a compreensão e a confirmação do que será dito, como refere Bell (2002),

“Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos. (...) A forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode fornecer informações que uma resposta escrita nunca revelaria. (...) uma resposta numa entrevista pode ser desenvolvida e clarificada (p.118).

Reitero o facto de que cada um dos quatro entrevistados conhecia os objetivos do estudo e foi-lhes assegurada a confidencialidade dos dados.

2.3 Estratégia a utilizar na análise de dados

A análise de conteúdo, como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações (...) um leque de apetrechos (...) uma grande disparidade de formas (...)” será uma estratégia a utilizar na análise de dados desta investigação (Bardin, 1977, p.31).

Segundo a mesma autora, “as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (p.95). Trata-se de uma fase de “organização”, de “intuição” e geralmente “possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos a análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (Bardin, 1977, p.95), A fase de análise consiste “na administração sistemática das decisões tomadas.

(...) Esta fase longa e fastidiosa consiste, essencialmente, de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 1977, p.101). Na terceira fase “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos («falantes») e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens (...)) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (Bardin, 1977, p.101).

A técnica primordial a utilizar na análise de conteúdo, no contexto desta investigação, será, idêntica àquela mais indicada para entrevistas não diretivas, no entender da mesma autora, a “análise da enunciação”. Apesar de o tipo de entrevista, selecionado para esta investigação, respeitar a uma entrevista semiestruturada, optei pela utilização desta técnica, por parecer igualmente adequada. O “objetivo e a ambição da análise da enunciação são apreender ao mesmo tempo diversos níveis imbricados (ao contrário da análise de conteúdo escrita que se apoia essencialmente no registo semântico elementar)” (Bardin, 1977, p.173). Cada entrevista é uma “unidade de base” e que após a transcrição passa por diferentes etapas de análise.

“a análise da enunciação é complementar de uma unidade temática previamente efetuada. A análise da enunciação propriamente dita efetua-se a diversos níveis (nível das sequências, das proposições, dos elementos atípicos) e a interpretação, ou seja, a compreensão do processo em ato, resulta da confrontação dos diferentes indicadores. Na análise da enunciação, a validade é resultante de uma coerência entre os diversos traços significativos” (Bardin, 1977, pp.174-175).

Como a análise temática que

“é transversal (...) recorta o conjunto das entrevistas através de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos. Não se têm em conta a dinâmica e a organização, mas a frequência dos temas extraídos do conjunto dos discursos, considerados como dados segmentáveis e comparáveis” (Idem, p.175).

Na análise da enunciação

“cada entrevista é estudada em si mesma como uma totalidade organizada e singular. Trata-se do estudo dos casos. A dinâmica própria de cada produção é analisada e os diferentes indicadores adaptam-se à irredutibilidade de cada locutor” (Idem, p.175).

Como síntese deste Capítulo destaco a clara opção por uma metodologia qualitativa, de um estudo de caso, adotada nesta investigação. Salvaguardados os princípios éticos inerentes, e apresentadas as principais características desta metodologia, surgem

explicitadas as técnicas de recolha de dados utilizadas – observação direta e não participante, entrevista e análise documental – sempre acompanhadas do respetivo suporte teórico, recorrendo a diferentes autores, de acordo com o objeto de estudo.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo centra-se no estudo empírico, com a apresentação e discussão dos dados. Análise documental, observação direta e não participante e entrevistas semi-estruturadas constituíram as técnicas utilizadas no processo de triangulação.

3.1 Análise documental

A análise documental incide na escritura e estatutos da Associação, no regulamento geral interno, nos planos de atividades, e, por fim, no jornal “O Mensageiro de Rio Frio”, documentos gentilmente cedidos pela direção, na pessoa do seu Presidente.

3.1.1 Escritura e Estatutos

Importa sublinhar o facto de que a Associação Recreativa e Cultural de S. João de Rio Frio teve na base da sua formação informal um grupo de seis jovens, que no ano de 1987 se juntou, com o apoio incondicional do presidente da Junta de Freguesia, contudo, só volvidos dez anos surgiu formalmente.

Assim, onze elementos, maioritariamente do género masculino e da freguesia de Rio Frio, juntaram-se para constituir a Associação, que nasceu no dia 28 de Fevereiro de 1997, segundo a fotocópia “extraída de escritura lavrada de folhas quarenta e duas a folhas quarenta e quatro do livro de notas para escrituras diversas número CENTO E OITENTA E SEIS-C, deste Cartório” (p.2), ou seja, o Cartório de Arcos de Valdevez – sede do concelho. Os onze outorgantes, reconhecidos pela notária, declararam, assim, que pela presente escritura constituíam a associação, a qual se regerá pelas cláusulas constantes dos estatutos aí plasmados. Um conjunto de 13 artigos compõe os estatutos, que começam por fazer referência à sede da Associação – o lugar da Igreja, em Rio Frio e a duração que será por tempo indeterminado. O segundo artigo cita “A Associação, que não visa fins lucrativos, é apartidária e aberta a quaisquer pessoas, sem distinção de cor ou religião” (p.3). Segue-se o objeto da Associação que consiste em atividades recreativas e culturais. O artigo quarto menciona que “para a prossecução dos seus fins a associação atuará através de seções especializadas, englobando os diversos campos

que se mostrem necessários aos mesmos fins e que venham a ser aprovados em assembleia geral” (p.3). Do artigo quinto ao artigo décimo segundo, o enfoque é colocado nos órgãos da associação: Assembleia Geral, Direção e o Conselho Fiscal, constituição e competências de cada um. O último artigo remete para situações omissas e para a lei aplicável, bem como o Regulamento Geral Interno que será aprovado em Assembleia Geral.

3.1.2 Regulamento Geral Interno

Composto por seis capítulos, o Regulamento Geral Interno (1997) apresenta, logo no primeiro artigo, os objetivos da Associação:

- a) “A intervenção descentralizadora no domínio da cultura e do desporto;
- b) A animação, produção e difusão culturais;
- c) Valorização e defesa do património cultural;
- d) O apoio a iniciativas e ações sociais, culturais e desportivas em que está inserida;
- e) O incremento da participação desportiva” (p.1).

Aos objetivos seguem-se os meios financeiros indispensáveis à sua prossecução, ou seja, aqueles que vierem a ser concedidos “nomeadamente sob forma de dotações ou subsídios de entidades públicas ou particulares, bem como provenientes de donativos, quotizações, heranças ou eventuais récitas de manifestações de carácter cultural ou desportivo” (p.1).

O capítulo dois engloba os artigos quatro a oito e dizem respeito às condições de admissão, direitos, deveres e expulsão de sócios. O capítulo terceiro, nos seus artigos nono e décimo, é inteiramente dedicado à Assembleia Geral – constituição, convocatórias e competências. Enquanto órgão principal da Associação, convém fazer referência às suas competências:

- a) “Eleger, demitir, aceitar ou recusar os pedidos de expulsão, julgar os atos dos corpos sociais da ARCSJRF, assim como dos órgãos das suas diferentes secções;
- b) Deliberar sobre todos os assuntos que lhe sejam submetidos pelos corpos sociais, órgãos das secções;
- c) Aprovar, rejeitar ou modificar o relatório e contas da Direção e pareceres do Conselho Fiscal, bem como os orçamentos da ARCCJRF;
- d) Aplicar a sanção da alínea c) do Artigo 7º deste regulamento;

- e) Alterar o Regulamento Geral Interno;
- f) Os estatutos ou o Regulamento Geral Interno só poderão vir a ser alterados em Assembleia Geral, mediante deliberação aprovada por maioria de dois terços dos presentes” (1997, p.3).

O capítulo quarto, do artigo décimo primeiro ao décimo oitavo, aborda os corpos sociais, que são eleitos por um período de dois anos. A primeira secção refere a Mesa da Assembleia Geral, a segunda respeita à Direção e a terceira ao Conselho Fiscal.

As atividades a desenvolver pela Associação encontram-se no capítulo quinto, artigo décimo nono, a partir de secções especializadas como secção do jornal, secção social e secção do desporto. O capítulo sexto e último apontam as disposições gerais.

3.1.3 Planos de Atividades

Como metodologia, apresento os planos de atividades disponibilizados e, no final, farei uma análise apreciativa.

o Plano de Atividades de 2001

Plano Cultural:

- Dinamizar o Rancho Folclórico;
- Dinamizar a equipa de futebol;
- Criar uma equipa de atletismo;
- Organizar uma excursão para sócios à Nossa senhora da Penha – Guimarães;
- Um magusto no mês de Novembro;
- Preparar atempadamente um grupo para cantar os Reis;
- Criar uma equipa para o jornal.

Outros projetos:

- Adquirir uma carrinha para serviço do Rancho e outros.
- Pôr em estudo um projeto de construção para uma sede para a Associação.

o Plano de Atividades de 2002

Plano Cultural

- Dinamizar o Rancho Folclórico;
- Festival Folclórico no dia 29/06/02;
- Apoiar a Equipa de Futebol de Salão;

- Organizar uma excursão para sócios, a S. Bento do Gerês no dia 02 de Junho de 2002;
- Organizar uma desfolhada no mês de Setembro;
- Festa das crianças da Escola de Música em data a designar;
- Realização do tradicional magusto que será a coincidir com o II Aniversário do Rancho Folclórico de S. João De Rio Frio;
- Festa de Natal para todas as crianças das idades compreendidas entre os três e os dez anos, que será abrilhantada pelos alunos da Escola de Música. Continuaremos com os grupos para cantar os Reis;
- Festa de passagem de ano;
- Continuar com a equipa do jornal, que sai trimestralmente;
- Continuação com a Escola de Música.

o **Plano de Atividades de 2005**

- janeiro – Cantar os Reis;
- 24 de abril – Festa do Idoso/Encontro de Concertinas;
- 22 de maio – Excursão à senhora da Penha em Guimarães;
- 26 de junho – Festival Folclórico;
- 19 de setembro – Desfolhada;
- 25 de setembro – Convívio do Rancho Folclórico;
- 13 de novembro – V Aniversário do Rancho Folclórico
- Continuaremos com a Escola de Música;
- Continuaremos com o Grupo de Cavaquinhos;
- Continuaremos com o jornal “O Mensageiro”;
- Continuaremos a dar apoio aos jovens no desporto;
- Vamos tentar criar um Grupo de Teatro.

o **Plano de Atividades de 2006**

- 01 de janeiro – Cantar os Reis;
- 07 de abril – Festa do Idoso/Encontro de Concertinas;
- 21 de maio – Excursão a Nossa senhora de Fátima;
- 25 de junho – Festival Folclórico;
- agosto – Convívio para todos os sócios;
- setembro – Convívio do Rancho Folclórico;
- 19 de novembro – VI Aniversário do Rancho Folclórico;
- 17 de dezembro – Festa de Natal para todas as crianças;
- Continuar com o Grupo de Cavaquinhos;
- Continuar com o jornal “O Mensageiro”;
- Continuaremos a dar apoio aos jovens no desporto;
- Continuaremos a dar apoio ao Grupo de Teatro já em atividade.

o **Plano de Atividades de 2009**

- 01 de janeiro – Cantar os reis;
- 26 de janeiro – Excursão a Nossa Senhora de Fátima;
- 10 de maio – Encontro de Concertinas/encontro de Idosos;
- junho – Passeio pedestre com almoço convívio e jogos tradicionais (dia a designar);
- 21 de junho – Festival Folclórico;
- 20 de agosto – Convívio para todos os sócios;
- 08 de novembro – Festa de Natal para todas as crianças;
- Jornal “O Mensageiro”;
- Vamos tentar continuar com o Grupo de Teatro.

o **Plano de Atividades de 2010**

- janeiro – Cantar os Reis;
- 25 de abril – Encontro de Concertinas/Encontro dos Idosos;
- 13 de junho – X Festival Folclórico do Rancho Folclórico Etnográfico;
- 21 de junho – Excursão a St.^a Tecla;
- 14 de agosto – Convívio para todos os sócios;
- 31 de outubro – Convívio do Rancho Folclórico;
- 07 de novembro – X Aniversário do Rancho Folclórico e Etnográfico;
- 19 de dezembro – Festa de Natal para todas as crianças;
- 31 de dezembro – Passagem de ano
- Jornal trimestral.

o **Plano de Atividades de 2011**

- janeiro – Cantar os Reis;
- 10 de abril – Encontro de Concertinas/Encontro dos Idosos;
- 29 de maio – Excursão à Sr.^a da Penha;
- 19 de junho – XI Festival Folclórico do Rancho Folclórico Etnográfico;
- agosto – Convívio para todos os sócios;
- 06 de novembro – XI Aniversário do Rancho Folclórico e Etnográfico;
- 19 de dezembro – Festa de Natal para todas as crianças;
- 31 de dezembro – Passagem de Ano
- Jornal Trimestral.

o **Plano de Atividades de 2012**

- 29 de abril – Convívio de Idosos;
- 03 de junho – Excursão a Nossa Senhora da graça e Senhora da Penha;
- 17 de junho – Festival Folclórico;
- 16 de agosto – Convívio para todos os sócios;
- 11 de novembro – XII Aniversário do Rancho Folclórico;
- 16 de dezembro – Festa de Natal para todas as crianças.

Como podemos constatar há atividades que se têm vindo a tornar consistentes e fixas no tempo, uma vez que surgem de forma constante em todos os planos de atividades. Assinalam, por exemplo, datas comemorativas e tradições – Cantar os Reis, Magusto, Festa de Natal, Passagem de Ano. Desde 2001, os sócios têm usufruído de uma excursão, normalmente em maio e, a partir do ano de 2006, de um convívio, no mês de agosto. O Jornal “O Mensageiro” nasceu em 1997, apesar de o plano de atividades de 2001 fazer referência à criação de uma equipa para esse efeito. O Festival do Rancho Folclórico Etnográfico constitui-se como uma marca forte na agenda cultural da Associação, uma vez que já conta com a XI edição e a conseqüente comemoração do seu aniversário, em novembro. De realçar que o Rancho Folclórico nasceu em 2000. O ano de 2005 marca o início do Encontro de Concertinas, em simultâneo com o Encontro dos Idosos. O plano de atividades de 2005 apela à continuidade da Escola de música e do grupo de cavaquinhos, mas no plano do ano seguinte já só refere a continuidade do grupo de cavaquinhos. Em relação ao teatro, o plano de 2005 refere “vamos criar um grupo de teatro”, o de 2006 “continuaremos a dar apoio ao Grupo de Teatro já em atividade”, o de 2009 “vamos tentar continuar com o Grupo de Teatro” e desde aí, só o plano de 2012 faz referência ao grupo de teatro - “Apoio ao Grupo de Teatro”. Verifica-se também que o último plano apresenta um conjunto de atividades, que ao longo dos anos têm vindo a ganhar maior expressividade, parece haver uma redução de atividades e uma aposta apenas naquelas consideradas mais “emblemáticas”, ou seja, “Convívio de idosos”, “Excursões”, “Festival folclórico”, “Convívio de idosos”, “Festa de Natal”.

3.1.4 “O Mensageiro de Rio Frio”

Analisarei, de seguida, um conjunto de 24 Jornais disponibilizados, sendo o primeiro datado de setembro de 1997 e o último de abril de 2012. Como metodologia de trabalho apresentarei um levantamento dos títulos de cada “Mensageiro de Rio Frio”, que surgem por ordem, da primeira até à oitava página, acompanhado de um breve resumo do respetivo editorial e de um destaque, nas observações. É nesta coluna das observações que serão realçados os artigos sobre o Teatro. Pretendo, com esta análise, compreender a visibilidade do grupo de teatro, no seio da Associação e da comunidade onde está inserido.

o **Setembro de 1997 Ano I – Nº 3**

Títulos

- Festas do concelho
- Festas em Rio Frio
- Festas e Romarias
- O Bar da Associação
- O Regresso às aulas
- Sinais do tempo
- Casamentos
- Amigos Emigrantes
- A Raça Barrosã
- O Mau Vizinho
- Amor
- Lixo no lixo
- Anedota
- Receita
- Futebol
- 1º Grande Convívio de Cavaleiros viveiro florestal da Miranda
- BTT Prozelo/97
- Acidente

Editorial

Destaca o trabalho da Associação, enquanto contributo para o desenvolvimento e progresso da terra, e o seu papel na formação cívica das pessoas, não só porque promove e transmite cultura, mas também porque constitui um referencial de coletividade. Grande parte da população simpatiza com a Associação,

“o que faz manter de pé este arrojado projeto, cujo fim último é levar mais longe o nome da nossa terra. Ainda que não possamos ter tudo que queremos, temos do nosso lado a nobreza daqueles que acreditam em nós” (1997, p.1).

Observações

Realço o artigo “O Bar da Associação” que abriu as suas portas no dia 2 de Agosto de 1997 e reveste-se da maior importância, quer para o suporte das atividades a desenvolver, quer para o convívio entre sócios e ainda como lazer, já que se podem visualizar filmes e desafios de futebol apoiados pelo projetor de vídeo e outro tipo de distrações como jogos de cartas, dominós, xadrez, damas...

o **Novembro de 1997 Ano I – Nº 4**

Títulos

- Magusto da Associação
- Este ano o Inverno chegou mais cedo
- Sida
- Curiosidades
- “Outros Tempos”
- Acidente
- Faleceu
- Televisão Nova
- Divulgação dos Resultados do Inquérito
- Autarquia
- Campanha Natal Feliz
- Noite Perdida
- O Futebol a Ginástica e a Saúde
- Cultura
- Polvo guisado à moda do Minho
- Factos e Personalidades

Editorial

Marcado exclusivamente pelo ato eleitoral que se avizinha, colocando a tónica no apartidarismo e isenção da Associação. O longo editorial termina desta forma: “A ARCSJRF não se alheia do papel de educador cívico, apela a todos os eleitores para que cumpram o seu dever de votar, e mais que isso recomenda serenidade, livre consciência e responsabilidade na escolha” (1997,p.1).

Observações

Destaco os resultados do inquérito realizado em julho deste ano, pelos jovens que participaram no O.T.L., relativamente à distribuição geográfica da população de Rio Frio, à emigração, à obra desenvolvida pela junta de freguesia.

○ **Janeiro de 1998 Ano I Nº 4**

Títulos

- As Janeiras
- Passagem de Ano em Grande
- Candidatos eleitos
- Ainda as eleições de 14 de Dezembro
- Campanha de Natal
- O cantinho do leitor
- Estrada de Ladeiras-Grijó – EN 303
- Igreja de Rio Frio

- Divulgação dos resultados do inquérito (continuação)
- A Floresta
- Racismo
- O Tabaco
- Juízo do Ano
- Coscuvelhice
- Receita
- Passatempo
- A Poda da Videira
- Antes e Depois
- A vida

Editorial

Como o início do ano é tempo de balanços, a direção apresenta “um balanço abstrato”, fazendo a sistematização “dos eventos levados a cabo pela Associação, o envolvimento deste grupo no meio, na vida da freguesia, enumerar os contratempos e, porque não, delinear estratégias para o futuro” (1998, p.1). Agradecimento ao povo de Rio Frio por manifestar muito apreço por tudo patrocinado e dinamizado pela Associação. Lançam o apelo à juventude e preconizam uma intervenção ativa no quotidiano da freguesia.

Observações

Distingo o editorial por preencher grande parte do jornal e pelo conteúdo desenvolvido. O balanço inclui agradecimentos, críticas aos que não acreditam nos ideais da Associação, sublinha a parceria com outras entidades e participação em projetos-piloto como o rendimento mínimo garantido, os programas de O.T.L, os contactos com a Segurança Social, etc., refere as atividades desenvolvidas e termina com o papel do Mensageiro como promotor de laços e pontes com aqueles que se encontram no estrangeiro.

o Março de 1998 Ano I – Nº 6

Títulos

- Rally Sopet/98
- Assalto à Residência Paroquial
- Inquérito (continuação)
- A cirrose

- Vem aí o Euro
- Culinária
- Anedota
- Torneios de sueca
- Mulher/Mãe
- Quer partir a cabeça e não consegue?
- Acidente de Viação
- Sanidade Vitícola

Editorial

Aborda a questão do envelhecimento, em Rio Frio, de acordo com os dados apresentados no inquérito, no qual mais de metade da freguesia tem mais de 50 anos. Levanta a questão “Com que podem e devem contar os mais novos retribuir aos mais velhos tudo que deles receberam?” (1998, p.1).

Apela à população de Rio Frio para a reflexão sobre a necessidade urgente de construir um centro de apoio à terceira idade.

Observações

Sublinho o artigo Inquérito (Continuação) por continuar a fazer o retrato de Rio Frio nos temas – condições de vida, Educação, religião e vida associativa. Esta última área aponta para um número de associados na ordem dos 250 sócios e à pergunta “Quais as ações que gostariam de a Associação desenvolvesse?” a resposta mais ouvida passa pela criação de um grupo de teatro e de música.

A disponibilidade destas pessoas para participar revela-se fraca, pois querem “ver, ter, usufruir, sem participar ativamente” (1998, p.4).

o Outubro de 1999 – Ano III - Nº 11

Títulos

- Excursão a Santiago de Compostela
- Timor
- Saudades
- Premiados
- Inauguração

- Adeus Amália!
- Passeio a Fátima
- Festividades

Editorial

A direção endereça o convite a todos os associados e familiares para o magusto. Aproveita para informar os sócios residentes no estrangeiro que, a partir do próximo ano, vão poder receber o jornal bimensalmente “em suas casas, estejam na Europa, África ou América, sem que tenham de pagar mais algo por isso”, basta terem as quotas atualizadas. Apela à participação, a críticas construtivas e ao envio de notícias para publicação. Informa ainda que está constituída uma equipa de futebol e que em breve iniciará os seus treinos no campo de Gondião, quando estiverem criadas todas as condições para o efeito.

Observações

Destaco o artigo “Adeus Amália” pela forma apaixonada como trata a embaixadora do fado. Termina desta forma:

“A vida de Amália Rodrigues foi Fado, a sua morte é Saudade. Ela era aquilo que cantava. É assim que deve ser lembrada, na certeza de que, enquanto existir Fado, Amália estará connosco para sempre” (1999, p.5).

o Março de 2001 – Ano V - Nº 17

Títulos

- Provas de Orientação
- Um Inverno Rigoroso
- Assembleia Geral
- Donativos para o Rancho
- Liga Portuguesa contra o Cancro (Peditório 2000)
- Inquérito de -Caracterização dos Beneficiários do Rendimento Mínimo Garantido
- Humor
- Eu sonhei que...
- Primavera
- Poluição
- O Ribeiro da minha aldeia
- O meu concelho Arcos de Valdevez
- O nosso Carnaval

- Rancho Folclórico
- Culinária
- O Bom e o Mau Vizinho
- Falecimentos
- Batizado
- S. Vicente
- O Capador deixou de o ser
- Freguesia de Rio Frio
- É sempre bom saber
- S. Vicente há 50 anos

Editorial

Nova direção entra em funções e promete dar continuidade ao trabalho da anterior: apoiar o rancho folclórico, para levar o nome e o prestígio de Rio Frio a outras paragens, apostar no desporto para os jovens, criando um grupo de atletismo e apoiando a equipa de futebol. “Para que estas atividades se possam desenvolver de uma forma sustentada e para isso é nossa intenção adquirir uma carrinha de 9 lugares.”. A pensar não só no presente mas também no futuro “temos intenções de adquirir um terreno para que um dia a Associação possa construir o seu próprio espaço e assim criar condições para desenvolver as suas atividades” (2001, p.1).

Observações

Realço o artigo “Freguesia de Rio Frio”. A Junta de Freguesia propôs a criação da simbologia heráldica, o que resultou na recolha de algum historial que será publicado no jornal repartidamente. Inicia com a origem toponímica do nome Rio Frio e prossegue com a caracterização histórico-geográfica

o Junho de 2001 – Ano V - Nº 18

Títulos

- Convívio
- Vivia Sozinha
- Rio Frio do passado e do presente
- Nova Lei do Ruído
- Cães à solta, o que fazer?
- Festa da Escola de Música
- Azar na escola

- Roubo na nossa escola
- Água canalizada em Rio Frio
- Desgraças do mau tempo
- Páscoa é...
- Provas de aferição
- O nosso amigo emigrou
- Fichas com música
- Mãe
- A eletricidade
- Receitas d'avozinha
- O que é a Internet'
- Falecimentos
- Freguesia de Rio Frio (Continuação da História Geográfica)
- Agricultura biológica
- Os jogos tradicionais
- Casa destruída pelo temporal
- Rancho Folclórico e sua atividade
- I Festival Folclórico de Rio Frio

Editorial

Em jeito de balanço dos 13 anos de existência da Associação e do jornal, com algumas interrupções, é sugerido à equipa de redação que seria engraçado publicar o primeiro artigo, para recordar e localizar as pessoas no tempo. Estes 13 anos “foram solidificando as relações entre os sócios, dirigentes e outras organizações e tornaram esta ‘coisa’ muito mais séria a que chamamos hoje Associação”. Realça a disponibilidade atual de várias pessoas para integraram órgãos da direção e os objetivos cumpridos como a aquisição do terreno para a construção da sede. Informa que têm “em andamento já um projeto de construção bem como um projeto de financiamento, que aliado à colaboração dos Riofrienses e em especial à dos nossos associados (...) para dar forma a esta ideia que cada vez mais se vai tornando realidade” (2001, p.1).

Observações

Destaco os vários artigos assinados pelos alunos das duas escolas do 1º Ciclo existentes na freguesia.

o **Setembro de 2001 – Ano V - Nº 19**

Títulos

- I Festival Folclórico
- I Aniversário
- Coragem para Amar o Folclore
- Rio Frio...
- Como vão as nossas escolas
- Associação Recreativa e Cultural de Rio Frio nas festas do Concelho
- A nossa escola
- Para Rir
- Passeio a Santiago de Compostela
- Falecimentos
- Freguesia de Rio Frio (Continuação da História Geográfica)
- Novidades no novo ano escolar
- Livro
- Regresso à escola

Editorial

Volta a colocar a tónica na construção da sede da Associação e informa da conclusão do projeto, que poderá ser facultado aos sócios para uma leitura mais atenta. Apela à união dos Riofrienses principalmente “nesta altura de eleições em que por vezes os ânimos ficam um pouco mais exaltados e perdemos o discernimento e a racionalidade. É bom que os sócios e Riofrienses entendam de uma vez por todas que a Associação é completamente apartidária e que a direção deve manter o diálogo com todas as fações políticas em especial com o poder autárquico. Só assim com este espírito poderemos tirar partido da situação e conseguir apoios indispensáveis à execução da obra” (2001, p.1).

Observações

Destaco os artigos dedicados ao Rancho Folclórico, principalmente “coragem para Amar Folclore”, exortando o folclore, abordando um pouco a sua evolução histórica. “Quem apresentar estes requisitos (amor, coragem, generosidade, humildade) e andar num Rancho Folclórico é rico interiormente, prefaciando Pedro Homem de Melo, que dizia ‘ninguém vive do Folclore, mas felizes aqueles que vivem para o Folclore. Muitas coisas poderiam

ser ditas à volta deste tema, mas Folclore, como tudo na vida, deve ser falado com conta, peso e medida, neste inesgotável tema deixamos só uma palavra a todos, 'AMEM O FOLCLORE" (2001, p.2).

o **Março de 2002 – Ano VI - Nº 21**

Títulos

- Páscoa, Celebrar o Amor
- Eleições para a Assembleia da república
- Cantar os reis
- Rancho Folclórico e a sua atividade
- Rancho Folclórico na -Festa da Sr.^a das Boas Novas
- Assembleia Geral despesas receitas
- Plano de atividades para 2002
- As Azeleiras
- Símbolos Pascais
- Páscoa é...
- As Árvores da nossa escola
- Falecimentos
- Freguesia de Rio frio (Continuação da História Geográfica)
- O nosso desfile de Carnaval
- A Pré-Primária na nossa freguesia
- Adeus Escudos! Viva o Euro!
- Para divertir
- Anedota
- Obras na nossa escola

Editorial

“Amigo e benévolo leitor, sabia que existe neste momento em Rio Frio, uma Associação Recreativa e Cultural? ...assim começava há 14 anos, mais precisamente em Maio de 1988, o Editorial daquela que foi a primeira edição do jornal. O Mensageiro falava da inauguração da Sede da Junta de Freguesia e de um grupo de jovens que espontaneamente ali se reuniu para cantar umas cantigas e para representar umas anedotas”. Foi esse o ponto de partida para que se criasse a Associação. Informa que a Sede (emprestada) tem aquecimento, televisão, vídeo, máquina de café e servem bebidas. Convoca a garra daquele grupo para o momento presente, para levar por diante a construção da Sede. Recorda o Editorial de Maio de 1988 “...o objetivo da Associação é atingir uma meta que não tem fim, ou seja, temos por objetivo

promover a cultura em Rio Frio mas nunca chegaremos ao fim porque o desenvolvimento não tem limites” (2002, p.1).

Observações

Assinalo o Editorial, precisamente porque é acompanhado de duas fotos de dramatizações, as primeiras manifestações públicas da semente do teatro.

o **Junho de 2002 – Ano VI - Nº 22**

Títulos

- Passeio/Convívio organizado pela Associação
- Ratinhos na Sede da Junta de Freguesia
- A agricultura nas Azeleiras
- Assim Vai Rio Frio
- Outro Mundo é possível
- O Tabaco
- Pedido de Desculpas
- II Festival Folclórico de rio Frio
- A chegada do Verão
- Falecimentos
- Freguesia de Rio Frio (Continuação da História Geográfica)
- Limpeza do Miradouro
- O Dia da Criança
- Limpeza de uma área
- Poema ao Rio Frio
- Os meninos da Pré-Primária

Editorial

Reitera os objetivos do Mensageiro “informar aqui e além fronteiras o que de mais importante vai acontecendo cá na nossa terra”. Apresenta o “estado de saúde e as perspetivas de futuro” da Associação. Regista um aumento significativo do número de sócios, mais 80 membros, um crescimento de cerca de 40% em 2001. Conta agora com 246 sócios e, de preferência, que sejam pagantes. Termina com a promessa de tudo fazer para que a Associação possa continuar a merecer a confiança dos associados e de novos membros.

Observações

Destaco o artigo “Outro Mundo é Possível” da autoria do pároco da freguesia, pelo toque de modernidade, ao abordar a questão

dos movimentos antiglobalização para desembocar na Campanha Internacional Jubileu 2000, organizada pela igreja, denunciando “o aumento da pobreza, o incremento gigantesco das desigualdades económicas produzido nas últimas duas décadas e o poder enorme que as multinacionais e os maiores grupos financeiros açambarcam. Os lemas mais comuns dos grupos mais católicos que também engrossam as fileiras deste movimento de protesto são: Globalizar a esperança, globalizar a solidariedade. E assim se juntam ao lema geral: Outro Mundo é Possível” (2002, p.3).

o **Setembro de 2002 – Ano VI - Nº 23**

Títulos

- II Festival Folclórico Rio Frio 2002
- A Obra Desejada
- Mão Criminosa no -incêndio do Monte do Formigueiro
- O Homem e o Meio Ambiente
- A Nossa Terra e a sua Festa
- Início do Ano Letivo
- Vindima até ao Lavar dos Cestos
- Pequenas Notícias
- Culinária
- Batizados
- Casamentos
- Falecimentos
- Freguesia de Rio Frio (Continuação da História Geográfica)
- Passeio a Fátima integrado no Circuito Sénior
- Desfolhada e Rio Frio
- Pensamentos
- Festival Folclórico
- As Festas de Rio Frio

Editorial

Faz alusão ao mês de agosto – mês por excelência – dedicado aos emigrantes, em que a rotina e a pacatez se altera “o comércio anima, as pessoas parecem mais felizes, as estradas enchem-se de carros, as bichas para qualquer lado aumentam, os lugares de estacionamento escasseiam, enfim, dizemos nós os que cá estamos ‘veio o gosto’”.

Denota o decréscimo nas visitas à terra por parte dos emigrantes e, conseqüentemente, uma menor atualização de cotas. Apelam à

importância deste apoio precisamente agora que a sede está a ser construída e, por isso, uma maior responsabilidade para a Associação, entidade que serve de “forma isenta, imparcial, e descomprometida, tornando-se uma instituição pertença de todos quantos a apoiam” (2002, p.1).

Observações

Este número apresenta na primeira e na última página um artigo sobre o II Festival Folclórico e o II Aniversário.

Destaco o artigo “O Homem e o Meio Ambiente” da responsabilidade do pároco da freguesia, a propósito do Ano Internacional das Montanhas (2002).

o **Junho de 2003 – Ano V - Nº25**

Títulos

- Rancho Folclórico de S. João de Rio Frio atuou em Cenon-Bordeaux – França
- 7º Passeio/Convívio
- Donativos para a Sede da Associação
- Discografia
- Vez e Voz
- Assim vai Rio Frio
- A Nossa terra e as suas Maravilhas
- Os Ribeiros da nossa freguesia
- Dia da criança
- Sabias que...
- A visita Pascal na minha aldeia
- Visita de Estudo à ETAR
- Passeio a Viana do Castelo
- Falecimentos
- Ser Criança
- O marinheiro, o gato e o velho
- Amar a natureza
- Ciclo da água
- Agradecimentos
- Visita ao Oceanário
- III Festival Folclórico Rio Frio 2003
- Mãe

Editorial

Aborda a temática das festas e romarias, e agradece o contributo financeiro prestado até ao momento, contudo, ainda não é

suficiente. Da parte da Associação tudo está a ser feito para que as obras avancem o mais rápido possível e “esperamos agora com a vinda dos emigrantes receber um novo impulso e assim dar mais um passo nesta difícil caminhada” (2003, p.1).

Observações

Para além da capa e contracapa fazerem alusão à atuação do Rancho Folclórico em terras francesas – Cenon- Bordeaux, o interior do jornal apresenta a divulgação do 2º trabalho em cassete e CD, intitulado *Cantigas da minha terra*. Um CD com 20 temas de folclore da região onde se insere, fruto de “um trabalho exaustivo de recolha” (2003, p.2).

o **Dezembro de 2003 – Ano V – Nº 27**

Títulos

- Rancho Folclórico comemorou III Aniversário
- Festa de Natal
- Rio Frio XXI
- Cantar os Reis
- Assim vai Rio Frio
- Presépio, escola de bondade
- A preparação do nosso Magusto
- Festejámos o S. Martinho
- Jardim de Infância Fonte de Conhecimento
- Ó vinde pastores
- O nosso esquentador
- Falecimentos
- Batismo
- À Nossa Aldeia
- Mensagem de Natal e Ano Novo
- Onda de Assaltos na Freguesia
- Freguesia de Rio Frio
- (Continuação da História Geográfica)

Editorial

Começa com a frase “Uma prenda no sapato” como mote para a época natalícia que se avizinha e termina coma forma como as crianças reagem no momento de receberem os presentes “Ou passam ao embrulho seguinte na ânsia de que o que se segue consiga ser melhor um pouco, ou ficam deslumbradas, estupefactas e iniciam logo um trabalho de investigação

carregando em tudo o que podem a fim de se inteirarem o mais rapidamente possível das capacidades do brinquedo” (2003, p.1).

Observações

Capa e contracapa referem a comemoração do “III Aniversário do Rancho Folclórico”

Destaco o artigo “Jardim de Infância Fonte de Conhecimento” pela forma como é divulgado o trabalho que se desenvolve neste nível de ensino.

o **Março de 2005 – Ano V – Nº 31**

Títulos

- Cantar os Reis de Porta em Porta é tradição que se mantém
- I Encontro de Concertinas
- Resumo das atividades durante o ano de 2004
- Assembleia Geral
- Plano de Atividades para o ano de 2005
- E Agora Portugal!
- O Carnaval
- O primeiro dia de Março
- O acordar da Primavera
- Falecimentos
- Ressuscitou
- Rancho Folclórico de S. João de Rio Frio mais uma etapa concluída com êxito
- Assim vai Rio Frio
- Prezado(a) associado(a)
- Feira de Fumeiro e -Artesanato revela Artes e Sabores

Editorial

Dá conta da apresentação de contas e da eleição dos novos corpos gerentes para o novo mandato 2005/2007 na Assembleia Geral. Lamento pelo facto de as listas opositoras não efetivassem a sua candidatura e apresentassem as suas propostas. Registo do compromisso em “tornar a Associação cada vez maior, mais apreciada, quer cá dentro, pelos nossos sócios e simpatizantes, quer lá fora por esse mundo onde nos vamos cruzando com as nossas gentes e as demais Associações que como nós tentam de uma forma empenhada fazer um trabalho de divulgação da nossa terra dos usos e costumes e de uma forma geral melhorar a

qualidade de vida das nossas gentes, seja a nível cultural, social ou recreativo” (2005, p.1).

Observações

Destaco o artigo “Cantar os Reis de Porta em Porta é tradição que se mantém” na medida em que preserva a tradição secular que é necessário passar para os nossos vindouros. O grupo, composto por elementos do Rancho, percorreu diversos lugares da freguesia, para dar as boas festas e as boas vindas ao ano novo.

o **Julho de 2005 – Ano V – Nº 32**

Títulos

- Festival Folclórico Rio Frio 2005 Apresentou Folclore muito Representativo
- 9º Passeio/Convívio
- A Idade faz a Festa
- Assim vai Rio Frio
- Direito ao Ambiente
- Dedicatória aos Naturais da Freguesia de Rio Frio
- E Agora Portugal!
- Culinária
- Dicas
- Falecimentos
- Concelho de Arcos de Valdevez Promovido em Vigo
- Concertinas deslumbraram em Rio Frio
- Férias
- Festas com alma do Povo

Editorial

O sonho “tornou-se numa obra física, bonita, real, utilizável e dinâmica”. Este último atributo deve-se ao facto de num espaço de um ano, a sede da Associação está a sofrer obras de ampliação, criando mais um salão com oitenta metros quadrados para dar apoio às atividades. “Esta constante aproximação entre as necessidades e os meios é o que nos move cada vez com mais força e coragem de modo a podermos dar resposta e criar condições e meios para que as novas atividades como o teatro ou outras se possam desenvolver de uma forma sustentada e com êxito”. Associação pretende alargar o leque de sócios a outras freguesias vizinhas de modo a criar um núcleo onde cada um se

sinta “integrado participando na atividade para a qual tem mais apetência” (2005, p.1).

Observações

Destaco o I Encontro de Concertinas retratado no artigo “Concertinas”, o qual finaliza com as palavras de reconhecimento em prol da dimensão cultural proferidas pelo Presidente da Câmara.

o **Outubro de 2005 – Ano V – Nº 33**

Títulos

- Assim vai Rio Frio
- Um Coração Samaritano
- Mensagem de Aniversário
- Sentir o Livro, Viver a -Cultura
- Desfolhadas
- Ensino Sénior
- O Brilho das festas apagou-se com o extinguir do mês de Agosto
- Falecimentos
- Provérbios
- Javalis
- Incêndios

Editorial

Aborda a temática das férias enquanto momento de quebra de rotinas. Na Associação “vivemos um tempo de convívio por excelência em que aproveitamos para mostrar aos sócios, Riofrienses e não só, todo o trabalho de ensaios que se traduzem em atuações e espetáculos que espelham bem todo o nosso trabalho e dedicação. Este ano pela primeira vez, e após longos anos de jejum, fizemos renascer um pequeno grupo de teatro amador com atores que prometem fazer-nos divertir e passar uns bons momentos. A estreia da peça ‘Câmara da Carneirada’ fez, sem dúvida, revelar alguns talentos e confirmar outros que com um pouco mais de trabalho e dedicação irão com toda a certeza atingir níveis de excelência comparáveis a muitos grupos de teatro já com vários anos de existência”.

“A todos quantos regressam ao trabalho aqui ou no estrangeiro, desejamos a continuação de um bom ano e esperamos por todos de braços abertos sempre que quiserem regressar” (2005, p.1).

Observações

Destaco o artigo “Mensagem de Aniversário” dedicado aos 5 anos de existência do Rancho Folclórico, ou seja “cinco anos dedicados à cultura, à divulgação das nossas tradições, dos nossos usos e costumes, danças, cantares, reconstituições de atividades agrícolas e promoção de eventos e espetáculos de índole e temática variada”. “Acrece ainda, toda uma dinâmica consubstancial na promoção de realização ao serviço das escolas, das crianças e dos jovens que têm no Rancho Folclórico uma coletividade aberta ao serviço de todos” (2005, p.3).

o Dezembro de 2005 – Ano V – Nº 34

Títulos

- Rancho Folclórico de S.João de Rio Frio Festa de Belo Folclore apagou cinco velas
- Ensino Recorrente em Rio Frio Um ato de coragem
- Assim vai Rio Frio
- Beneficiação da Estrada 303 Paredes de Coura – A. Valdevez «via Rio Frio»
- Canção de Outono
- Donas de casa Dicas
- O Magusto
- Culinária
- Frutos Alegres
- Natal
- Associação Recebeu Placa dos 70 Anos do INATEL
- Falecimentos
- Mensagem de Natal
- O Tesouro de Tatunkámon (Egito)
- Prenda de Natal
- Nós e o Computador
- Festa de Natal Alegria das Crianças

Editorial

Começa por desejar Feliz Natal e um próspero Ano Novo e confortar todos com as palavras Amizade, Fraternidade e Paz. Aborda também, em jeito de balanço, o regozijo pelo cumprimento do extenso plano de atividades apresentado no início do ano e se

renovará com mais objetivos e novas metas para 2006. Acusa os tempos conturbados que vêm exigir mais da Associação, já que os apoios são cada vez menores e vai ser importante o empenhamento de todos para prosseguir os seus intentos. “Apesar de relativamente recentes já ninguém consegue imaginar Rio Frio sem a sua Associação ou o seu Rancho Folclórico. Somos indubitavelmente uma imagem de marca de Rio Frio. E os mais cétricos podem estar seguros que se nós não existíssemos, Rio Frio seria hoje uma freguesia mais pobre e menos desenvolvida” (2005, p.1).

Observações

Realço o artigo “Associação recebeu Placa dos 70 Anos do INATEL” pelo V Aniversário do Rancho, com a presença do Eng.^o António Pereira, que apelou à participação da juventude. Sublinhou “continuar a colaborar naquilo que é do mais puro e genuíno que são as nossas tradições, os nossos costumes” (2005, p.4).

É divulgado, no artigo Rancho Folclórico (...) apagou Cinco Velas, o *síte* do Rancho

o Março de 2006 – Ano VI – Nº 35

Títulos

- Teatro da A.R.C. de S. João de Rio Frio
- Escola de Cavaquinhos, Teatro e Festa de Natal Juntos no mesmo Local
- Caminhos no Deserto
- Plano de Atividades para o ano de 2006
- Sabores e Saberes de Rio Frio
- A visita ao Centro de Saúde
- A tradição de Cantar os Reis viveu-se em Rio Frio
- 10º Passeio/Convívio
- Gás Natural chega a Arcos de Valdevez
- Resumo das Atividades durante o Ano de 2005
- As Janeiras

Editorial

Este ano e para além da promessa de cumprir e fazer cada vez melhor os planos, a Associação vai dar início a um processo de alargamento das instalações, ou seja, vai construir uma sala com

50 metros quadrados destinada ao Bar. “Ao criar este espaço pretendemos libertar o salão da Associação para atividades recreativas e culturais concentrando a atividade do bar num espaço mais pequeno e mais adequado” (2006, p.1). Apela à colaboração de todos e à regularização das cotas em atraso.

Observações

Destaco o artigo da primeira página “Teatro da ARC de S. João de Rio Frio” que inicia desta forma:

“Foi num ambiente de grande admiração e expectativa e numa iniciativa destinada a revitalizar o Grupo de Teatro da Associação, esta promoveu no dia 18 de dezembro de 2005 na Festa de Natal uma comédia intitulada ‘A Câmara da Carneirada’ participada por um grupo de adultos e jovens, que através da arte cultural podem dar novas conotações às questões sociais e apresentar as adolescente o caminho para grandes descobertas em relação às suas potencialidades e à sua capacidade de absorver, pensar, avaliar e criticar o Mundo de informação a que têm acesso” (2006, p.1).

o **Abril de 2008 – Ano VIII – Nº 41**

Títulos

- Grupo de Teatro na Casa das Artes “O Maior Fazendeiro do Outeiro Caiu em Desgraça”
- Festa do Mártir S. Sebastião Começa o ano, -Começam as Festas
- A Ressurreição
- Visita Pastoral de D. José Augusto Pedreira
- Falecimentos
- Aprender até Morrer
- Assembleia Geral 2008 Despesas e Receitas
- Plano de Atividades para o Ano de 2008
- Como vai a Escola do 1º Ciclo e o Jardim de Infância de Rio Frio
- Assim vai Rio Frio
- Rio frio em Paris
- IV Encontro de Tocadores de Concertina

Editorial

O regresso à normalidade após a Páscoa. Apela à ajuda de todos para alcançar os objetivos traçados. “Numa economia cada vez mais global e exigente e em que as tecnologias imperam e por

vezes nos marginalizam ao ponto de nos dispensar cada vez mais, é fundamental que hajam núcleos de associativismo que nos socializem, que nos ponham a falar uns com os outros. O contacto com as pessoas gera conhecimentos que se transformarão um dia em experiência profissional. Experiência que nenhum telemóvel nos poderá transmitir” (2008, p.1).

Observações

Destaco o artigo da primeira página “Grupo de Teatro na Casa das Artes ‘O Maior Fazendeiro do Outeiro caiu em desgraça’

Aconteceu no dia 19 de Janeiro de 2008 e o grupo de teatro “levou à cena uma interpretação muito pessoal de um tema que colhe tradições, aclamações junto do público, e que tem, entre outros ‘O Avarento’ de Molière uma base de trabalho e inspiração”.

“O Grupo de Teatro da Associação tem vindo a apresentar algumas peças. Tudo o que foi feito até ao momento tem o nosso sangue, a nossa língua, pois só assim é que toca nos corações das pessoas. Cada peça é criada com amor e carinho e, na realidade, o que está ali é um pedaço de cada ator ‘é uma massa humana que se dedica de corpo e alma” (2008, p.4).

o Setembro de 2008 – Ano VIII – Nº 42

Títulos

- O Sonho Tornado Realidade Instalações Sociais
- O Amigo que Partiu
- VIII Festival de Folclore Rio Frio 2008 Folclore Revelou-se pela Qualidade
- Encerramento da Escola de Rodelas marca o arranque do ano escolar
- Um Mundo para as Crianças
- Crianças e Jovens de Rio Frio
- Assim vai Rio Frio
- A Idade e a Juventude Fazem a Festa
- Falecimentos
- Festas em Rio Frio – -Venha daí...Vamos à Festa!
- Agora os Idosos...

Editorial

Inicia com um balanço de final de férias e, por analogia, avalia o trabalho desenvolvido pela Associação “Uma das metas atingidas

e consolidadas é sem dúvida a certeza que temos que a nossa Associação atingiu um patamar de qualidade e de acreditação por parte da maioria das pessoas que nos torna um órgão social estável que luta por objetivos a médio e longo prazo que não passam pela sustentabilidade ou mesmo a subsistência ano após ano. Depois de uma direção virá outra seguramente, depois da saída de um elemento, mesmo que importante, virá outro, perante uma dificuldade surgirá uma solução. E é esta dinâmica de fazer e esta inércia que muitas vezes nos empurra para mais uma meta e mais um objetivo” (2008, p.1). Lança o apelo a todos para continuarem a ajudar a Associação, crescendo o número de sócios e participando nas atividades.

Observações

Destaco a notícia “O Sonho Tornado Realidade Instalações sociais” pelo marco essencial na curta vida da Associação. A sede “é um centro de decisões importantes que pode traduzir alguma estabilidade não apenas no quadro cultural mas também no quadro social da vivacidade da instituição. É o garantir de um salutar convívio entre os seus associados e de organizar festas convívios. A sede é o centro de comunicação. (...) Orgulha-se hoje esta instituição de contribuir para a formação integral das crianças e jovens, procurando incutir neles os verdadeiros valores humanos”. (2008, pp.1, 2).

o Julho de 2010 – Ano X – Nº 48

Títulos

- Festa do Folclore aconteceu uma vez mais em Rio Frio
- Grupo de Teatro apresentou “A Carneirada”
- Concertinas Animaram --Convívio Sénior
- Festividades em Honra de N.^a Sr.^a das necessidades 6, 7 e 8 de Agosto de 2010
- Festas do Santíssimo Sacramento e Padroeiro S. João Batista
- Festas em Rio Frio
- Novo Bispo da Diocese de Viana do castelo
- O Respeito pela Vida Humana
- Falecimentos
- Festividades em Honra de N.^a Sr.^a da Conceição
- Rio Frio Mostrou Devoção

- Assim vai Rio Frio
- Curiosidades

Editorial

Começa por fazer referência às férias que se avizinham e os preparativos inerentes. De igual forma na Associação “não deixamos de cumprir com a nossa função que é fazer também os preparativos para bem receber os nossos emigrantes e associados que nos visitam mais uma vez por altura das férias grandes. Temos este ano mais uma obra concluída (...) trata-se de mais uma sala destinada a exposição de todo o espólio da Associação. Um espaço onde quem quiser poderá em breve observar os troféus ganhos pela nossa Associação bem como um museu onde as pessoas poderão recordar objetos da vida quotidiana das gentes da nossa terra que, apesar de alguns deles parecerem velhos e ultrapassados, faziam há bem pouco tempo parte das nossas vidas e eram essenciais para qualquer família”. Aproveitam para convidar todas as pessoas a participar em todas as atividades agendadas para este verão quer ao nível do Rancho Folclórico, quer ao grupo de Teatro (2010, p.1).

Observações

Destaco o artigo “Grupo de Teatro apresentou ‘A Carneirada’”

“O Grupo de Teatro Amador da Associação reúne cerca de doze elementos, cuja amplitude etária se estende, sensivelmente dos 14 aos 55 anos, mobilizados pelo gosto por esta arte. Com encenação em várias localidades, o grupo teatral conciliando disponibilidades, procura organizar-se da melhor forma na preparação de cada espetáculo, tomando a seu cargo não só a representação como também a cenografia, a sonoplastia, a iluminação” (...9 “Fruto da altiva vontade e da paixão pelo palco, o grupo de teatro surgiu para colmatar uma falha que, na altura, existia na freguesia. Ao longo da sua atividade já levou à cena vários espetáculos, sendo hoje um dos poucos grupos de representação amadora no concelho a resistir às adversidades que essa condição impõe. (...) Optou este grupo por fazer teatro popular mas não popularucho nem mediatista, ou seja, não é hábito recorrer a formas fáceis de provocar boa disposição para

pôr o público a rir. O que se pretende é que as pessoas que vão ao teatro consumam produtos de qualidade. Temos consciência que divertir as pessoas e fazê-las rir com um bom texto é mais difícil de conseguir, mas é isso que se pretende. A utilidade do teatro popular não se resumirá, então, ao mero entretenimento e diversão. Ele passa também por provocar algum sentido crítico nas pessoas e dar-lhes a conhecer, de uma forma não maçadora, os textos dos autores Portugueses” (2010, p. 8).

Nota: esta notícia ocupa parte da primeira página e a última na íntegra.

o **Julho de 2011 – Ano XI – Nº 52**

Títulos

- Festival Folclórico em Rio Frio pôs toda a gente a Dançar
- Padre Serafim de Sousa Comemora 25 anos de Sacerdócio
- Assim vai Rio Frio
- Festa em Honra de N^a Sr.^a das Dores
- Falecimentos
- Grupo de Teatro - Teatro em Espetáculo Divertido
- Vinde e Descansai um Pouco!
- «No Empenho do povo está a essência das festas»

Editorial

Em tempo de férias, a Associação dá as boas vindas as todos e agradece àqueles que se preocupam com a vida associativa. “É através do feedback dos nossos sócios que aferimos se o rumo é o mais correto e se devemos continuar ou reforçar as nossas atividades. Por isso é importante para nós que não deixem de nos visitar” (2011, p.1).

Observações

Destaco o artigo “Grupo de Teatro Teatro um Espetáculo Divertido”

Apresentação da peça “O Maior Fazendeiro do Outeiro caiu em desgraça” na sede do ADECAS, freguesia de Sabadim.

“Livremente inspirada nalgumas farsas, que, de forma simples e descomplexada, expõe alguns podres (e algumas virtudes) da nossa sociedade (...) Foi mais um espetáculo interessante que

permitiu a todos os presentes desfrutarem de um bom momento de cultura e de lazer. Mais uma vez, tendo colhido imensos elogios junto do público, deixando uma excelente imagem do trabalho artístico que o nosso grupo de teatro está a produzir. A associação tem vindo a fazer esforços na interação com a população que mora na freguesia, pretendendo a ocupação dos tempos livres dos jovens e o desenvolvimento cultural da freguesia. Para tal encontrou no teatro uma forma de destaque. O teatro é uma arte em que o ator ou um conjunto de atores representam uma história ou atividade que tem como objetivo despertar sentimentos na audiência. A representação é uma atividade que muitos jovens sonham com o objetivo de obter fama ou mesmo auto realização, uma vez que, estar em palco é entrar na pele de quem não se é todos os dias, esquecendo um pouco a realidade e entrando um pouco na ficção”(2011, p.6).

o **Dezembro de 2011 – Ano XI – Nº 52**

Títulos

- Natal todo o Dia
- Assembleia Geral Ordinária
- Folclore e Bombos na Festa de Aniversário do Rancho Folclórico
- Assim vai Rio Frio
- Árvore de Natal
- Sobre o Projeto de -Redução do Número de Freguesias
- Dia de Todos os Santos
- Mensagem de Natal e Ano Novo
- Falecimentos
- Celebração da Ação de Graças pelos 10 Anos de -Vida Sacerdotal
- Paróquia de Rio Frio Recebeu Novo Sacerdote
- Feliz Natal

Editorial

Com a proximidade do Natal e o final do ano é chegado o tempo de fazer “balanços, inventários, relatórios e contas que se fazem sempre com o mesmo objetivo que é analisar o que correu bem ou mal para corrigir e melhorar no próximo ano”.

Em final de mandato é tempo de eleições de nova direção e apela a uma reunião da Assembleia Geral participada. Em tempos difíceis como aquele que se está a viver é muito importante o

papel “dos movimentos associativos, tenham eles uma vertente mais social ou não, (...) serão com certeza uma das soluções que a nossa sociedade terá de usar, para em conjunto ajudar as pessoas a ultrapassar esta crise. É por isso compreensível que neste ano que se aproxima, alguns objetivos mais culturais ou recreativos, tradicionalmente presentes no plano de atividades da Associação, possam dar lugar a ações com caráter de solidariedade social (2012, p.1).

Observações

Destaco o artigo “sobre o Projeto de Redução do Número de Freguesias” precisamente pelo interesse atual das medidas políticas que o governo central se encontra a implementar. A propósito deste assunto

“Dizem-nos que é preciso cortar nos custos, sobretudo se puderem ser considerados gorduras do Estado. Parece ser esta, aliás de novo, a política do atual governo passar por ser considerado o bom aluno da Europa, sendo mais papista que o Papa, mais troikista que a Troika e, para isso, cortar, cortar, até mais do que o recomendado. Não me parece que a existência de órgãos autárquicos ao nível das atuais Freguesias rurais possa ser considerada como gordura, nem que os custos da sua manutenção representem algo de significativo no orçamento. A quase totalidade das Freguesias existentes são tão ou mais antigas que o nosso país. As rurais têm a dimensão à melhor escala para desenvolver os laços de vizinhança, a coesão social, o bairrismo sadio, a cultura popular, a entreatajuda. (...) Num momento em que tanto se apela à unidade dos Portugueses, anexar Freguesias é quebrar elos fundamentais da coesão que tanta falta vai fazer” (2012, p.4).

○ Abril de 2012 – Ano XII – Nº 53

Títulos

- Feliz Páscoa
- Plano de Atividades 2012 -Novos Corpos Gerentes da Associação
- Assim vai Rio Frio
- Rio Frio no Facebook...
- Páscoa em “Crise”
- Censos 2011 (Portugal)
- Censos 2011 (Rio Frio)
- O Entardecer da Vida
- A Seca
- Falecimentos
- Passado, presente e futuro da Associação

Editorial

A nova, antiga direção discorre sobre como decorreu a Assembleia Geral e enquadra o papel das Associações nestes momentos conturbados que estamos a viver em Portugal. “As Associações e movimentos recreativos vivem de e para as pessoas. Sem estas, a sua existência não faz sentido. É por isso necessário a união de todos em torno de um bem comum que é nosso, vive para nós e para nos servir. Num país a atravessar tanta austeridade em que todos os dias vemos nos noticiários empresas a encerrar, pessoas a perder o seu posto de trabalho, escolas a fechar, hospitais, centros de saúde, tribunais e agora até freguesias com o destino traçado, resta-nos o quê? Vamos conviver com quem? Fechados em casa à espera da nossa hora? Não!!! Haja alguém, uma voz que se levante, que se encha de esperança e nos faça compreender que é nestas Associações que está o último porto de abrigo onde as nossas raízes, os nossos costumes, a nossa identidade como povo a viver em sociedade persiste e resiste a todos estes ataques. Desta feita, mais uma vez fomos obrigados reconduzir os destinos da Associação quase com os mesmos, alterando o período de mandato para dois anos. Não é crível que numa Freguesia como Rio Frio, com tanta gente de valor e ainda assim com tanta gente jovem, não se reúnam condições para que se possa rodar duas ou mais equipas administrativas para gerir a nossa Associação” (2012, p.1).

Observações

Destaco o artigo “Rio Frio no Facebook”

“Cada vez mais, temos outros riofrienses (e cada vez os mais novos) que estão ligados (ou conectados como ordena o dialeto da Internet) ao mundo virtual, que nos obriga a olharmos para o facebook como uma grande ferramenta, na qual a Associação, o jornal O Mensageiro ou o Rancho Folclórico, possam em tempo real, trocar informações sobre a nossa terra, partilhando notícias, comentários ou fotos sobre o que entenderem, quer estejam em Rio Frio, em Espanha, França, Suíça, América, etc...É neste sentido que a Associação vai continuar a apostar nesta forma de comunicar, porque entende que uma opinião ou crítica ganha muito mais interesse no momento do seu acontecimento e não um ou dois meses depois da sua ocorrência” (2012, p.3).

Em entrevista, e a propósito de querer saber em que medida a Associação leva o nome da Freguesia para longe, o Presidente da Associação, proferiu estas palavras:

“Através do Rancho Folclórico, através do Mensageiro, o nosso pequeno jornal chega a vários países do mundo: França, Canadá, América, Brasil,

para a capital, também temos muitos sócios em Lisboa e não só, em vários pontos do país e é a cultura de Rio Frio, o que mais divulgamos no nosso jornal, é a vida da Associação” (Entrev.IV, 14/04/2012).

A vida associativa aparece, de facto, bem espelhada nestas oito páginas trimestrais do “Mensageiro de Rio Frio”. Da análise efetuada, constata-se que a maior percentagem dos artigos é dedicada às atividades levadas a cabo pela Associação (Festas comemorativas - Cantar os Reis, Magusto, Páscoa - Festival Folclórico, Excursões), ou seja, as atividades “mais emblemáticas”, conforme apelidei anteriormente. A seguir, com uma percentagem também muito expressiva, surgem artigos dedicados exclusivamente à freguesia de Rio Frio (Festas e Romarias, Inquéritos sobre a freguesia). Artigos de lazer/passatempos aparecem em todos os jornais. A preocupação com questões ambientais e de saúde fazem parte de muitos dos jornais (Lixo, Sida Floresta, Tabaco, Poluição) são alguns dos exemplos. Artigos mais genéricos que dizem respeito ao concelho de Arcos de Valdevez também não são descurados (Festas, Desporto). O “Mensageiro” apresenta preocupações de cariz da atualidade, em termos de política nacional. Ao nível dos Editoriais existem preocupações recorrentes – a promoção da cultura, o levar mais longe o nome de Rio Frio, o apelo de participação da população quer na vida associativa, quer nas atividades, mas também nos donativos necessários para aquisições e obras necessárias como uma carrinha de nove lugares, a sede da Associação, o centro para a terceira idade. Temas recorrentes são os balanços constantes à medida que terminam os anos e se cumprem os planos de atividades e ainda ao nível dos atos eleitorais para os corpos gerentes da Associação. Recorrente é ainda a ressalva do apartidarismo e isenção dos membros da Associação. A participação do Presidente da Junta, na rubrica “Assim vai Rio Frio”, denota, a meu ver, uma enorme transparência, na medida em que informa os riofrienses de todas as obras públicas que a Junta vai realizando e respetivos custos. Também o Pároco da Freguesia escreve, com regularidade, para o jornal, artigos de natureza religiosa e social. Assinalo também o contributo das escolas, (quando existiam) com artigos elaborados pelos alunos do 1º Ciclo, do Pré-Escolar e professores do ensino recorrente. Portanto, um jornal aberto a todos os públicos e atores.

Em relação aos artigos que abordam a temática do teatro, registo os seguintes:

- Inquérito (continuação) - retrato de Rio Frio nos temas condições de vida, Educação, religião e vida associativa. Esta última área aponta para um número de associados na ordem dos 250 sócios e à pergunta “Quais as ações que gostariam de a Associação desenvolvesse?” a resposta mais ouvida passa pela criação de um grupo de teatro e música (1998:4) Jornal de março Ano I – Nº 6;

- Editorial do jornal de março de 2002, na contracapa é acompanhado de duas fotos de dramatizações, as primeiras manifestações públicas da semente do teatro (2002:8) Jornal de Março de 2002 - Ano VI – Nº 21;
- Editorial do jornal de julho de 2005 “Esta constante aproximação entre as necessidades e os meios é o que nos move cada vez com mais força e coragem de modo a podermos dar resposta e criar condições e meios para que as novas atividades como o teatro ou outras se possam desenvolver de uma forma sustentada e com êxito” (2005:1) Jornal de julho de 2005 – Ano V – Nº 32;
- Editorial do jornal de outubro de 2005 “Este ano pela primeira vez, e após longos anos de jejum, fizemos renascer um pequeno grupo de teatro amador com atores que prometem fazer-nos divertir e passar uns bons momentos. A estreia da peça ‘Câmara da Carneirada’ fez, sem dúvida, revelar alguns talentos e confirmar outros que com um pouco mais de trabalho e dedicação irão com toda a certeza atingir níveis de excelência comparáveis a muitos grupos de teatro já com vários anos de existência” (2005:1,6) Jornal de outubro de 2005 – Ano V – Nº 33;
- Artigo da primeira página “Teatro da ARC de S. João de Rio Frio” do jornal de março de 2006.

“Foi num ambiente de grande admiração e expectativa e numa iniciativa destinada a revitalizar o Grupo de Teatro da Associação, esta promoveu no dia 18 de dezembro de 2005 na Festa de Natal uma comédia intitulada ‘A Câmara da Carneirada’ participada por um grupo de adultos e jovens, que através da arte cultural podem dar novas conotações às questões sociais e apresentar as adolescente o caminho para grandes descobertas em relação às suas potencialidades e à sua capacidade de absorver, pensar, avaliar e criticar o Mundo de informação a que têm acesso” (2006, p.1);

- Artigo da primeira página “Grupo de Teatro na Casa das Artes ‘O Maior Fazendeiro do Outeiro caiu em desgraça’” do jornal de Abril de 2008.

Aconteceu no dia 19 de Janeiro de 2008 e o grupo de teatro “levou à cena uma interpretação muito pessoal de um tema que colhe tradições, aclamações junto do público, e que tem, entre outros ‘O Avarento’ de Molière uma base de trabalho e inspiração”(2008, p.1) Jornal de Outubro de 2008 – Ano VIII – Nº 41;

- Artigo de primeira página e de toda a contracapa “Grupo de Teatro apresentou ‘A Câmara da Carneirada’” do jornal de julho de 2010.

“O Grupo de Teatro Amador da Associação reúne cerca de doze elementos, cuja amplitude etária se estende, sensivelmente dos 14 aos 55 anos, mobilizados pelo gosto por esta arte (...) (2010, p.8) Jornal de Julho de 2010 – Ano X – Nº 48;

- Artigo (página inteira) “Grupo de Teatro - Teatro um Espetáculo Divertido” do jornal de julho de 2011

Apresentação da peça “O Maior Fazendeiro do Outeiro caiu em desgraça” na sede do ADECAS, freguesia de Sabadim.

“Livrentemente inspirada nalgumas farsas, que, de forma simples e descomplexada, expõe alguns podres (e algumas virtudes) da nossa sociedade (...) Foi mais um espetáculo interessante que permitiu a todos os presentes desfrutarem de um bom momento de cultura e de lazer (...) Jornal de julho de 2011 – Ano XI Nº 52.

Assim, registam-se, nos 24 Mensageiros analisados, três artigos de primeira página, dois no corpo do jornal (um de página inteira) e três abordagens no editorial, um total de oito momentos que falam do grupo de teatro.

Apesar desta visibilidade, o grupo de teatro não ocupa o lugar de charneira em termos das atividades da Associação. A este propósito, em entrevista, o Presidente da Associação observa

“aqui na nossa freguesia o rancho tem muito mais peso do que o teatro, talvez em alguns locais davam mais importância ao teatro, mas aqui em Rio Frio, o folclore ilude aos olhos de muita gente. Se estiver uma atuação de teatro no salão paroquial e se estiver o rancho folclórico aqui na Associação, se calhar lá não havia ninguém, o pessoal vai muito mais para o folclore” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Questionado sobre qual seria a explicação, responde

“É uma falta de cultura da parte das pessoas. Há uns anos atrás, aqui em Rio Frio, toda a gente sabia o que era o rancho folclórico, toda a gente sabia dançar e cantar e tocar, agora teatro ninguém sabia, se calhar até havia pessoas com jeito, mas também não havia ninguém que as convidasse a fazer teatro” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Antes de entrar no ponto seguinte, deixo uma nota relativa ao último Mensageiro por apresentar mudanças visuais e tecnológicas, nomeadamente, a inclusão das fotos dos articulistas a acompanhar as notícias e a adesão ao facebook. Denota-se também uma maior participação de jovens no conteúdo do jornal, o que vem de encontro aos desejos do Presidente da Associação, quando, no final da entrevista, lhe perguntava se gostaria de deixar algum apelo

“Eu só queria fazer o apelo aos pais e aos jovens para que vissem a Associação como veem, por exemplo, a catequese, que participassem no rancho folclórico, no teatro, na música, que vissem que a Associação é uma casa de cultura.

A Associação é uma escola, claro, na Associação existe um bar, que não pensassem que os miúdos vinham para o bar aprender maus vícios, no nosso bar não se aprendem maus vícios, não há nada de mal, mas que as pessoas vissem a Associação como uma escola, que deixassem o bar de parte, porque os jovens veem para aqui pr'a Associação, muitos veem ali para o salão polivalente e nem entram no bar, não precisam de ir para o bar para entrar na Associação” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Foi precisamente, este contexto de cultura e, sobretudo, de escola, aquele que encontrei, enquanto observadora direta e não participante, dos ensaios da peça “O Homem Mais Rico da Quinta do Outeiro Maior”.

Passarei, então, a descrever a experiência.

3.2 Observação direta e não participante

Presenciei, enquanto observadora não participante, nove sessões de ensaio da peça “O Homem Mais Rico da Quinta do Outeiro Maior”, a última levada à cena, no dia 2 de Julho de 2011, na sala da Associação Desportiva e Cultural de Aboim Sabadim (ADECAS). Estas sessões ocorreram à noite, nas instalações do Salão Paroquial, das 21h:30 às 23h:30 e, por vezes, até mais tarde.

Na primeira sessão – dia 04 de Maio de 2012 – cada um dos atores fazia-se acompanhar dos respetivos trajes, adereços e dirigiram-se para o palco. Um dos jovens atende uma chamada e comunica que há alguém que não pode vir por se encontrar doente.

Há silêncio, soam as pancadas de Molière e abrem-se as cortinas, puxadas por dois jovens. Começa o ensaio. Todos estão vestidos como se fosse um ensaio geral. O ator exibiu um troféu ganho com a vaca “Carriça” e, para comemorar, bebe um whisky. O encenador interveio para corrigir o modo de pegar no copo, não é uma tigela, é um copo e exemplificou como queria o gesto. Encontrava-se no palco, do lado esquerdo, em permanente vigilância, seguindo atentamente a peça. Fez entrar outra personagem, é a filha do ator principal, pois foi quem estava a substituir a rapariga que telefonou a comunicar que estava doente. Encenador interveio, mas falou baixinho, não consegui ouvir a orientação. Sabia de cor o texto e corrigiu novamente. Entrou a terceira personagem, corrige o gesto da filha e exemplifica, pediu para entrar de novo mas mais devagar. Entrou o namorado da filha. A jovem que fazia de filha era quem fazia o ponto. Cena de grande confusão. Encenador interveio e explicou, calmamente, como tinham

de fazer. Interveio o ponto, faltou uma frase. Encenador interveio, colocando a filha no sítio mais à frente no palco. Corrigiu a frase “Então tu não encontraste outra forma de humilhar o teu pai?” Filha perguntou “E agora, como faço?” Encenador aborreceu-se e disse que aquilo não era como no rancho, aqui falta uma pessoa e estraga logo tudo. Interveio e pediu para repetir noutra tom. Interveio, dando a indicação para o patrão cofiar o bigode. A seguir, zangou-se novamente “vocês nunca mais aprendem que o que se passa é no meio do palco” e puxa o banco para a frente. Segue-se a cena da despedida. Fim do ensaio.

Registo, como primeiras impressões, um ambiente calmo, organizado em que todos respeitam o encenador, que apresenta muita autoridade. Todos os elementos trouxeram as suas roupas e adereços.

Segunda sessão – 09 de Maio de 2012 – Encenador não pôde vir, informação comunicada pelo seu substituto. Começou o ensaio. Substituto chamou atenção para a chiclete na boca do miúdo “Naquele tempo não havia chicletes”. Deu uma achega ao ator principal “Se te lembrares podes dizer: pesa-te mais um corno do que outro” no momento em que pendurava a foto da Carriça premiada no concurso. O Mendonça concordou e respondeu “entram umas coisas e saem outras, se me lembrar...”. Fizeram um intervalo no momento de beber o whisky, para festejar o troféu. Discutem o mexer a malga de vinho e o copo com whisky. Acharam que era melhor colocar as pedras de gelo para fazer aquele tilintar. Substituto bate com um pau no palco para que entrasse outra personagem. Mulher do Mendonça disse “Oh homem!” “que é que foi?” disse o Mendonça. Começam a rir-se e a cena parou. Substituto deslocou-se ao exterior para solicitar que fizessem pouco barulho. O ensaio prossegue. “Aqui faltou-me uma palavra” disse o Mendonça. A jovem do ponto ajudou, lendo essa parte do texto. Entra o casal de namorados, colocaram-se no centro do palco e desmancharam-se a rir. Retomaram a cena, Chegados à parte da confusão, o substituto interveio para apelar ao Mendonça que pode prolongar mais 10 a 20 segundos a estrebuchar no chão. Mendonça enganou-se, em vez de dizer nova disse velha. Substituto tranquilizou-o, “Se se enganar no dia, não faz mal, ninguém sabe”. Substituto chamou a atenção para a desconcentração de quem está no palco, devido às vozes do exterior. Ponto precisou de intervir. A carpete é o espaço onde acontecem as cenas, disse o substituto. O Mendonça queria prender a filha, mas ela estava mais longe da carpete. Mendonça bateu com o pé no chão para saber se o ponto estava atento. Ponto interveio duas vezes seguidas, na entrada da Ana dos feijões e da Quina das Galinhas. Leopoldina está no chão e dá-lhe a tosse, Pai disse “estás com tosse?”. Cena da “filha morta” faz com que mãe e filha se

descontrolassem e não conseguissem parar de rir. Retomam a cena. Na cena seguinte em que entra a maca todos se riem, os outros atores fora de cena espreitam atrás das cortinas. Substituto alerta para que os bombeiros não se coloquem virados de costas para o público. O bombeiro quase cai, o que foi motivo de riso. Mendonça tentou tirar o dinheiro da saquinha, mas não conseguiu e comentou “Isto cresceu...”. O Presidente da Associação que estava ao meu lado acrescentou “É da idade!”.

No final do ensaio todos ajudaram a arrumar as coisas, deixando a maca no palco carregada de adereços. Mendonça aproveitou para analisar a saquinha do dinheiro, tentando compreender o que tinha corrido mal. Substituto reuniu todos os elementos e informou que o encenador não pôde estar presente, por motivos pessoais. Próximo ensaio será um ensaio geral, uma vez que em Maio irão ter uma saída. A filha do Mendonça informou que no final do mês tinha uma PAP e não podia. O substituto informou que a peça tinha mês e meio de ensaio e que aconteceu hoje rirmo-nos mais um bocadinho porque estávamos à vontade. “Não está cá o chefe” - disse alguém. O substituto agradeceu a presença de todos, não tem havido faltas e têm sido pontuais, o que é muito bonito. Até se está a cumprir melhor o horário do teatro do que no rancho. Fim do ensaio.

Este ensaio foi totalmente diferente do anterior. A falta do “chefe” sentiu-se na postura de “libertação” dos elementos, todos mais à vontade, a concentração não aconteceu, o respeito pelas regras também não.

Terceira sessão – 18 de Maio de 2012 – Tudo a postos, começou o ensaio. Encenador interveio e disse ao Mendonça para se voltar para a parede, enquanto os miúdos olham para os dois cêntimos de gorjeta. Alteraram o lugar para colocar a foto da Carriça num local mais visível. Ficou em frente ao público. Hoje já tinham as pedras de gelo para o copo de whisky comemorativo da conquista da taça. Encenador “Já te disse tantas vezes que não é assim” Mendonça pega no copo como se fosse uma tigela. Mendonça acrescentou que estas chamadas de atenção têm que ser e direcionou o olhar para mim. Entrou a filha e quando acabou de dizer “É o rei dos cavalos...” começou a rir. Encenador disse perentório “não pode ser assim”. A seguir corrigiu “Não é entãaaao é então. Corrige por, por porque, “amiguinhos não está em lado nenhum, é amigos. Corrige “Mendonça vens à frente e falas”. Continua a corrigir “esqueceste-te de dizer são muito escravejados”. A jovem do ponto está muito atenta. Mendonça parou a cena, ficou preocupado porque pisou o pé da mulher. Encenador corrige e exemplifica como quer. Um dos elementos que se colocou no fundo da sala interrompeu e disse “Comentários da mãe e filha não se ouvem”. O encenador considerou que não era

importante. A cena de confusão em que o pai quer prender a filha com um cadeado faz com que todos ficassem caídos no chão. Encenador referiu “Bom há que chegar a um determinado momento e é preciso parar mesmo, o exagerar muito não é bom “. Encenador corrige “Filhinha não, é minha filha, deu-vos pr’os inhas hoje”. Encenador corrige a forma como a Quina das galinhas pegava no cajado. As duas em contracena olharam uma para a outra e riram-se. “Perderam as filhas foi? Perguntou. Aqui também tem de se ouvir”. Encenador está sempre muito atento. Disse que para a próxima tem de estar tudo a funcionar; fechar as cortinas e pôr aqui o cartaz dois anos depois. Houve o momento de troca de cenários. Ligaram as luzes de palco, tenta criar um ambiente cénico diferente. Colocaram um casaco a tapar um holofote para realçar a cena do pote a cozer os feijões na lareira. Passado pouco tempo começou a cheirar a queimado, era o casaco. No final, arrumaram tudo em cima do palco, na maca. Há um trabalho muito colaborativo. Encenador perguntou o que faltava, responde de seguida, faltam mais canhotas. No próximo ensaio tem de ser tudo a rigor, será o último ensaio para a saída. Fim do ensaio.

Nesta sessão pude constatar a mudança de comportamento dos atores face ao encenador, correu melhor do que o anterior, mas pior do que o primeiro a que assisti. Teve a particularidade de estarem a estrear os holofotes e o jogo de luzes que tinham adquirido, mas não estavam a surtir grande efeito, era preciso estudar melhor os equipamentos para serem rentabilizados da melhor forma.

Quarta sessão – 24 de Maio de 2012 – Agora sim, estava tudo a postos para ensaiar com a iluminação e aparelhagem novas. Palco tinha novos sofás, plantas e os atores já se encontravam todos vestidos. Uma das crianças perguntou ao encenador se a roupa estava bem assim, respondeu-lhe que tinha de manchar mais a camisa e arregaçar mais as calças, uma perneira só, porque os putos daquele tempo andavam com as calças mais curtas. Encenador perguntou pelo ponto, para saber se estava operacional e pediu silêncio no exterior. Experimenta o microfone no Mendonça. Corrige a seguir um “mas” por não terem feito a paragem. A mulher do Mendonça já tem colocado o microfone de boca. Encenador deu orientações “se descarrilarem, aproximem-se do local do ponto para encarrilar”. Filha enganou-se, encenador comenta: “vocês ainda não estão seguros”. Mendonça esqueceu-se do texto, foi à beira do ponto, bateu com o pé no chão e o ponto disse a frase. Encenador disse que os micros não resultam. Vai direcionar a luz de modo a que não mostre tanto a filha, acrescentou palavras que não foram ditas, sabe o texto todo de cor. Mendonça mete uma fífia “que calor aqui vai...”

Encenador constata que a luz vermelha com estas cortinas não funciona. Corrige a cena da malga e da farinha.

No final do ensaio todos ajudaram a colocar as coisas no palco. Encenador referiu que era preciso vir aqui à noite acertar as luzes. Há que acertar os últimos pormenores, precisamos de uma música para o intervalo. Concluiu que os micros pendurados fazem o mesmo efeito. Um dos elementos femininos sugeriu que houvesse um apresentador. Encenador acrescentou “há que fazer uma apresentação a agradecer, uma pessoa tem de saber dizer qualquer coisa sem papel, agora eu gostava era de ver o equipamento todo montadinho, estando tudo desligado, a luz é que dá graça ao palco”. Fim do ensaio.

Quinta sessão – 07 de Junho de 2012 – não houve ensaio porque o ator principal, o Mendonça, estava disfónico e enviou o filho para avisar. Próximo ensaio ficou agendado para 14 de Junho.

Sexta sessão – 14 de Junho de 2012 – não houve ensaio porque as mesmas pessoas iam ensaiar para as marchas de S. João. Ninguém me avisou.

Sétima sessão – 20 de Junho de 2012 – o espetáculo realizar-se-ia no dia 02 de Julho, às 22 horas, no ADECAS. Começaram por discutir “as escorregadelas” no dia do espetáculo. O Mendonça deu o exemplo da moda do picadinho que sempre saía mal nos ensaios do rancho e ontem no festival saiu perfeito. Começou o ensaio. Encenador chamou a atenção de uma jovem que não pode estar com as mãos atrás das costas. Disse ao Mendonça que tinha de fazer uma pausa “Cá o Mendonça...é o maior”, disse à filha do Mendonça para tirar as mãos da cintura. Interveio para a mulher do Mendonça não bater com as mãos nas pernas. Encenador pára o ensaio “eu vou-vos explicar porque é que as roupas fazem falta, assim estão com as mãos na cinta, mas se tivessem a roupa, ou mexiam no lenço, na saia, há que mexer em qualquer coisa”. Continuou a corrigir “tens de fazer isto num tom irónico, tu hoje não estás nos teus dias”, concluiu referindo-se à filha do Mendonça. “O cu não é virado para o público” advertiu.

No final falaram novamente de mais ensaios, encenador considera melhor mais dois antes do espetáculo, dizendo “agora é a doer...”. Fim do ensaio.

Oitava sessão – 27 de Junho de 2012 – Preparativos com a luz e o som; o microfone está pendurado ao centro do palco, o outro está pendurado na parede. Começa o ensaio. Encenador verificou a coluna. Disse à filha para não empurrar o pai com tanta força. Interrompe para alertar a filha que tem de falar mais devagar. O ponto está a fazer o seu papel. Encenador interveio e explicou como se fazia. Vai ao exterior mandar calar

os elementos que estavam a conversar. Na parte do Mendonça cair, os miúdos que estavam lá fora vem todos espreitar para ver e rir.

No final do ensaio, o encenador disse “vamos treinar a despedida. Tudo lá para fora, entra um de cada lado e levantam o Mendonça. Fim do ensaio.

Nona sessão – 29 de Junho de 2012 – último ensaio antes do espetáculo. Todos ajudam a dispor os cenários no palco. Encenador brincou com os mais novos, distribuindo palmadinhas para entrarem nos bastidores. Está atento e corrige a filha do Mendonça, explica como se faz. Encenador faz de ponto, pergunta o que se passa com o ponto. Mendonça aconselhou que “quando a gente se perder, bate-se o pé à beira do ponto e ela repete. O ponto perguntou: “não ouviu?”. Encenador interveio e deu explicações, baixinho. Encenador mantém-se no palco o tempo de duração do ensaio. Hoje ainda consegue estar mais interventivo e houve mais enganos e consequentes paragens. Ensaiam a saída para receber os aplausos.

No final, tal como das outras vezes, arrumam as coisas em cima do palco e cada um pega nas suas. Fim do ensaio.

Chegou o grande dia, o nervosismo pairava no ar, a sala estava repleta de espetadores, nos bastidores ultimavam-se os pormenores nas roupas, na maquilhagem, para quem estreava, a aflição era muita, sentia dores de barriga. Quando começou, tudo saiu perfeito, sem falhas. O nervosismo passou, as dores de barriga também. O público começou logo a aderir, soltando gargalhadas em vários momentos da peça. No final, os aplausos encorajadores, o encenador agradece a presença, todos estão felizes, “correu muito bem” era o sentimento geral. Para a posteridade registei fotograficamente todas estas fases. Estava igualmente feliz, tinha a sensação de ser um pedaço de mim que ali tinha sido representado.

Esta experiência suscitou várias questões:

Como é que atores amadores se comportam como verdadeiros profissionais, no que diz respeito a – cumprimento de horários, assiduidade, empenho, dedicação, construção da personagem, elaboração de fatos e adereços, trabalho de equipa, saber respeitar o encenador, saber brincar nos momentos certos, não desperdiçando tempo;

Como é que o encenador tem, empiricamente, a noção do que é um espetáculo, da exigência e rigor necessários, do que as personagens não devem fazer, de como se devem comportar no caso de se esquecerem do texto?

Como é que aquele grupo trabalha, verdadeiramente, em equipa?

Questões que ficaram mais claras com as palavras recolhidas nas entrevistas.

3.3 Entrevistas

A entrevista desempenhou, neste trabalho, um elemento preponderante, por proporcionar o contacto direto com os atores, na tentativa de penetrar na sua subjetividade e por facultar a triangulação com as outras técnicas de recolha de dados utilizadas. Entrevistei, como já referi, dois elementos do grupo de teatro, o ator com mais experiência e o ator com menos experiência, por sinal, o mais novo em idade; o encenador e autor das peças e o Presidente da Associação. O local escolhido foi diversificado, os dois atores e por razões pessoais, em casa da mãe da investigadora, o encenador, no seu local de trabalho e o Presidente, nas instalações da Sede da Associação, em Rio Frio. Cada entrevista durou cerca de sessenta minutos, foi transcrita *ipsis verbis* e validada pelos respetivos entrevistados. Passarei a analisar cada entrevista.

O ator mais novo tem 14 anos e começou a fazer teatro com doze. Participou na peça “A Câmara da Carneirada” mas só como ajudante do electricista, a segurar as ferramentas. Depois, como ator, entrou nesta última peça “O Homem Mais Rico da Quinta do Outeiro Maior”. Sentiu-se à vontade no palco, talvez por não ter muito texto para interpretar, mas considera que o problema do teatro não é o comprimento e a memorização do texto, mas sim, “ver bem a personagem que se está a interpretar”, “se o texto estiver compreendido, torna-se mais fácil encarnar a personagem” (Entrev. I, 02/03/2012).

Define o teatro desta forma:

“o teatro, para mim, é onde as pessoas podem representar várias pessoas, não ofendendo ninguém. Pode-se fazer várias personagens, um rapaz pode fazer de rapariga, pode fazer de tudo que ninguém leva a mal. Teatro é representar outras personagens e poder dizer tudo o que tem dentro de si” (Entrev. I, 02/03/2012).

Num esforço de encontrar uma palavra que defina o teatro, aponta a palavra “Mágico”.

Considera o teatro importante para a vida porque

“pode ser considerado como um hobby, um passatempo, não é, mas quando se entra tem de se ter responsabilidades, mas pode-se deixar a nossa vida entrar em várias personagens, acho que é bom” (Entrev. I, 02/03/2012).

E para a Associação?

“Ser importante é, toda a gente gosta, mas acho que não lhe dão o devido valor. Era preciso ter mais atenção às coisas que se fazem, ter mais humildade, não sei qual é a palavra certa, mas dar mais atenção às pessoas que estão a sacrificar o seu tempo, deviam dar mais valor, agora o teatro está parado. Falo por mim, falo pelo que vejo, pelo que falo com as outras pessoas, que deviam dar mais valor, continuar, ter mais respeito pelo teatro em si, porque toda a gente gosta. A associação tem rancho e tem o teatro, mas o teatro é mais posto de lado. Na associação valorizam mais o rancho do que o teatro, mas o povo que assiste, adora”(Entrev. I, 02/03/2012).

Considera o teatro um pólo de desenvolvimento da freguesia e refere

“não é qualquer freguesia que tem uma associação como nós temos, muitas freguesias estão a trabalhar para ela, a maior parte das freguesias tem um rancho; Arcos de Valdevez praticamente tem um rancho por freguesia, não são todas que têm teatro, nem sei se será apenas em Rio Frio, e como em Rio frio há jovens, há pessoas, temos um bom coordenador de teatro, não é, é uma pena desperdiçar, pronto, é um teatro amador e consegue fazer muito” (Entrev. I, 02/03/2012).

Questionado sobre o trabalho de encenação, acrescenta

“O nosso encenador, acho que é um homem excelente, é ele que tem imaginação para escrever as peças, era ele que nos ensaiava, as coisas que conseguia observar, corrigia o que estava mal, dizia para não fazer isto, cuidado para não fazer aquilo. Os textos, não digo que sejam de um profissional, não é, para o meio onde estamos, estão bem, agora, fora disto, acho que não ficava tão bem, não se conseguiam perceber as peças, onde nós vivemos, acho bem” (Entrev. I, 02/03/2012).

O convívio intergeracional é importante

“As pessoas mais velhas dão o exemplo aos mais novos, para os mais novos seguirem, também é bom para representar várias personagens, porque há personagens que requerem a sua idade própria e ao representar é bom ter o perfil daquela personagem e lá está, os jovens seguirem as pegadas dos mais velhos” (Entrev. I, 02/03/2012).

O ator com mais experiência conta já com 25 anos de teatro, com interregnos, é certo, mas, a par do encenador, representa a “velha guarda” de um grupo de jovens que se reuniu para formar um grupo de teatro e começar com a peça “As Partilhas”. Quando foi convidado dizia que “não tinha jeito”, mas depois de experimentar “saiu-se bem” “gostava de subir ao palco, de ouvir os aplausos do público”, o “bichinho do teatro” enraizou-se, percebeu que tinha esse “dom”, como lhe chamou, e daí para cá tem desempenhado sempre os papéis principais. Confessa que da primeira vez não se

sentiu à vontade, “tinha medo de se enganar, de encravar, de tropeçar” só pensava na hora de sair do palco

“A gente olha para o público, eu ao menos era assim, olhava para o público e estava sempre a pensar na hora em que eu vou sair, porque a gente não se sente à vontade, por falta de prática, não tinha capacidade de improviso, depois havia quem fizesse o ponto, mas eu não estava à vontade, a realidade é esta, não estava à vontade. Depois, com o decorrer do tempo, e eu p’ra mim, é assim, quantas mais vezes subir ao palco, mais à vontade me sinto, e depois quanto mais tempo estiver em cima do palco, mais à vontade me sinto, mas já me aconteceu, já me aconteceu, ali na Casa das Artes, com a outra peça que tínhamos do “O homem mais rico do Outeiro Maior” aconteceu que houve falta de pessoal e algumas pessoas tinham de mudar para fazer mais do que uma personagem e quando me apercebi, ia a entrar e uma senhora deu-me com a cabeça de lado que não era nada daquilo, a minha filha estava a fazer o ponto, dei meia volta do lugar onde estava, arranquei outra vez e recorri ao ponto” (Entrev. II, 06/03/2012).

Numa tentativa de definir o teatro e da sua importância ou não para a vida, responde

“P’ra mim o teatro, se quer que lhe diga, em primeiro p’ra mim é uma escola, é uma escola, não sei se estarei a aplicar o termo certo, mas p’ra mim é uma escola porque uma pessoa vai p’rali e está com os olhos fechados, depois faz um bocadinho, fica a gostar, amanhã tem de fazer mais e depois aprende. Eu p’ra mim aprendo a enfrentar o público e também conviver com os colegas, não é, o teatro também é um bocadinho de ocupação do nosso tempo livre. Depois, é assim, no início quando vamos ensaiar uma peça, desanimamos, “oh pá isto não vai encaixar, isto é impossível, não vai”; com o decorrer do tempo, chegando aí ao meio, parece que vai, e, depois, quando a gente chega à noite um bocado cansado, pensa, vou abandonar, mas depois uma pessoa compromete-se, não quer falhar, só se for por força maior, e então fico com aquela responsabilidade, pronto porque gosto. Se andar ali a queimar tempo, p’ra mim não faz sentido” (Entrev. II, 06/03/2012).

“O teatro para mim é tudo”, é a palavra tudo que sintetiza o que representa o teatro. Sente-se “envaidecido quando lhe vêm dar os parabéns, mas

“onde me vi um bocadinho desmotivado, numa apresentação que fizemos ali em Távora, fomos à escola de Távora e vim de lá desmotivado, mas não foi culpa nossa, a peça estava ensaiada, mas não havia público, a peça não foi anunciada em condições, estavam meia dúzia de pessoas a acompanhar e a minha ideia é assim: quando estou em cena, estou a falar para o público mas não vejo ninguém, mas como aconteceu ali, era como se estivesse a falar para uma parede. Então p’ra quem estou a falar? Estou a gastar tempo p’ra quê? Isso desmotiva, fico logo desanimado. O Sr. X diz sempre ‘atenção, não vos fixeis em certas pessoas, que estão no público’...quem

somos nós amadores e muito rasteirinhos, como se costuma dizer, mas estamos sempre a aprender com quem saiba mais” (Entrev. II, 06/03/2012).

O teatro é importante para a Associação

“é muito importante para a associação, embora não lhe dêem o devido valor, essa eu tenho que dizer, não lhe dêem o devido valor porque é uma atividade da associação como outras que tem, mas o teatro, quando a gente vai apresentar, eu vejo que as pessoas aparecem e, principalmente, os emigrantes, estão sempre a perguntar, “quando é que há uma peça p’ra nós?” Para a associação, é mais uma atividade que leva o nome da freguesia, assim como o rancho, não é, isso é bom mesmo; com o teatro já fomos a várias freguesias e, na minha maneira de ver, se não for assim, Rio Frio o que é que é? Onde fica? O que é tem?” (Entrev. II, 06/03/2012).

O grupo de teatro nunca atuou no estrangeiro

“Não, nunca foi, não porque estivemos muitos anos sem estar no ativo, muitos anos parados. O teatro nasceu com a associação, depois esteve muitos anos parado. Nestes 4, 5 anos fizemos estas duas peças, mas, começou-se há 25 anos, mas fez-se ali um intervalo, onde o rancho está certinho, até à data. É assim, o rancho começou com a juventude e para o rancho é muito mais fácil arranjar gente do que para o teatro. É porque já tenho falado com alguns rapazes de lá, que até pela maneira deles falarem até parece que têm um certo jeito e dizem ‘o quê? Eu, se fosse para estar assim, em cima do palco, eu até desmaiava’, nem querem experimentar e depois também têm outra regra, tem de ter outra disciplina, p’ra mim é assim: no rancho, se há um elemento que se enganou, espera pelo outro e está tudo certo, já alguém não lhe apetece ir, pode falhar um par ou dois, no rancho podem ensaiar, no teatro falha um elemento, já não ensaiam” (Entrev. II, 06/03/2012).

O encenador e autor das peças confessa que o gosto pelo teatro é uma “paixão” que tem desde criança, quando andava na escola, participou numa peça de teatro, que as professoras levaram a cabo na escola primária, e pronto, ficou sempre com o bichinho do teatro, a não ser nessa altura nunca mais participou em nada, a não ser ajudar na elaboração de peças, de ensaios e de incentivar os outros a participar.

A Associação nasceu da elaboração de uma peça de teatro. - “O Avarento” foi a primeira peça que escreveu para o dia da inauguração da sede da Junta de Freguesia, em 1986. Os seus pais também apreciavam teatro, mas não estabeleceu qualquer relação

“quando eu me criei havia tão pouca coisa que quando surgia qualquer coisa de novo era fácil as pessoas apaixonarem-se eu era até criança e vieram aqui a Rio Frio uns grupos de teatro que eram de Távora e não havia mais nada, não havia televisão, não havia rádio, não havia divertimentos nenhuns e a gente tinha uma paixão desgraçada por se ocupar em qualquer

coisa, por poder também participar e talvez um pouco com aquela vontade de querer ser, que herdei um bocadinho a paixão” (Entrev. III, 16/03/2012).

Para escrever as peças inspira-se em

“coisas do passado, coisas que se passavam na freguesia, a forma de viver das pessoas, o tratamento que elas tinham umas com as outras e tudo isso serve para a gente imaginar coisas, e algumas eram a pura realidade, havia pessoas que naquele tempo davam muito mau viver aos outros, por vezes até à companheira ou ao companheiro e aquela vida dura que às vezes nos faz lembrar aqueles tempos que dá para brincar” (Entrev. III, 16/03/2012).

A última peça que escreveu - “o Homem Mais Rico da Quinta do Outeiro Maior”- serve para recordar o passado, o tempo em que os pais tinham a predominância total sobre os filhos e sobre todos que viviam lá em casa, felizmente a realidade atual é outra, bem diferente. Desses tempos tem saudades

“da simplicidade das pessoas, o divertimento das pessoas, o que nós brincávamos uns com os outros, isso desapareceu, aquela convivência que nós tínhamos com as pessoas mais idosas, hoje não existe, eu falava à vontade com uma pessoas de 60 ou 70 anos e isso hoje dificilmente acontece, hoje as coisas estão praticamente divididas, não há aquela ligação que nós tínhamos nesse tempo, estão idosos com idosos, jovens com jovens não há aquela ligação que nós tínhamos nesse tempo, talvez pela necessidade de não haver outras coisas, também concordo, hoje, para mim, é totalmente diferente” (Entrev. III, 16/03/2012).

Assume ter facilidade em congregar pessoas, sente à vontade para falar com os jovens e dar-lhes também uma certa liberdade e confiança para eles brincarem. Valoriza a convivência entre todas as faixas etárias, é importante a interação entre jovens e idosos.

Entende o teatro assim

“O teatro, para mim, é cultura, acima de tudo e depois, hoje, se calhar não há tanta necessidade de teatro porque há outras coisas, mas recordo-me dos meus tempos jovens se viesse aqui uma peça de teatro à minha freguesia, a freguesia era capaz de vir toda vê-lo, até de lugares mais distantes, porque era uma coisa diferente, divertia as pessoas, como disse, naquele tempo não havia televisão, pouquíssimas pessoas possuíam rádio e, portanto, quando aparecia assim uma coisa as pessoas iam para se divertirem, para saber como era, e depois contarem aos outros, claro que isso acabou, mas é pena, porque o teatro continua a ter cabimento, principalmente nas nossas aldeias mais afastadas dos grandes centros uma peça de teatro cómico que é exibida numa cidade que chegasse a Rio Frio ou outra freguesia qualquer deste concelho não tinha êxito porque as pessoas nem sequer a percebiam, portanto aqui, teatro tem cabimento se for uma teatro cómico” (Entrev. III, 16/03/2012).

Quando escreve as peças de teatro

“A maior preocupação deve ser fazer rir as pessoas, fazê-las divertir, mesmo para quem está em palco, porque se estiver a exhibir uma peça que não faça rir ninguém as pessoas sentem-se desanimadas, pensam que não tem jeito e se calhar até nem desenvolvem o papel que lhes é confiado com aquele à vontade que deveriam ter” (Entrev. III, 16/03/2012).

Aprende com o teatro como em tudo na vida, mas tem uma particularidade

“está-se no ensaio e quando começa uma peça nunca sabe como a vai terminar, surgem ideias novas, todos os dias durante os ensaios vai encaixando determinados palavrões que às vezes fazem falta no teatro e que é com o decorrer dos ensaios que, até com a convivência uns com os outros que vão surgindo novas ideias e a gente está sempre a aprender, eu acho que no teatro nunca ninguém há-de saber tudo, há sempre qualquer coisa de novo” (Entrev. III, 16/03/2012).

A palavra alegria é a escolhida para sintetizar o teatro.

Enquanto não houver novos atores, ao grupo de teatro está em risco, porque o rancho folclórico absorveu “todas as pessoas possíveis e imaginárias”, são duas atividades incompatíveis, uma vez que envolvem as mesmas pessoas

“marca-se uma peça de teatro, mas aí não, porque o rancho vai ensaiar nesse dia, se não é o grupo coral que quer ensaiar naquele dia, portanto é ...às vezes são coisas a mais para tão pouca gente e nós somos de uma zona em que as pessoas já estão bastante envelhecidas. Há pouca juventude. A provar isso é que o rancho tem pessoas de várias freguesias e o grupo de teatro é só de Rio Frio” (Entrev. III, 16/03/2012).

Em relação ao papel que desempenham o teatro e o rancho naquela comunidade

“O rancho supera o teatro, para já envolve muito mais gente é um grupo maior e depois é outra forma de atuar, num rancho folclórico se houver meia dúzia daqueles que não percebem nada, aquilo, como se costuma dizer vai Maria c’as outras não é, no teatro não pode ser assim, cada um tem um papel e desempenhar e tem de o saber desempenhar convenientemente, o teatro é mais restrito, mas com muito mais responsabilidade, só que à vista das pessoas o grupo folclórico é mais volumoso e, portanto, todas as pessoas sabem entender a atuação num rancho folclórico, enquanto no teatro não, temos pessoas, por que não dizê-lo, há pessoas que vêem a peça do princípio ao fim e ao fim se lhes perguntassem o significado daquela peça, eles não sabiam dizer, no rancho é mais chula, mais cana verde, todos sabem o que é, é obvio” (Entrev. III, 16/03/2012).

Continua a fazer comparações

“Por um lado, a nossa população está bastante envelhecida, depois também há um certo grupo de juventude que vem de 15 em 15 dias ao fim de semana à terra e depois os que restam, alguns fazem parte do teatro e, como disse há bocado, também fazem parte do rancho e claro que são

coisas diferentes. No rancho folclórico não há que decorar, há que dançarolar e pronto, andam ali uns com os outros e não tem responsabilidade, enquanto que no teatro há responsabilidade e há que decorar coisas e isso custa e também há quem tenha menos capacidade, há pessoas que para decorar uma peça leva-lhes muito mais tempo enquanto que outros aprendem aquilo com facilidade e não lhes custa nada participar em tudo. É preciso decorar, é preciso fazer um sacrifício. O teatro também tem sacrifícios e esse é um deles.

No teatro há uma coisa muito importante, que às vezes é das coisas mais difíceis de adquirir que é exigir respeito e fazer-se respeitar. No teatro é muito importante, mas nem sempre é fácil, mas isso, para mim, é o essencial” (Entrev. III, 16/03/2012).

Considera que o teatro, ao longo destes anos, tem ajudado a desenvolver a freguesia

“e a prová-lo as pessoas sentem uma certa vaidade. É verdade que as pessoas de Rio Frio convidam outras pessoas de outras freguesias para virem assistir à peças e mesmo quando nós saímos muita gente de Rio frio acompanha o teatro, não é por acaso, não é? É porque gostam e sentem um certo orgulho e vaidade porque aquilo é mais um elemento que há na freguesia para marcar o nome da freguesia” (Entrev. III, 16/03/2012).

Á frente dos destinos da Associação, desde 1997, como tesoureiro e, a partir de 2000, como Presidente, o líder carismático aprendeu a importância do associativismo na tropa, quando se encontrava a cumprir o serviço militar no Ultramar. É acusado pela cara metade de “ter casado com a Associação” e por várias vezes quis abandonar esta “dor de cabeça”, mas não o “têm deixado”, o grito de alerta está bem expresso no último Mensageiro. Ainda assim, cansado porque a idade “já é muita”, como diz, apresenta a Associação desta forma

“Já cá existia o rancho folclórico formado em 2000, quando eu entrei, e a partir daí houve sempre aqui escola de música, grupo de cavaquinhos, neste momento temos a escola de concertinas. O rancho folclórico já teve atuações em Espanha, em França e Portugal, praticamente em todo o país. O grupo de teatro também fez várias atuações dentro do concelho e noutros concelhos vizinhos, nomeadamente Paredes de Coura e Ponte de Lima. Neste momento, só temos o rancho folclórico porque no grupo de teatro houve um interregno por falecimento de um elemento e um outro que foi operado a um joelho. Vamos sempre tentando que a Associação tenha uma dinâmica associativa. O rancho folclórico continua, fazemos várias atuações, este ano serão 15 e daqui até ao fim do ano não sei se mais aparecerão. Fazemos vários eventos durante o ano, no dia 29 deste mês será já um deles, um encontro de idosos, um convívio de idosos com concertinas; no dia 17 de junho teremos o festival de folclore, no dia 16 de agosto, um convívio para sócios, no dia 11 de novembro realizaremos o habitual magusto e o aniversário do rancho folclórico, no dia 16 de dezembro faremos a festa das crianças, de seguida, a passagem de ano e serão mais ou menos estes os eventos para este ano. No dia 3 de junho fazemos uma

excursão para sócios à Senhora da Graça e à Penha a Guimarães” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Considera a Associação como um pólo de cultura por várias razões:

“primeiro, ao criar o grupo de teatro é um evento cultural, a música é cultural, o rancho folclórico é cultura da terra e os eventos também. Todos os eventos que nós fazemos são culturais – o magusto é muito tradicional, ainda eu era menino já ouvia falar dos magustos, as excursões, igual, os convívios, tudo isso (Entrev. IV, 14/04/2012).”

Faz o percurso do grupo de teatro

“O grupo de teatro existe desde 1987, começou só com jovens, com uma peça muito engraçada, que era a “Autoroute” que a maioria das pessoas não sabia o que era uma autoroute, na altura veio com os emigrantes, depois “As partilhas” também uma peça muito engraçada mesmo, começando pelo funeral do pai, uns choravam porque tinham paixão, outros contentes porque iam herdar e lá vieram as partilhas em que ninguém se entendia. Foi uma peça muito engraçada. Agora, ultimamente foi “A câmara da carneirada”, uma peça que fez rir muita gente. Aquilo era uma demonstração da política. De seguida, foi então “O homem mais rico do Outeiro Maior” que era um homem criador de gado e só via a fortuna e não olhava pr’os empregados, não lhes pagava. Não deixava namorar a filha com um empregado. Eram peças que tinham muito a ver com a vida das aldeias” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Não se sente um líder realizado porque

“há muita coisa a fazer em Rio Frio. Eu gostaria muito que a Associação tivesse uma parte de desporto, mas os jovens saíram e há muito poucos jovens para o desporto. Outra coisa que eu gostaria era, partindo já para a parte humanitária, que a Associação tivesse, por exemplo, quando uma pessoa precisasse de ir a um hospital, a Viana do Castelo precisasse de ir a um médico aos Arcos ou precisasse de uma visita a casa, a Associação ter um grupo de voluntários para poder fazer essas coisas” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Já referiu que a Associação é uma escola que une as pessoas da freguesia, em vários aspetos

“repare, enquanto a igreja é para os católicos, a junta é para os políticos, a Associação recebe cá todos: católicos, praticantes, não praticantes, políticos, não políticos, todas as cores, brancos e negros, não importa a cor e a Associação recebe toda essa gente, não é?” (Entrev. IV, 14/04/2012).

Chegados a este ponto do trabalho, importa tecer algumas interpretações resultantes da análise dos dados apresentados, pois, é neste momento que as peças se encaixam de forma congruente. Podemos comprovar que a revisão da literatura, constante no

primeiro capítulo, tanto a parte do associativismo como a do teatro ficou bem espelhada e operacionalizada neste capítulo, o mesmo aconteceu com as questões de investigação. Aliás, este momento consagrado à apresentação, discussão e interpretação dos dados representa, em meu entender, a força motriz desta investigação, a riqueza dos dados, a coerência interna do *corpus* em análise. Vejamos alguns detalhes decorrentes dessa interpretação.

Pude constatar que a Associação Recreativa e Cultural de S. João de Rio Frio representa uma mais-valia, um valor acrescentado para a comunidade em que está inserida, ou melhor, desempenha um verdadeiro papel de “coesão social e de desenvolvimento local”, conforme sublinhava Monteiro (2004). As palavras do mesmo autor foram comprovadas, neste estudo, na medida em que a Associação assume um “lugar e exercício de *empowerment*, como ação dirigida a, para e com as populações entendendo esta ação como a conjugação entre a consciencialização e a participação conjunta nos processos que implicam decisão” (2004, p.148). O Presidente da Associação ilustrou, precisamente, estes aspetos ao falar das dinâmicas quer no editorial do “Mensageiro”, quer na entrevista concedida. Toda a ação é dirigida à população riofriense, apelando cada vez mais à sua participação ativa, tanto nas atividades promovidas, como nos órgãos sociais da própria Associação e crescimento do número de sócios. Note-se que, a última edição do “Mensageiro” apresenta uma análise detalhada da situação da freguesia, de acordo com os resultados preliminares dos Censos 2011, apontando para “população residente: 684, famílias: 308, edifícios: 629. Face a 2001 temos menos 205 habitantes, menos 42 edifícios e menos 67 famílias” (2012, p.5). A Associação é constituída por 365 sócios, um número bastante significativo, em termos do número global de habitantes residentes. Os riofrienenses reconhecem a devida importância ao trabalho desenvolvido pela Associação, não só na forma como participam através de donativos, como também na forte adesão às atividades propostas. O investimento em torno do património construído foi intenso e, dos contactos informais com o Presidente, muitas vezes se viu “obrigado” a adiantar verbas pessoais para que as obras pudessem prosseguir. A atitude desprendida revela uma personalidade dedicada a grandes causas e, apesar do cansaço, continua à frente dos destinos da Associação, com a mesma garra inicial, só sossegando quando surgir alguém que queira verdadeiramente “pegar” na Associação e continuar os seus intentos, seus de todos, conforme os objetivos constantes no regulamento geral interno. A visão da Associação como um “pólo de cultura” reveste-se de profundo interesse e enuncia a visão de alguém que percebe o que faz mover uma comunidade, uma região, um país. Se convocarmos novamente os objetivos do regulamento geral interno

- “a) A intervenção descentralizadora no domínio da cultura e do desporto;
- b) A animação, produção e difusão culturais;
- c) Valorização e defesa do património cultural;
- d) O apoio a iniciativas e ações sociais, culturais e desportivas em que está inserida;
- e) O incremento da participação desportiva” (1997, p.1).

verificamos que a ação desenvolvida cumpre na plenitude as intenções iniciais. O domínio do desporto será, talvez, aquele o mais descurado, por razões alheias à direção: emigração, jovens existentes, em número reduzido e alguns desses encontram-se a estudar, só regressando à freguesia em alguns fins de semana. Convém salientar que 300 habitantes de Rio Frio têm mais de 65 anos, o que faz desta freguesia do concelho de Arcos de Valdevez, uma das que mais idosos tem “somos a terceira freguesia com mais idosos” (Mensajeiro, 2012, p.6). O lamento do Presidente da Associação está, assim, justificado:

“Eu gostaria muito que a Associação tivesse uma parte de desporto, mas os jovens saíram e há muito poucos jovens para o desporto” (Entrev. IV, 14/04/2012). Como se pode verificar nos planos de atividades iniciais, o desporto vinha contemplado, chegando mesmo a existir uma equipa de futebol.

O objetivo “valorização e defesa do património cultural” surge bem expresso nas diferentes atividades e sintetizando as palavras do Presidente, tudo o que a Associação promove é cultural (teatro, música, rancho, eventos...), perpetuando as tradições locais e regionais.

“A animação, produção e difusão culturais” é outro objetivo forte e igualmente cumprido em pleno, na medida em que existe pesquisa etnográfica e apresentação de espetáculos de folclore, de peças de teatro, criadas, encenadas e produzidas *in loco*, escola de música (cavaquinhos, concertinas...), o jornal “Mensajeiro”. De cariz mais social, podem destacar-se os encontros de idosos, as excursões, as festas intergeracionais (crianças, idosos). Acentuo o papel do jornal, como meio difusor da “vida da Associação”, como elo de ligação e de proximidade entre a Associação e os seus associados ou não associados, espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Direcionando agora mais para o papel do teatro na Associação, confesso que a recolha, análise e interpretação dos dados recolhidos provocaram alguma surpresa, que passo a explicar. Quando decidi estudar a Associação do concelho de Arcos de Valdevez mais representativa em termos de artes cénicas, acreditei, empiricamente, que o teatro estava conotado como uma forte fatia, no contexto da dinâmica associativa. Baseava-me nos espetáculos a que assisti, quer de folclore quer de teatro, para formular esta espécie de primeira “hipótese” de estudo, sem o ser, dado que ambos tinham forte

adesão da população. Mesmo quando o grupo de teatro atuou na sala mais emblemática da sede do concelho - a Casa das Artes - pude constatar o espaço cheio de entusiastas e apaixonados do teatro. Quando iniciei o trabalho de campo, observação direta e não participante, relativa aos ensaios da última peça, abordagem junto de informantes privilegiados, comecei a perceber que as coisas não eram bem como eu pensava. Nos ensaios, pude observar a dificuldade em agendar novas datas, ora porque era dia de ensaio do rancho folclórico, ora porque era dia de ensaio das marchas de S. João, ora por outro motivo de ordem pessoal. Até aqui, não havia nada a assinalar, já que a Associação sempre foi dotada de grande dinamismo e que alguns dos elementos do grupo de teatro pertenciam igualmente ao rancho folclórico. No momento da primeira entrevista comecei a aperceber-me que, afinal, o rancho folclórico se situava num patamar bem diferente do teatro, ocupando, expressamente, um lugar de maior destaque, junto das atividades promovidas pela Associação. Os quatro entrevistados afirmaram, unanimemente, que o rancho folclórico tem uma maior visibilidade e projeção do que o teatro. Os atores lamentaram esse facto e vão mais longe: no seu entendimento, a Associação deveria “dar mais atenção às pessoas que estão a sacrificar o seu tempo, deviam dar mais valor ao teatro”, deveria “investir na aquisição de roupa e de adereços para o grupo de teatro, já era hora” de o fazerem, para abandonarem o permanente “improvisado”

“(…) temos de arranjar tudo, traga as calças, traga a camisa, a ver se arranjas uma saia, é cada um a desenrascar-se e isso eu acho que não está muito certo e para o futuro do teatro é mau porque vem um elemento novo, a gente dá-lhe a volta, consegue juntar-se a nós e começa a desanimar, é isto, e depois deviam ser mais cumpridores, até da parte deles, serem mais cumpridores, dar mais uma atenção ao pessoal...” (Entrev.II, 06/03/2012).

Foram unânimes em considerar o teatro, e todas as atividades promovidas pela Associação, como pólo(s) de desenvolvimento social, e, sobretudo, cultural, da freguesia, projetando-a além fronteiras.

“Mágico”, “Tudo”, “Alegria”, “Cultura” foram, curiosamente, os termos escolhidos pelos entrevistados, no exercício de encontrar apenas uma palavra para representar o significado pessoal de teatro. As palavras do jovem ator entrevistado enquadram-se na teoria de Fuchs et al (2008, p.343) quando faz referência à “alteridade” da prática teatral:

“(…) Teatro é representar outras personagens e poder dizer tudo o que tem dentro de si”.O jovem falava com palavras suas deste “colocar-se no papel do outro” ao assumir

uma determinada personagem. O mesmo autor faz referência ao papel do grupo, da ação enquanto grupo e da importância de transcender a perspectiva egocêntrica. O compreender os factos de uma outra perspectiva, que não a sua, vai surtir efeitos no seu comportamento social. O jovem ator considerava que se podia “deixar a nossa vida entrar em várias personagens”, esse aspeto era “bom” e, nesse sentido, o teatro era importante para a vida. Este assunto remete-nos para a construção da personagem, como exercício complexo e, conforme preconiza Stanislavski (1977), pressupõe a utilização de

“recursos pessoais, de observações que tenha podido fazer sobre os outros (...) os quadros, as gravuras, os desenhos, os livros, as histórias, os romances, um mero incidente da vida quotidiana, tudo isto tem valor. O único imperativo ao qual deve obedecer consiste em que nunca, ao longo das pesquisas puramente exteriores, extraviar o seu próprio «eu» interior” (p.12).

Na visão do ator mais velho, o teatro é uma “escola” de múltiplas aprendizagens – ensina a gostar, a enfrentar o público, a conviver com os colegas, a ocupar o tempo livre, a ter disciplina, a respeitar o outro, a ser pontual e assíduo, a desenvolver o espírito de grupo, a sentir que todos são úteis.

O autor e encenador das peças assume que o teatro é cultura, cujas temáticas a abordar devem estar próximas do povo e, nesse sentido, a comédia é o género que melhor chega ao povo e aos riofrienses. Está convicto de que se fosse exibida em Rio Frio uma comédia vinda de uma grande cidade, os riofrienses não entenderiam a sua mensagem, o mesmo se passaria com a população de outras freguesias do concelho. Considera, igualmente, que para quem está em palco, o divertimento proporcionado pela comédia exerce um papel de reforço positivo “porque se estiver a exhibir uma peça que não faça rir ninguém as pessoas sentem-se desanimadas, pensam que não tem jeito e se calhar até nem desenvolvem o papel que lhes é confiado com aquele à vontade que deveriam ter” (Entrev. III, 16/03/2012). A sua maior preocupação, na elaboração e encenação das peças, é a de fazer rir, provocar o divertimento, tanto para os espetadores como para os atores. Tem descoberto no teatro ideias novas, que surgem no decorrer dos ensaios, com a convivência e achegas de cada elemento. É como que um efeito surpresa, pois, quando começa a ensaiar uma peça nunca sabe como a vai terminar, está sempre aberto à colaboração de todos, para o seu enriquecimento. Tem consciência de que o teatro representa sempre o motor de novas aprendizagens:

“vão surgindo novas ideias e a gente está sempre a aprender, eu acho que no teatro nunca ninguém há-de saber tudo, há sempre qualquer coisa de novo”. Surpreendente foi também a forma como o encenador dirigiu a encenação da peça de teatro, a que assisti como observadora. Surpreendente porque encontrei nela muitas das técnicas apontadas, por exemplo, no livro “Teoria e Técnica Teatral”, de Fernando Wagner (1979). Ao chamar a atenção para as pausas está, sem ter conhecimento, a falar da interpretação verbal, ou seja, “dar vida à palavra do dramaturgo” cujo fundamento é o “correto pronunciar da frase e uma clara dicção” (*Idem*, p.22).

“A entoação da frase determina-se precisamente por meios de pausas da mais variada duração. Deste modo, a pausa pode ser um brevíssimo instante, como também pode atingir uma longa duração com o fim de efetuar uma ‘transição’” (*Ibidem*). Para além de ordenar a frase, a pausa também serve para respirar. Quando o encenador chamava a atenção do ator principal, solicitando-lhe, em determinado momento, um tom irónico, está também a convocar o citado autor, já que “cada frase requer uma entoação própria”, o que implica “ir mudando de frase para frase e esta mudança de tom é de suma importância para dar naturalidade ao diálogo” (Wagner, 1979, p.31). Quando intervinha para corrigir os movimentos em palco estava, segundo o mesmo autor, a “mover as suas figuras de acordo com o estilo da sua *mise-en-scène*, tratando de acentuar a ação dramática” (Wagner, 1979, p.35). A este propósito distingue “movimentos fundamentais” e “movimentos secundários”. Os primeiros representam “uma ação que a própria obra exige em determinado momento para não interromper a qualidade dramática”, os segundos, não menos importantes, “são planeados de acordo com o carácter da personagem, da cena e da própria obra – será o verdadeiro complemento da palavra - o movimento interpretativo” (Wagner, 1979, p.36). Quando chamava a atenção do ator mais jovem para olhar o dinheiro que o “Mendonça” lhe deu, estava a falar de movimento, e segundo o citado autor, “todo o movimento costuma começar nos olhos, donde passa à cabeça e, finalmente, ao corpo. Antecipar o movimento com o olhar contribui grandemente para a suavidade da ação” (*Idem*, p.37). Quando o encenador interrompia a cena para o uso dos braços e das mãos, também aqui estava a alertar para um aspeto muito importante, conforme Wagner referia –

“nada revela tanto a insegurança do principiante como o uso dos braços e das mãos. A angústia, o mal estar, a impressão de que todo o corpo lhe sobra e o estorva transparecem nesses fracos e repetidos movimentos de braços que parecem ligados ao corpo pelos cotovelos por meio de fios mágicos” (Wagner, 1979, p.42).

Se fizer referência ao vestuário e à maquilhagem, também nesta vertente, o encenador tem cuidados com os seus atores e alerta para a roupa da época em que decorre a cena. Lembro que solicitou ao ator mais jovem para arregaçar as calças e arranjar uma camisa mais velha, para melhor caracterizar a sua personagem. Wagner afirma que “ o vestuário e a maquilhagem devem, pois, ajudar a criar o estilo e o ambiente da encenação e cada traje deve ajudar a definir o carácter da personagem que o usa. E isto tanto para o traje da época como o traje moderno” (Wagner, 1979, p.204). Outros exemplos poderiam ser registados, mas parecem-me suficientes para marcar uma atitude profissional, deixada pelo autor e encenador das peças, mesmo tratando-se de uma situação intuitiva e empírica, não fundamentada em conhecimentos científicos sobre a prática teatral. Na tentativa de encontrar uma explicação para este fenómeno, realizei uma breve incursão pelas teorias da liderança, para tentar relacionar a atitude do encenador perante o teatro e as suas características pessoais.

“Os primeiros estudos sobre liderança, foram efetuados até à Segunda Guerra Mundial. A ideia que os norteava era a de que algumas pessoas possuem traços de personalidade que as tornam mais aptas ao exercício eficaz de posições de liderança. Os tipos de traços mais citados como conducentes ao sucesso foram a inteligência, criatividade, fluência verbal, auto estima, estabilidade emocional, energia, intuição penetrante, capacidade de persuasão” (Rego, 1997, p.58).

As investigações prosseguiram, evoluíram e gostaria de agarrar as palavras de Jeffrey Glanz (2003), logo na primeira página, “cada um de nós possui qualidades inventivas, que funcionam em harmonia e se manifestam de maneira única. A nossa tarefa é descobrir essas qualidades, cultivá-las para nos tornarmos líderes” (p.4). O mesmo autor refere que

“todos possuímos qualidades e atributos inatos, que fazem de cada um de nós um ser único e nos motivam ou orientam. A nossa forma de reagir numa situação particular é determinada por estas características inatas. Embora muitos de nós possuam uma série de atributos em proporção diferente, o que nos define é aquele atributo ou traço de personalidade dominante, que se evidencia naturalmente em situações de crise ou necessidade” (Glanz, 2003, p.15).

A este tipo de liderança, o citado autor apelida de “tipos naturais”, mas avança com mais duas possibilidades: “tipos qualitativos primários” e “tipos qualitativos secundários”. Dentro da tipologia dos primários existem os Dinâmicos, os Adaptáveis e os Criativos; os Dinâmicos caracterizam-se por possuir um carisma e um magnetismo pessoal que lhes permite inspirar e liderar os outros, apresentam uma visão de conjunto e são capazes de articular um projeto para o futuro; os Adaptáveis adaptam-se bem a

situações variadas, mas não são carismáticos nem criativos. Por sua vez, os líderes dos “tipos qualitativos secundários” podem ser “Agressivos, Assertivos e Empáticos. No primeiro caso, têm uma característica dominante energética e poderosa, tendendo a liderar os outros ou a querer dominá-los; os Assertivos são, frequentemente, seguros e autoconfiantes e os Empáticos exibem, geralmente, uma atitude de afabilidade e encorajamento. (Glanz, 2003, p.15). Segundo esta tipologia, encontro já salpicos das várias tipologias, nas quais se podem enquadrar as atitudes do autor e encenador das peças, como o tipo Dinâmico, Criativo, Assertivo e Empático. Também como preconiza o mesmo autor estas qualidades primárias e secundárias interligam-se em determinados padrões que produzem uma “rica tapeçaria” e originam a criação de mais tipos de liderança, pois cada um de nós possui todas estas qualidades num grau maior ou menor, que demonstramos em determinadas situações, a questão central é que todos nós possuímos uma característica natural dominante. Contudo não é meu propósito aprofundar muito mais estas questões da liderança, mas encontro estas tipologias na personalidade forte e dinâmica do autor e encenador, da mesma forma que o Presidente da Associação também as revela. Convém salientar que a “liderança é melhor concebida e dirigida por uma equipa composta de indivíduos possuidores de talentos únicos e distintos” (Glanz, 2003, p.157). Gostaria de convocar David Batstone citado por Andy Hargreaves e Dean Fink, no livro “Liderança Sustentável” (2007) adaptando os oito princípios das organizações empresariais que procuram uma trajetória sustentável, à Associação de S. João de Rio Frio. Os princípios preconizados são os seguintes:

- “1. Responsabilidade dos diretores e dos executivos de assegurarem a viabilidade da empresa.
2. Transparência, permitindo que as operações sejam visíveis e as decisões escrutináveis.
3. Comunidade, para com a qual a empresa tem obrigações e compromissos.
4. Honestidade na apresentação dos produtos e na realização das transações.
5. Decência na forma de tratamento dos trabalhadores, incluindo o seu envolvimento na tomada de decisões na organização.
6. Sustentabilidade nas atitudes e nas abordagens ao ambiente, procurando reduzir os impactos negativos que o possam afetar.
7. Diversidade, assim como igualdade na gestão de todas as relações.
8. Humanidade, manifestada no respeito pelos direitos dos trabalhadores (e dos cidadãos) integrados em todas as divisões da empresa, ao nível global, e em todas as firmas suas parceiras” (Batstone , 2007, p.17).

A *responsabilidade* da direção da Associação assegura a continuidade e longevidade da mesma, ainda que após tantos anos com esse encargo; a *transparência* e *honestidade* da sua atuação é visível e conhecida de todos os sócios e não sócios, quer através das assembleias gerais, quer através do jornal "Mensageiro"; a Associação dedica-se de corpo e alma à comunidade de Rio Frio, tentando projetá-la localmente e além fronteiras; a *decência* denota-se pela forma como os sócios são tratados e como apelam à participação de todos; a *sustentabilidade* e *diversidade* direcionam-se para as atividades propostas, tendo sempre em conta as raízes, as tradições locais; a *humanidade* observa-se no respeito por todos e na preocupação com os mais idosos, os mais jovens, destacando as intenções de conseguir um grupo de voluntários para apoiar os mais velhos nas idas ao médico e ao hospital.

Em meu entender, a Associação de Rio Frio apresenta todos estes princípios de uma liderança sustentada, que vai, certamente, continuar a perseguir, sempre em prol de um objetivo comum.

Em síntese, o III Capítulo, o mais longo de todos, comporta o trabalho empírico, do qual constam a apresentação, análise e interpretação de dados recolhidos, através das técnicas escolhidas, de acordo com o objeto de estudo. É também neste capítulo que surge uma breve reflexão sobre a temática da liderança, na tentativa de enquadrar o estilo de liderança do autor e encenador do grupo de Teatro, bem como do Presidente da Associação.

CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES

O trabalho de investigação desenvolvido, neste contexto privilegiado de educação não formal, pretendeu colocar a Associação Recreativa e Cultural de S.João de Rio Frio num lugar de destaque, assegurando-lhe uma maior visibilidade a nível local, no campo associativo em geral e no Teatro em particular. Representa, como já referi, uma mais-valia para o concelho de Arcos de Valdevez e uma projeção para futuras investigações. Sendo um estudo académico extravasa o local e o regional, o que permite uma visibilidade mais alargada, se assim se pode dizer.

Importa, agora, dar conta deste processo e sintetizar em que medida as questões de investigação foram ou não respondidas. Passando em revista todos os passos dados na concretização do estudo, podemos observar que o Capítulo I começou por introduzir uma definição do conceito de Associação, convocando alguns autores como Cardoso (2004), Monteiro (2004), Cristóvão *et all* (2008). A abordagem ao conceito conduziu-nos à importância atribuída às associações recreativas, desportivas e culturais como verdadeiros pilares do desenvolvimento local/regional e como espaços de solidariedades e de exercício pleno de cidadania. Ainda no mesmo capítulo, uma breve história e origem do Teatro surge como nota introdutória para um ponto mais desenvolvido que trata o Teatro como instrumento educacional, potenciador do desenvolvimento humano. Estudiosos das artes defendem que a atividade dramática é inata ao homem, que as representações associadas ao jogo dramático remontam aos primórdios da humanidade, que é do Teatro que brotam todas as artes. Parece ser consensual encarar-se o teatro como um espaço de representação, de experimentação, em que, todos, independentemente da idade, poderão conhecer os seus limites e capacidades, ampliar os seus conhecimentos, desenvolver o raciocínio, criatividade e imaginação e despertar para a prática da cooperação social. Este capítulo apresenta estudos que relatam experiências com pessoas das mais variadas faixas etárias e comprovaram a eficácia dos exercícios e jogos teatrais, no processo de aprendizagem ao longo da vida do ser humano.

O suporte teórico desta parte do capítulo ancorou-se em autores como, Cordeiro (2006), Brito *et all* (2010), Vasques (2007), Brook (2008), Spolin (1987), Fuchs *et all* (2008), Boal (2005), Stanislavski (1977), entre outros.

No II Capítulo encontram-se as opções metodológicas, bem como os seus fundamentos teóricos, iniciando com uma abordagem aos princípios éticos subjacentes a uma investigação. Características de uma investigação qualitativa, de um estudo de caso, tipo de amostragem, bem como as técnicas de recolha de dados são assuntos que foram tratados no âmbito deste capítulo. De acordo com os objetivos da pesquisa e as características do objeto de estudo, as técnicas que compõem o processo de triangulação, neste caso em particular, foram a observação não participante, a pesquisa e análise documental e a entrevista semi-estruturada.

Para a realização deste capítulo contei com autores como Lüdke & André (1986), Bogdan & Biklen (1994), Bell (2002), Pardal & Correia (1995), Cohen & Manion (1990), Bardin (1997).

O capítulo III centra-se no estudo empírico, com a apresentação, análise e interpretação dos dados. A análise documental incidiu nos seguintes documentos: escritura, estatutos, regulamento geral interno, planos de atividades da Associação e jornais “O Mensageiro de Rio Frio”, uma edição da total responsabilidade da Associação. A observação não participante ocorreu ao longo de nove sessões destinadas aos ensaios da peça de Teatro “O homem mais rico do Outeiro Maior”. As entrevistas semi-estruturadas foram direcionadas a quatro informantes privilegiados – ator mais jovem e sem experiência, ator com mais experiência de palco, autor encenador das peças de Teatro e Presidente da Associação.

Por fim, chegou o momento de apresentar, formalmente, as conclusões do estudo face às questões de investigação, que passo a relembrar:

Que representações têm os atores sobre o teatro?

Qual o seu impacto na comunidade local/regional em que se encontram inseridos?

1. Constata-se que os atores envolvidos na investigação evidenciam, claramente, um conhecimento sólido, ainda que empírico, sobre o que é o Teatro, o propósito que serve e em que medida se constitui um motor de desenvolvimento;
2. Para eles, o teatro, bem como todas as atividades promovidas pela Associação contribuem para o desenvolvimento social, e, sobretudo, cultural, da freguesia, projetando-a além-fronteiras;
3. As conceções que têm sobre o Teatro enquadram-se nas teorias abordadas no capítulo da revisão da literatura. A título de exemplo, poderemos (re)convocar o quadro teórico de Fuchs et al (2008, p.343), quando faz referência à “alteridade”

da prática teatral, na medida em que o ator assume determinada personagem, o pensamento de Stanislavski (1977), quando aborda o exercício complexo que é a construção de personagem, mas poderíamos encontrar muitos outros pontos de contacto;

4. A visão do ator mais velho aprofunda a questão do Teatro como uma “escola” de múltiplas aprendizagens – ensina a gostar, a enfrentar o público, a conviver com os colegas, a ocupar o tempo livre, a ter disciplina, a respeitar o outro, a ser pontual e assíduo, a desenvolver o espírito de grupo, a sentir que todos são úteis, vantagens apontadas pelos diversos investigadores convocados no capítulo I;
5. O autor e encenador das peças insiste que o Teatro é cultura, cujas temáticas a abordar devem estar próximas do povo e, nesse sentido, a comédia é o género que melhor chega ao povo e aos riofrienses e que mais anima e diverte os atores que dirige. Acentua, assim, a ludicidade do Teatro e atribui-lhe o papel de motor de novas aprendizagens mútuas;
6. O encenador utiliza, ainda que de forma empírica, muitas das técnicas apontadas por Fernando Wagner (1979), no livro “Teoria e Técnica Teatral”, ao chamar a atenção para as pausas, a entoação da frase, a respiração, a movimentação em palco, a suavidade da ação, o uso dos braços e das mãos, o vestuário e a maquilhagem na caracterização da personagem;
7. Verifica-se que não é o Teatro que ocupa um lugar de maior destaque, junto das atividades promovidas pela Associação, mas sim o rancho folclórico, pois, apresenta uma maior visibilidade e projeção, junto da comunidade, Contudo, é motivo de “ vaidade” para aquela comunidade e ajuda a levar o nome da freguesia mais longe;
8. A vida associativa desta organização aparece bem espelhada nas oito páginas trimestrais do jornal “O Mensageiro de Rio Frio”, o elo de ligação com os vários cantos do mundo, para chegar às mãos dos sócios emigrantes. Para além da divulgação das atividades realizadas dá conta também de preocupações mais latas, tanto a nível micro como a nível macro, em várias dimensões e domínios (cultural, social, ambiental, político, demográfico...).

Implicações e novas linhas de investigação

Convocando as palavras do ator mais experiente “O teatro para mim é tudo (...) no início desanimei um bocado, mas depois parece que cresço, parece que cresço...” (Entrev. II, 06/03/2012) também o meu crescimento pessoal, com a elaboração deste trabalho, foi uma constante. Em vários momentos da investigação senti-me parte integrante do processo, apesar de, enquanto investigadora, ter de manter a distância exigida e o olhar de fora para dentro, o que nem sempre foi fácil de alcançar. Os dados foram surpreendentes e as conceções que os vários elementos entrevistados demonstraram possuir acerca do teatro poderiam ser dignos de um qualquer autor consagrado no mundo das artes cénicas, incluindo aquelas proferidas pelo jovem de catorze anos.

O caminho percorrido satisfaz o cumprimento de um objetivo pessoal escondido, ou seja, permitiu um aprofundamento dos conhecimentos na área do teatro, pese embora, ter consciência de que muito ficou por estudar, neste mundo vasto e complexo do teatro. O conhecimento mais aprofundado desta Associação, em particular, foi igualmente conseguido.

Qualquer crescimento pessoal tem, necessariamente, implicações ao nível profissional, na medida em que caminham lado a lado, poderia mesmo apelidar de um percurso gémeo. Apesar de não ter responsabilidade direta com turmas, utilizo frequentemente as técnicas do teatro, tanto em reuniões como nas interações com crianças, jovens, e famílias com quem trabalho.

A um nível mais lato, o objetivo da investigação também foi cumprido, uma vez que o enfoque na Associação estudada assegura efetivamente uma maior visibilidade, quer a nível local, regional, como no meio académico, já que o trabalho poderá ser rentabilizado para novos estudos.

Sendo o primeiro trabalho exploratório sobre o associativismo no concelho de Arcos de Valdevez, ainda que mais centrado no papel do teatro, poderá ser uma ponte para futuras investigações, neste âmbito. Ponte para outras questões e o início de novas viagens...

Como as outras associações veem o teatro? Que diferentes valências apresentam? Quais as representações que os dirigentes autárquicos possuem a este respeito? Que papéis no “ranking” das prioridades das associações assumem o desporto, principalmente o futebol, o rancho folclórico, as festas e romarias, outros eventos? Que análise comparativa se poderá realizar entre a Associação de Rio Frio e as restantes existentes no concelho? No campo da sociologia das organizações poderíamos apontar para diferentes caminhos de estudo, sobretudo se quisermos aplicar as teorias das organizações educativas às Associações recreativas e culturais existentes no concelho. Poderá ser, com certeza, o início de novas viagens...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, Luís Filipe. (2001). *Expressão e Educação Dramática, Guia pedagógico para o 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

ALBARELLO, Luc. et al (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

ALBUQUERQUE, Rosana de Lemos Sousa, (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade, contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portuga*. Lisboa: Universidade Aberta, Tese de Doutoramento.

ALVES, Mariana, (2006). *Aprendizagem ao Longo da Vida e Políticas Educativas Europeias: tensões e ambiguidades nos discursos e nas práticas de estados, instituições e indivíduos*. Lisboa: Mariana Gaio Alves (Editora).

ANDRÉ, Marli Eliza, (1995). *Etnografia da Prática Escolar*. Campinas, SP:Papirus.

BARATA, José Oliveira, (1979). *Didáctica do Teatro Introdução*. Coimbra: Almedina.

BARATA, José Oliveira (1981). *Estética Teatral Antologia de Textos*. Lisboa: Moraes Editores.

BARDIN, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BELL, Judith (2002). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

BERGER, Peter (2000). *Perspectivas Sociológicas. Uma Visão Humanística*. Petrópolis: Vozes.

BISQUERRA, Rafael (1989). *Métodos de Investigación Educativa*. Guia práctico. Barcelona: CEAC.

BOGDAN R., BIKLEN S. (1994). *Investigação Qualitativa em Investigação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BRITO, Nayara, SILVA, Ana Paula, SILVEIRA, Alessandro (2010). *O Teatro como Estratégia de Comunicação da Ciência*. Campina Grande, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande –PB- pp.1-13.

BRITO, Sandra, (2004). Associativismo Recreativo-Cultural: sentidos de uma prática. O clube Fenianos Portuense. *Revista da Faculdade de Letras História*, III Série, vol. 5, pp.79-100.

BROOK, Peter (2008). *O Espaço Vazio*. Lisboa: Orfeu Negro.

CARDOSO, António Maria Ferreira, (2008). *As Associações: uma alavanca para o desenvolvimento local*, Algarve: Actas do III Congresso de Estudos Rurais (IIICER) Universidade do Algarve, pp. 1-30.

http://www.sper.pt/IIICER/Comunicacoes/Ant_Cardoso_Com.pdf,

CENTENO, Maria João Anastácio, (2010), *As Organizações e o Espaço Público – a experiência da rede nacional de teatros e cineteatros*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de Doutoramento.

COHEN, Louis & MANION, Lawrence (1990). *Métodos de Investigación Educativa*. Madrid: La Murala, pp 331-409.

CORDEIRO, Ana Paula, (2006). Oficinas de Teatro da UNATI – Unesp de Marília: o lúdico como elemento estimulador dos processos de criação teatral da pessoa idosa. *Educação em Revista*, Marília, vol. 7, nº 1/2, pp. 67-84.

COSTA, António (1986). *O que é a Sociologia*. Lisboa: Quimera.

CRISTÓVÃO, Artur et all, (2008). *Dinâmicas Associativas em territórios Rurais: o caso de Tondela*. Coimbra: UTAD, Colóquio Ibérico de Estudos Rurais, Comunicação.

ESTEVES, J.(s/data). *Metodologias Qualitativas – Análise Etnográfica e Histórias de Vida*. (Fotocopiado).

ESTEVES, M. J. B. (1990). "As Associações no Processo de Transformação Social na Sociedade Moderna. Um Estudo de Caso", In A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século, vol.II. Lisboa: Fragmentos, 243 -261.

FERREIRA, José Maria Carvalho, (s/d). *Associativismo, Terceiro Setor e Desenvolvimento Local Sustentável*. Policopiado, pp. 1-20.

FRANQUEIRA, Sara, (2009). *O Que Reside Entre as Artes é Teatro contaminações entre o lugar da cenografia e as artes plásticas*. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, estudos Teatrais, Dissertação de Mestrado.

FREIRE, Paulo (s/d). *Educação como Prática de Liberdade*. Lisboa: Dinalivro.

FUCHS, Muller, SILVA, Carmen, RODRIGUES, Lísinei, ALMEIDA, Marcelo (2008). Reflexões sobre ensino aprendizagem em teatro na educação de jovens e adultos (EJA). *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, jul./dez.2008. <http://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/6656/5855>, documento consultado em 28 de Maio de 2011.

GALLO, Carolina Ávila e Sakamoto, Cleusa Kazué, (2001). Um Estudo Preliminar sobre o Teatro como Espaço de Desenvolvimento Mútuo, *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia*, 2 (1), pp. 26-41.

GARROCHO, Luiz Carlos, (s/d). *O Teatro e as Forças do Colectivo*. Policopiado, pp. 36-50.

GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamim (1997). *O Inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta, pp. 7-104.

GUERREIRO, Nelson, (s/d). - *Estás Onde? Reflexões sobre Autobiografia e Auto-ficção nas Práticas Artísticas Contemporâneas*. Aulas Abertas, pp.125-138.

HARGREAVES, Andy & FINK, Dean, (2007). *Liderança Sustentável*. Porto: Porto Editora.

HORTON, Paul B. & HUNT, Chester L. (1981), *Sociologia*, S. Paulo: McGraw-Hill do Brasil.

JABLONSKI, Bernardo, (1987). *O Adolescente e o Teatro*. Policopiado. http://www.bernardojablonski.com/pdfs/producao/adolescente_e_teatro.pdf, Documento consultado em 28 de Maio de 2011.

LIMA, Licínio C. & ERASMIE, Thord (1982). *Inquérito às Associações do Distrito de Braga: Universidade do Minho*, Unidade de Educação de Adultos.

LIMA, Licínio (1998). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar*. Braga: Universidade do Minho.

LOUREIRO, J. (2003). A estética de uma ética sem barreiras, *In Programa Arte sem barreiras. Educação, Arte, Inclusão*. Caderno de textos, 3, Ano 2 Agosto/Dezembro. Rio de Janeiro: Funarte.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli (1986). *Pesquisa em educação*, Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU.

MACHADO, Maria Clara, (1972). *Teatro na Educação*. Cadernos de Teatro, 52, 1, pp.6-10.

MONTEIRO, Alcides, (2004). Renunciar à Autonomia ou o Movimento Associativo numa Encruzilhada. O exemplo das iniciativas de desenvolvimento local (IDL's) em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, pp. 139-157.

MOODS, Peter (1997). *La Escuela por Dentro. La Etnografía en la Investigación Educativa*. Barcelona: Paidós.

MORAES, Silmara Lídea, (s/d). *A Importância do Teatro na Formação da Criança*. Brasil: PUCPR, pp. 600-610.

MOURA, A. E Cachadinha, M. (2007). A arte como instrumento de educação social e de desenvolvimento cívico. In OLIVEIRA, M. (Org.) (2007), *Arte, Educação e Cultura*, Santa Maria: Ed. Da UFSM.

NUNES, João Sedas e tal. (1994). "O Mundo Associativo", In *Práticas Culturais dos Lisboetas*, José Machado Pais (coord.) Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 5-25.

OLIVEIRA, Mariana, (s/d). *Projeto "História do Teatro na Escola: das propostas aos meios"*. Policopiado, pp. 1-10.

OPPITZ, Paola de Farias, (2008). *Ao Abrir da Cortina Eu Encontro ou me Encontro: visões sobre a função do teatro*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Pedagogia da Arte.

PALMAR, Isabel, (2002). *Manual O Teatro Interactivo como Modelo Educativo Comunitário*. Canadá: Casa São Cristóvão.

PARDAL, Luís & CORREIA, Eugénia (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Sócia*. Porto: Areal, pp. 7-76.

PATRIOTA, Rosangela, (2005). *A Escrita da História do Teatro no Brasil: questões temáticas e aspectos metodológicos*. História, São Paulo, vol.24, nº 2, pp. 79-110.

PINTO, João Rodrigues, (2009). *Pedagogia da Alternância e Teatro Popular: a trajetória do ARTEVIDA, ORG & DEMO*. Marília, vol. 10. Nº 1/2 pp. 103-122. <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/608>, <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/300/244>, Document o consultado em 28 de Maio de 2011.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

REGO, Arménio, (1997). *Liderança nas Organizações – Teoria e Prática*. Aveiro. Universidade de Aveiro.

RIBEIRO, Juscelino (2006). *Interface entre História, Teatro e Literatura: Discussões Teóricas e Relato de Experiência*. Uberlândia, Ano VII, nº 7, pp. 35-46. <http://www.seer.ufu.br/indesc.php/olharesetrilhos/article/viewFile/3597/2639>. Documento consultado em 05/06/2011.

SALGADO, Lucília (1993). "As Associações e o Desenvolvimento", Cadernos PEPT 2000. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, pp. 110-112.

SANTOS, Boaventura (2001). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento.

SILVA, Livete Brito, e Gonzaga, Amarildo Menezes, (s/d). *Teatro, Alternativa de Formação e Cidadania na EJA*. Policopiado. <http://obusca.com/TEATRO-ALTERNATIVA-DE-FORMA%C3%87%C3%83O-E-CIDADANIA-NA-EJA--PDF.html>,

Documento consultado a 28 de Maio de 2011.

SOUSA, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.

STANISLAVSKI, Constantin. (1977). *A construção da personagem*. Lisboa: Civilização Brasileira.

TAGLIARI, Mariana, (2010). O Jogo, a Varinha de Condão para a Grande Mágica: o Teatro. Uma Experiência com Crianças. *Fênix Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 7, nº 1, pp. 1-21.

TAVARES, Margarida, (s/d). *A Distanciação Brechtiana e o Trabalho de Acto*. Aulas Abertas, pp.139-151.

TAVARES, Margarida, (s/d). *Sobre o Natural e o Actor*. Aulas Abertas, pp. 146-165.

TAYLOR S. J., BOGDAN R. (1996). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Ediciones Paidós.

TEIXEIRA, Ana Paula, e Camargo, Robson Correia, (2010). SPOLIN e STANISLAVSKI: Intersecções no ensino e na prática do teatro. *Fênix, Revista de História e Estudos Culturais*, Vol. 7, Ano VII, nº 1, pp. 1-20.

VASQUES, E. (2007). *Não há Neutralidade no Nomear e no Conceptualizar em Educação (Artística)*. <http://www.educacao-artistica.gov.pt/intervenções/ComunicaçãoEugéniaVasques.pdf>, consultado a 30 de maio.

VIEIRA, R. (1998). *Etnografia e Histórias de Vida na Compreensão do Pensamento dos Professores*. In Esteves A.

WAGNER, F. (1979). *Teoria e Técnica Teatral*. Coimbra: Almedina.

ANEXOS

Guião de entrevista

- Representações sobre teatro (quando e como começa o gosto pelo teatro, como define teatro, quais as sensações no palco, preparação da personagem);
- Esforço de encontrar uma palavra para definir o Teatro;
- Importância do teatro (vida pessoal e profissional, para a Associação, para a freguesia, além fronteiras);
- Teatro como polo de desenvolvimento da comunidade;
- Teatro e convívio intergeracional;
- Rancho Folclórico e Grupo de Teatro nos pratos da balança;
- Inspiração para a escrita das peças de Teatro;
- Importância da Liderança;
- História da Associação;
- Futuro do grupo de Teatro;
- Questões pertinentes que ficaram por colocar.

Entrevista I

Entrevista realizada a 02 de Março de 2012

E - Que idade tens MD?

MD – Tenho 14 anos.

E – Há quanto tempo fazes teatro?

MD – Comecei com o meu pai há cerca de duas peças atrás. Na primeira peça não entrei, eram outras pessoas, entrei na peça “ A Câmara da Carneirada” mas só como ajudante do electricista, a segurar as ferramentas. E depois entrei nesta da “Quinta do Outeiro Maior” Tinha 12 anos aí.

E – Como te sentes no palco?

MD – Não tenho muito texto, nem muito diálogo para expressar, nem muitas palavras, sentia-me à vontade, não tinha muito que fazer, não tinha muito que dizer, não era assim muito preocupante. Era pior se tivesse muita coisa para dizer...

E- Achas que o problema do teatro é o texto ser comprido, grande?

MD – Acho que não só, acho que tem de ser ver bem a personagem que se está a interpretar, tem de se perceber a personagem que se está a interpretar, depois pode sair o texto mesmo cá dentro, tendo –se o texto compreendido, torna-se mais fácil encarnar a personagem.

E – Como te preparaste para esse papel? Treinas muito em casa?

MD – Foi ao longo dos ensaios, os ensaios chegavam, como eu não tinha muito que dizer ensaiava uma coisinha e depois outra coisinha. A personagem que eu fazia era com um colega e os dois conseguíamos. Era preciso cumprir as regras normais, ter cuidado com a postura...

E – Para ti, o que é o teatro?

MD – o teatro, para mim, é onde as pessoas podem representar várias pessoas, não ofendendo ninguém. Pode-se fazer várias personagens, um rapaz pode fazer de rapariga, pode fazer de tudo que ninguém leva a mal. Teatro é representar outras personagens e poder dizer tudo o que tem dentro de si.

E- E lá em casa, falam de teatro?

MD – Falamos muito com o meu pai, a minha irmã, ela também entrou na última peça, ela começou primeiro do que eu a fazer de ponto. O meu pai já faz teatro há 25 anos, ele gostava muito, já em solteiro fazia com pessoas que agora você nem imagina que fizeram teatro. Gostava de fazer peças onde representasse as pessoas da freguesia, os problemas das famílias, de gente conhecida, objetos da freguesia.

E- O que achas do trabalho de encenação?

MD – O nosso encenador, acho que é um homem excelente, é ele que tem imaginação para escrever as peças, era ele que nos ensaiava, as coisas que conseguia observar, corrigia o que estava mal, dizia para não fazer isto, cuidado para não fazer aquilo.

E – E em relação aos textos, o que é que tu achas?

MD – não digo que sejam de um profissional, não é, para o meio onde estamos, estão bem, agora, fora disto, acho que não ficava tão bem, não se conseguiam perceber as peças, onde nós vivemos, acho bem.

E – Achas que o teatro é importante para a vida?

M- Acho, pode ser considerado como um hobby, um passatempo, não é, mas quando se entra tem de se ter responsabilidades, mas pode-se deixar a nossa vida entrar em várias personagens, acho que é bom.

E – gostas muito do teatro?

MD – Gosto, nunca tive aquela paixão, mas tenho exemplos para seguir...

E – Gosta de ver o teu pai no teatro?

MD – Gosto.

E – O vosso grupo, como é que tu defines o grupo?

MD – Temos todas responsabilidades e temos de cumprir as regras, o grupo é normal.

E – Se eu te pedisse, para fazeres um exercício de escolher uma palavra só o que é para ti o teatro, qual seria?

MD – É Mágico

E – Não sei se queres dizer mais alguma coisa...

MD – Eu sinto-me bem a fazer teatro, apesar de ainda não ter feito assim mesmo à sério, mas ainda sou novo e assim, mas gostaria de continuar.

E – Gostarias de fazer estudos na área do teatro, por exemplo?

MD – Estudos não digo, mas tentar fazer alguma coisa nesse setor, como hobby sim.

E – Achas que o teatro é importante para a associação?

MD – Ser importante é, toda a gente gosta, mas acho que não lhe dão o devido valor.

E- O que achas que era preciso mais?

MD – Ter mais atenção às coisas que se fazem, ter mais humildade, não sei qual é a palavra certa, mas dar mais atenção às pessoas que estão a sacrificar o seu tempo, deviam dar mais valor, agora o teatro está parado. Já ouvi rumores que o senhor Z quer continuar, sem a associação, porque é mesmo assim, não estão a dar o devido valor. Falo por mim, falo pelo que vejo, pelo que falo com as outras pessoas, que deviam dar mais valor, continuar, ter mais respeito pelo teatro em si, porque toda a gente gosta. A associação tem rancho e tem o teatro, mas o teatro é mais posto de lado. Na associação valorizam mais o rancho do que o teatro, mas o povo que assiste adora.

E – Então vamos aguardar que o grupo continue, de uma maneira ou de outra.

MD – Pode demorar mais tempo que o previsto, mas suspeito que vai continuar, está um bocadinho difícil, mas a ver se vai, pode não acontecer...

E – Achas que o teatro pode desenvolver a freguesia, de alguma maneira?

MD – Sim, porque não é qualquer freguesia que tem uma associação como nós temos, Muitas freguesias estão a trabalhar para ela, a maior parte das freguesias tem um rancho; Arcos de Valdevez praticamente tem um rancho por freguesia, não são todas que têm teatro, nem sei se será apenas em Rio Frio e como em Rio frio há jovens, há pessoas, temos um bom coordenador de teatro, não é, é uma pena desperdiçar, pronto, é um teatro amador e consegue fazer muito.

E – E o que é que achas do grupo ter pessoas de diferentes idades?

MD – Acho bem porque as mais velhas dão o exemplo aos mais novos para ao mais novos seguirem, também é bom para representar várias personagens, porque há personagens que requerem a sua idade própria e ao representar é bom ter o perfil daquela personagem e lá está, os jovens seguirem as pegadas dos mais velhos.

E – MD, muito obrigada.

MD – Nada.

Entrevista II

Entrevista realizada a 06 de Março de 2012

E – Sr. JD, então, diga-me, há quanto tempo é que faz teatro?

JD – Faço teatro, mais ou menos há 25 anos.

E – E como é que começou?

JD – Isto foi uma coisa simples, juntou-se lá um grupo de amigos convidados pelo Sr. P e depois resolveu-se, não é, conseguiu-se juntar os elementos que faziam falta na altura e ele, como agora também, criou uma peça que se chamava “As Partilhas”. Começámos a ensaiar, não saímos, foi só para tentarmos lá na freguesia, com elementos que hoje já não fazem parte. Na altura, era outra juventude, que hoje seguiu o seu caminho. Fiquei eu, dos mais velhos

E – É o elemento mais antigo do grupo?

JD – Sim, sim, sou eu e o Sr. P

E – Mas o Sr. P sempre como encenador?

JD – Sempre como encenador, sem ele não fazíamos nada, não éramos capazes, porque temos que ter quem nos guie, não é?

E – E depois, a seguir “Às partilhas”...

JD – Depois, não sei precisamente a data, mas na Ponte da Barca com o Padre António, fomos acompanhá-lo e apresentámos lá uma peça de teatro, mas baseava-se numa história de alguém que queria livrar da tropa, também era eu, já não me lembro de como se chamava a peça, foi muito curta. Na primeira, lembra-me bem, eu era o “Labrenhas”.

E – Queria que me dissesse de onde lhe vem o gosto pelo teatro? Como nasceu esse gosto?

JD – O gosto, eu, p’ra mim, é um dom. Como acabei de dizer fui convidado, ganhei gosto, gostava de subir ao palco, os aplausos do público. No início não era fácil, não era fácil enfrentar o público pela primeira vez, mas gostei, vi que o público aplaudiu e comecei a ganhar gosto, desde aí.

E- Nunca tinha feito teatro, nem mesmo na escola, foi a primeira vez?

JD – Não, não. Sim, foi a primeira vez, há 25 anos. Comecei a ganhar gosto, porque saí-me bem, pela minha parte saí-me bem, vi que a malta estava sempre a aplaudir, a lembrar, “continua, continua” e pronto, todas as vezes que era convidado, sempre participei.

E – Então, foi aí que descobriu esse dom. Não conhecia que tinha dentro de si esse dom?

JD – Não, porque eu de início até dizia assim “Eu não tenho jeito” mas anda, anda que vamos experimentar, mas isso era para cativar as pessoas e, enfim, foi-se escolhendo os que tinham mais jeito, mas tens de estar mais tempo em palco...

E – Sempre fez os papéis principais?

JD – Nessa das “Partilhas” não, o papel principal fazia-o o filho do Sr. P. Eu fazia o papel de uns dos filhos...O “Labrenhas” era o mais reles, que não queria fazer as partilhas.

E – E, diga-me outra coisa, como é que se sente no palco? Queria que me falasse da primeira vez e depois da evolução que teve até agora.

JD – Da primeira vez, não me senti à vontade, é uma realidade, não me senti à vontade. Porquê? Com o medo de me enganar, não é, de encravar, de tropeçar. A gente olha para o público, eu ao menos era assim, olhava para o público e estava sempre a pensar na hora em que eu vou sair, porque a gente não se sente à vontade, por falta de prática, não tinha capacidade de improviso, depois havia quem fizesse o ponto, mas eu não estava à vontade, a realidade é esta, não estava à vontade. Depois, com o decorrer do tempo, e eu p’ra mim, é assim, quantas mais vezes subir ao palco, mais à vontade me sinto, e depois quanto mais tempo estiver em cima do palco, mais à vontade me sinto, mas já me aconteceu, já me aconteceu, ali na Casa das Artes, com a outra peça que tínhamos do “O homem mais rico do Outeiro Maior” aconteceu que houve falta de pessoal e algumas pessoas tinham de mudar para fazer mais do que uma personagem e quando me apercebi, ia a entrar e uma senhora deu-me com a cabeça de lado que não era nada daquilo, a minha filha estava a fazer o ponto, dei meia volta do lugar onde estava, arranquei outra vez e recorri ao ponto.

E – Mas sabe, não se notou nada, eu estive lá...

JD – Se se recorda, as pessoas não eram as mesmas

E – Não se notou nada, e eu já conhecia a peça, vi em Rio Frio e vi na Casa das Artes também.

JD – Na Casa das Artes, eu com tanto improvisado e depois havia umas palavras muito parecidas que eu cheguei a um ponto que não dava para a outra pessoa arrancar e pronto, perdi-me, perdi-me dei meia volta, a minha filha apercebeu-se...

E – E como é que o senhor se prepara para fazer a peça? Como se prepara, estuda o papel em casa?

JD – Isto, como acabei de dizer, o Sr. P cria as peças e depois distribui os papéis a cada pessoa e tento estudar o máximo em casa, para depois nos ensaios aperfeiçoarmos, mas depois vamos compondo melhor, tira-se uma palavrita, mas tendo o texto todo encaixadinho na cabeça, no ensaio é mais fazer os gestos, não é.

E – E nesta peça, a sua personagem tem muito texto.

JD – É, tenho de ter uns pontos de referência e por vezes pode-se confundir e entrar na altura que não lhe pertence. Eu fixava aqueles pontos da outra pessoa que está em palco, só que havia semanas de ensaiar duas vezes. Para o palco íamos depois de estar o texto sabido, memorizado e depois íamos metendo uns improvisos, que até nós próprios nos ríamos e isto vai-se aproveitar, porque o Sr. P dizia: “Porra, não pode ser mesmo aquilo que eu escrevi” e daí p’ra frente o que der para aproveitar, aproveita-se e a peça cresceu muito, mais para dar um bocado de graça.

E – Como é que vê o teatro, para si o teatro é o quê?

JD – P’ra mim o teatro, se quer que lhe diga, em primeiro p’ra mim é uma escola, é uma escola, não sei se estarei a aplicar o termo certo, mas p’ra mim é uma escola porque uma pessoa vai p’rali e está com os olhos fechados, depois faz um bocadinho, fica a gostar, amanhã tem de fazer mais e depois aprende. Eu p’ra mim aprendo a enfrentar o público e também conviver com os colegas, não é, o teatro também é um bocadinho de ocupação do nosso tempo livre. É como que seja uma escola, porque volto ao princípio, quando no início não estava com ideias e ganhei garra e gostei.

E – Acha que o teatro é importante na sua vida?

JD – É, é porque gosto, é importante porque gosto. Depois é assim, no início quando vamos ensaiar uma peça, desanimamos, “oh pá isto não vai encaixar, isto é impossível, não vai”; com o decorrer do tempo, chegando aí ao meio, parece que vai, e, depois, quando a gente chega à noite um bocado cansado, pensa, vou abandonar, mas depois uma pessoa compromete-se, não quer falhar, só se for por força maior, e então fico com aquela responsabilidade, pronto porque gosto. Se andar ali a queimar tempo, p’ra mim não faz sentido.

E – Os seus pais gostavam de teatro?

JD – Não, não porque não existia, não se usava no tempo deles.

E – Se eu lhe pedisse para encontrar uma palavra que signifique o teatro para si, qual seria essa palavra, uma palavra que simbolize para si o que é o teatro

Silêncio

JD – O teatro para mim é tudo.

E – Seria a palavra tudo?

JD – É, o teatro para mim é tudo; se me convidassem, por exemplo, para um rancho, não sei, não estava capaz, mas como acabei de dizer, é tudo porque, no início desanimei um bocado, mas depois parece que cresço, parece que cresço...

E – No final do espetáculo, como é que se sente?

JD – Ah isso, digo-lhe já, quando corre bem, fico envaidecido, fico envaidecido, porque é assim, fico envaidecido durante os espetáculos com os aplausos, não é aquela vaidade, mas é com aquele gosto, que vale a pena, depois o público no final do teatro vem ter com uma pessoa e dá força para continuar, para recomeçar; quando as pessoas vêm “ah e tal, parabéns, correu bem e a gente, às vezes, nós é que sabemos, sabe deus, mas desde que a gente não dê a perceber ao público, está tudo bem. Mas, estou-me a gora a lembrar, onde me vi um bocadinho desmotivado, numa apresentação que fizemos ali em Távora, fomos à escola de Távora e vim de lá desmotivado, mas não foi culpa nossa, a peça estava ensaiada, mas não havia público, a peça não foi anunciada em condições, estavam meia dúzia de pessoas a acompanhar e a minha ideia é assim: quando estou em cena, estou a falar para o público mas não vejo ninguém, mas como aconteceu ali, era como se estivesse a falar para uma parede. Então p’ra quem estou a falar? Estou a gastar tempo p’ra quê? Isso desmotiva, fico logo desanimado. O Sr. P diz sempre “atenção, não vos fixeis em certas pessoas, que estão no público”...quem somos nós amadores e muito rasteirinhos, como se costuma dizer, mas estamos sempre a aprender com quem saiba mais.

E – Acha que o grupo de teatro é importante para a associação?

JD – É, é muito importante para a associação, embora não lhe dêem o devido valor, essa eu tenho que dizer, não lhe dêem o devido valor porque é uma atividade da associação como outras que tem, mas o teatro, quando a gente vai apresentar, eu vejo que as pessoas aparecem e, principalmente, os emigrantes, estão sempre a perguntar, “quando é que há uma peça p’ra nós?” Para a associação, é mais uma atividade que

leva o nome da freguesia, assim como o rancho, não é, isso é bom mesmo; com o teatro já fomos a várias freguesias e, na minha maneira de ver, se não for assim, Rio Frio o que é que é? onde fica? o que é tem?

E – Então, acha que o teatro é importante para a associação e para a comunidade, para o concelho?

JD – Sim, mais no concelho, o rancho, esse sim, ainda vai ao estrangeiro.

E – O grupo de teatro nunca foi ao estrangeiro?

JD – Não, nunca foi, não porque estivemos muitos anos sem estar no ativo, muitos anos parados. O teatro nasceu com a associação, depois esteve muitos anos parado. Nestes 4, 5 anos fizemos estas duas peças, mas, começou-se há 25 anos, mas fez-se ali um intervalo, onde o rancho está certinho, até à data.

E – É nesse aspeto que valorizam mais o rancho do que o grupo de teatro?

JD – É assim, o rancho começou com a juventude e para o rancho é muito mais fácil arranjar gente do que para o teatro. É porque já tenho falado com alguns rapazes de lá, que até pela maneira deles falarem até parece que têm um certo jeito e dizem “o quê? Eu, se fosse para estar assim, em cima do palco, eu até desmaiava”, nem querem experimentar e depois também têm outra regra, tem de ter outra disciplina, p’ra mim é assim: no rancho, se há um elemento que se enganou, espera pelo outro e está tudo certo, já alguém não lhe apetece ir, pode falhar um par ou dois, no rancho podem ensaiar, no teatro falha um elemento, já não ensaiam

E – Em termos de grupo, de equipa, funciona bem?

JD – Sim, sim, sim é o que eu estava a falar há bocado, ali há disciplina, no teatro é um bocado chato estar meia dúzia ou uma dúzia à espera de um ou dois, a gente tem de cumprir, que passem 5, 10 minutos, o máximo um quarto de hora, agora eu vou daqui a meia hora ou uma hora, não pode ser. Temos de nos respeitar uns aos outros e nós ali... no teatro é assim...

E – Acha que esse respeito tem a ver com o líder?

JD – Tem, tem a ver com ele e também com as pessoas que lá andam serem responsáveis, porque eu disse, se é para vir para aqui, eu moro aqui à beirinha e tinha a chave e eu tinha a minha vidinha organizada p’ra estar ali à hora e os outros estarem-se maribando, não contem comigo, não é? Ali a malta faz por estar à hora porque aquilo leva muito tempo a ensaiar e a todos nos interessa não gastar lá muito tempo. É que às

vezes passa da meia noite...é do interesse de todos, se não, não é possível. E era assim, aquele que falhava, ligava já.

E – E diga-me outra coisa, o futuro do grupo de teatro, como é que será? Vai continuar? Neste momento estão numa pausa...

JD – Estamos numa pausa e o futuro, como há bocado falei que a malta não é boa de cativar para o teatro, o futuro não estou a ver bom, não porque a R M está viúva, vinha ela e o marido, ela apresentou a primeira vez e era um dos bons elementos, ela para ser a primeira vez, eu admirei, tinha garra, tinha força de vontade. Depois alguns que se calhar agora já não estarão com ideia de continuar, agora faltam duas pessoas e agora como se arranjam as pessoas? Não é fácil...

E – Até pode ser que a viúva, com o passar do tempo, queira retomar...

JD – Oxalá que sim, oxalá que sim, que queira continuar, porque eu não sei de onde lhe veio tanta garra, no dia do espetáculo, ela estava toda atrapalhada, mas ela batia com a mão na cabeça e eu dizia-lhe “está à vontade ...” e eu não sei de onde ela arrancou tanto improvisado, aí é que eu admirei porque a Gracinda, aquela senhora forte, que tinha pouco que dizer, não foi desta, mas na peça anterior, encravou e nós tivemos que a animar e todos fazem falta, todos são úteis, desde o abrir ao fechar, agora as pessoas, a não ser esta, mais novos ...

E – Ali naquele grupo tem gente de várias idades, de várias gerações...

JD – A minha rapariga, agora, também não pode e gosta, andou já na outra peça, agora não é possível, está a estudar em Coimbra e aos fins de semana não pode ser, ela passa 3, 4 semanas sem vir, não pode a gente estar a contar com ela, se estivesse cá permanente, isso sim, e ela gosta.

E – Sr. JD, quer dizer mais alguma coisa sobre teatro que eu não tenha perguntado e que seja importante para si?

JD – Eh, sim. Tenho que o dizer, mas o que eu queria dizer era: a associação, para o teatro, quer seja comigo, quer seja com outros elementos tem que dar mais apoio ao teatro porque se não, não é possível, porque nós, é assim: “desenrrasque-se quem puder”, isto até se fosse na rádio eu dizia, dizia porque custa uma pessoa a trabalhar com gosto e depois o “desenrrasque-se quem puder”, eu estou a referir-me à roupa “vê lá se arranjas a tua roupa, vê lá se arranjas para ti; “porra” não se pode assim virar a gente ...

E – Acha que a associação devia investir nos adereços, no guarda roupa?

JD – Devia, devia e já era tempo, não é? Vieram lá os certificados do INATEL, que também foi o rancho, veio uma verbazita e para alguma coisa foi, não é? A gente estava no ativo, assim temos de arranjar tudo, traga as calças, traga a camisa, a ver se arranjas uma saia, é cada um a desenrascar-se e isso eu acho que não está muito certo e para o futuro do teatro é mau porque vem um elemento novo, a gente dá-lhe a volta, consegue juntar-se a nós e começa a desanimar é isto e depois deviam ser mais cumpridores até da parte deles, serem mais cumpridores, dar mais uma atenção ao pessoal, eu não quero dizer e a senhora também lá esteve, mas estou-me agora aqui a lembrar, a senhora esteve lá em vários ensaios ...

E – Estive em quase todos...

JD – Sim e andamos sempre a improvisar, até quase à hora e aconteceu com as tigelas da sopa, eu não as tinha e ele estava lá, o da associação, o presidente da associação, o senhor A, isto quando fomos fazer a gravação e eu antes queria que me dessem assim do lado da cara um bocadinho. Então, diz-me ele: “Oh! Oh!, tudo esteve bem, mas as tigelas não eram iguais, eu tinha-as lá. Eu fiz aquilo do melhor que podia, as tigelas é que não eram iguais, no entanto, o que queria referir ele sempre lá e não via que elas não eram iguais? Porque só havia lá uma...alguns não deram por ela, mas a malta apercebeu-se, diz-me ele e eu tinha-as lá, por amor de deus, nós tínhamos lá na associação duas iguais, então quer dizer, isto...não lhes pertence? não faz parte agora? ou não têm gosto naquilo?

E – Ou porque confiam nas pessoas?

JD – Já não pode ser confiar, porque nós estávamos à rasca, não tínhamos o material “ah, a ver se arranjas, eu tenho lá uma parecida, mas não eram iguais, deu-se por ela e eu acho que fiz bem feito, mas o material era diferente, o que é que eu ia fazer? Vejo que é o tal desinteresse e depois não custa nada dar uma palavra de agradecimento, não custa nada. O Sr. T, que é o diretor do rancho, sabe levar o pessoal e cativá-los e dar-lhes, ao fim, uma palavra de agradecimento. O que custa dar uma palavra de agradecimento? É por amor à camisola que a gente anda lá, não é? Não é dar boas palavras para elucidar as pessoas no início e no fim da atuação virar-nos as costas...

E – Sr. JD, muito obrigada.

JD – Não tem que agradecer.

Entrevista III

Entrevista realizada a 16/03/2012

E – Sr. P, diga-me, como é que lhe nasceu o gosto pelo teatro?

P – O gosto pelo teatro é uma paixão que eu tenho desde criança, quando andava na escola participei numa peça de teatro, que as professoras levaram a cabo na escola primária e pronto fiquei sempre com o bichinho do teatro, a não ser nessa altura nunca mais participei noutra, mas ajudei sempre na elaboração de peças, de ensaios e de incentivar...

E – Mas isso, aí já me está a falar do tempo da Associação de Rio Frio, certo?

P – Não, não, antes, já houve teatro antes da Associação, que depois veio-se a fundir na Associação, aliás a Associação nasceu da elaboração de uma peça de teatro.

E – Lembra-se como se chamava?

P – Era o “Avarento”.

E – Foi o senhor que escreveu?

P – Exatamente, fui eu que escrevi essa peça.

E – Portanto, podemos dizer que o “Avarento foi a primeira peça que o senhor escreveu?

P – Exatamente, foi.

E – E o grupo de teatro surgiu em que ano, lembra-se?

P – Ora...86, talvez, 1986, foi quando foi da construção da sede da junta e depois fizemos um grupozinho, para o dia da inauguração e, a partir daí, nasceu o grupo de teatro.

E – Com o senhor sempre à frente, como encenador e autor das peças?

P- Na altura, eu fazia as peças, mas andávamos a aprender uns com os outros, eu nunca fui encenador, achavam que eu tinha um bocado de jeito e deveria ser eu, fui eu sempre o líder.

E – Mas nunca foi ator, também?

P – Não, não, não, fui só como aluno da escola, na 3ª classe, salvo erro, na altura.

E – Os seus pais gostavam de teatro?

P – Gostavam de ver, gostavam de ver...

E – Acha que pode estar associado, a paixão pelo teatro está relacionada com o facto de os seus pais também gostarem de ver?

P – Eu acho que não, eu acho que quando eu me criei havia tão pouca coisa que quando surgia qualquer coisa de novo, era fácil as pessoas apaixonarem-se, eu era até criança e vieram aqui a Rio Frio uns grupos de teatro, que eram de Távora e não havia mais nada, não havia televisão, não havia rádio, não havia divertimentos nenhuns e a gente tinha uma paixão desgraçada, por se ocupar em qualquer coisa, por poder também participar e talvez um pouco com aquela vontade de querer ser, que herdei um bocadinho a paixão.

E – Para escrever as peças em quê que se baseia, onde se inspira?

P – Eu tenho-me inspirado em coisas do passado, coisas que se passavam na freguesia, a forma de viver das pessoas, o tratamento que elas tinham umas com as outras e tudo isso serve para a gente imaginar coisas, e algumas eram a pura realidade.

E – Inspira-se em algumas pessoas da freguesia, com outro nome...

P – Exato, havia pessoas que, naquele tempo, davam muito mau viver aos outros, por vezes até à companheira ou ao companheiro e aquela vida dura que às vezes nos faz lembrar aqueles tempos que dá para brincar.

E – E acha que esses temas que diz que são do passado estão atuais?

P – Em alguns casos, estão, em alguns casos ainda estão atuais, isto foi-se transformando, mas mesmo assim, ainda há uma mentalidade bastante enraizada em algumas pessoas do passado, ainda não se vai banir assim de uma hora para a outra, ainda vai demorar uns tempos.

E – Esta última peça, a que eu assisti, acha que ainda está atual?

P- Não, não acho que esteja atual, porque aquilo era uma peça onde os pais tinham uma predominância total sobre os filhos e sobre as pessoas que viviam lá em casa e isso agora não é bem assim. Isso é mais um bocado para recordar o que era o passado. Ainda bem que hoje as coisas mudaram, hoje não é bem assim...

E – Tem saudades do passado?

P – Não na totalidade, há coisas que tenho: a simplicidade das pessoas, o divertimento das pessoas, o que nós brincávamos uns com os outros, isso desapareceu, aquela

convivência que nós tínhamos com as pessoas mais idosas, hoje não existe, eu falava à vontade com pessoas de 60 ou 70 anos e isso hoje dificilmente acontece, hoje as coisas estão praticamente divididas, não há aquela ligação que nós tínhamos nesse tempo, estão idosos com idosos, jovens com jovens, não há aquela ligação que nós tínhamos nesse tempo, talvez pela necessidade de não haver outras coisas, também concordo, hoje, para mim, é totalmente diferente.

E – E como é que conseguiu reunir neste grupo, falo deste último, como conseguiu reunir pessoas de várias gerações?

P – Sim, mas eu nisso tenho facilidade. Eu estou à vontade para falar com os jovens e dou-lhes também uma certa liberdade e confiança para eles brincarem.

E – Acha importante esse convívio de gerações?

P – Para mim, acho. A convivência deve ser com todas as faixas etárias, embora, pronto, porque os jovens também não são todos iguais, é importante que os jovens tenham um certo à vontade para falar com os mais idosos e os mais idosos, falar com eles, e até porque não, brincar com eles, para mim, é importante.

E – E se eu lhe pedisse para me dizer o que é, para si, o teatro?

P – O teatro, para mim, é cultura, acima de tudo, e depois, hoje, se calhar não há tanta necessidade de teatro porque há outras coisas, mas recordo-me dos meus tempos jovens se viesse aqui uma peça de teatro à minha freguesia, a freguesia era capaz de vir toda vê-lo, até de lugares mais distantes, porque era uma coisa diferente, divertia as pessoas, como disse naquele tempo não havia televisão, pouquíssimas pessoas possuíam rádio e, portanto, quando aparecia assim uma coisa as pessoas iam para se divertirem, para saber como era, e depois contarem aos outros, claro que isso acabou, mas é pena, porque o teatro continua a ter cabimento, principalmente nas nossas aldeias mais afastadas dos grandes centros. Uma peça de teatro dramático que é exibida numa cidade que chegasse a Rio Frio ou outra freguesia qualquer deste concelho, não tinha êxito, porque as pessoas nem sequer a percebiam, portanto, aqui, teatro tem cabimento se for uma peça de teatro cómico.

E – Nas peças que escreve tem em atenção que tem de divertir as pessoas, tem de ser uma comédia

P – A maior preocupação deve ser fazer rir as pessoas, fazê-las divertir, mesmo para quem está em palco, porque se estiver a exhibir uma peça que não faça rir ninguém as

peessoas sentem-se desanimadas, pensam que não tem jeito e se calhar até nem desenvolvem o papel que lhes é confiado com aquele à vontade que deveriam ter.

E – O teatro é importante para a sua vida pessoal?

P- É importante como muitas outras coisas. Que eu gosto de teatro é inegável, gosto, agora importante, relativamente.

E – Tem aprendido muito com o teatro?

P – Isto como em tudo na vida, quando estamos a fazer qualquer coisa estamos sempre a aprender e o teatro não foge à regra. Agora, no teatro, descobrem-se coisas, que é assim está-se no ensaio e quando começa uma peça nunca se sabe como a vai terminar, surgem ideias novas, todos os dias durante os ensaios, vai-se encaixando determinados palavrões que às vezes fazem falta no teatro e que é com o decorrer dos ensaios que, até com a convivência uns com os outros que vão surgindo novas ideias e a gente está sempre a aprender, eu acho que no teatro nunca ninguém há-de saber tudo, há sempre qualquer coisa de novo.

E – Como é que o senhor faz para escolher as pessoas para determinados papéis?

P- Vai-se experimentando, não é, claro que há peças de teatro que a gente nunca há-de ter as pessoas certas, agora, há que tapar um buraco, se calhar uma peça que tem 7 a 8 pessoas, se calhar só há 2 que têm jeito ou 3, mas os outros também, é assim, às vezes, começa-se com uma pessoa que a gente pensa que não vai fazer nada dali e com o decorrer dos ensaios e de todo aquele percurso, no fim, até ainda são os melhores...

E – Tem tido muitas surpresas dessas?

P – Às vezes acontece, já tem acontecido.

E – Se eu lhe pedisse para me dizer numa palavra só o que representa para si o teatro, qual seria essa palavra?

P – O teatro, para mim representa alegria

E – Alegria seria a palavra?

P- É

E – E o teatro na Associação e naquela comunidade de Rio Frio, é importante, ajuda a desenvolver a comunidade, é só para divertimento das pessoas, ou é algo mais?

P- Nós em Rio Frio temos um problema porque começámos a ter várias coisas com as mesmas pessoas e nunca vai ser possível desenvolver o teatro porque enquanto não

houver novos atores. Porque nós temos o rancho que foi criado e abarcou todas as pessoas, todas as pessoas possíveis e imaginárias estão no rancho. Agora que são duas coisas que não são compatíveis uma com a outra porque como os elementos são os mesmos e como já se deve ter apercebido disso, marca-se uma peça de teatro, mas aí não porque o rancho vai ensaiar nesse dia, se não é o grupo coral que quer ensaiar naquele dia, portanto é ...às vezes são coisas a mais para tão pouca gente e nós somos de uma zona em que as pessoas já estão bastante envelhecidas. Há pouca juventude. A provar isso é que o rancho tem pessoas de várias freguesias e o grupo de teatro é só de Rio Frio.

E – Podemos dizer que o rancho e o teatro estão no mesmo pé de igualdade, ou, para a Associação o rancho tem um peso mais forte do que o teatro?

P- O rancho supera o teatro, para já envolve muito mais gente é um grupo maior e depois é outra forma de atuar, num rancho folclórico se houver meia dúzia daqueles que não percebem nada, aquilo, como se costuma dizer vai Maria c'as outras não é, no teatro não pode ser assim, cada um tem um papel e desempenhar e tem de o saber desempenhar convenientemente, o teatro é mais restrito, mas com muito mais responsabilidade, só que à vista das pessoas o grupo folclórico é mais volumoso e, portanto, todas as pessoas sabem entender a atuação num rancho folclórico, enquanto no teatro não, temos pessoas, por que não dizê-lo, há pessoas que vêem a peça do princípio ao fim e ao fim se lhes perguntassem o significado daquela peça, eles não sabiam dizer, no rancho é mais chula, mais cana verde, todos sabem o que é, é obvio.

E – E o futuro do grupo de teatro?

P – O futuro do grupo de teatro, se calhar não vai ser muito longínquo, porque num grupo de teatro há sempre atropelos, dá-se com um determinado grupo de pessoas ensaiado e de momento há um que vai emigrar, outro que lhe morreu um familiar, há sempre atropelos, queria-se muita mais gente, quase que se queria um suplente para cada um dos elementos, já reparou que se há uma saída do grupo de teatro na freguesia ou para um sítio qualquer e por azar morreu um familiar de um ator que entre na peça, está tudo estragado. É necessário muito mais gente e não há.

E – Não há porque a população está envelhecida ou não há porque as pessoas não querem ou não valorizam o teatro?

P – Por um lado, a nossa população está bastante envelhecida, depois também há um certo grupo de juventude que vem de 15 em 15 dias ao fim de semana à terra e depois os que restam, alguns fazem parte do teatro e, como disse há bocado, também fazem

parte do rancho e claro que são coisas diferentes. No rancho folclórico não há que decorar, há que dançarolar e pronto, andam ali uns com os outros e não tem responsabilidade, enquanto que no teatro há responsabilidade e há que decorar coisas e isso custa e também há quem tenha menos capacidade, há pessoas que para decorar uma peça leva-lhes muito mais tempo, enquanto que outros aprendem aquilo com facilidade e não lhes custa nada participar em tudo. É preciso decorar, é preciso fazer um sacrifício. O teatro também tem sacrifícios e esse é um deles.

E – Já tem em manga outra peça nova?

P – Não, porque eu queria que eles tomassem conta do teatro e se desenrascassem sozinhos e isso é o que eu tenho andado a fazer, vamos lá ver, agora com a nova gerência da associação, pode ser que apareça lá alguém que queira tomar as rédeas. Eu não me importo de colaborar aqui ou ali, mas a responsabilidade, não, porque acho que a minha fase de atuação, já dei o meu contributo, é tempo de dar a vez a outros...

E – Mas está-me a dizer que abandona mesmo ou continua a contribuir como encenador?

P- Eu posso contribuir com várias coisas, agora não quero ter é responsabilidade, porque já lá temos algumas pessoas que são capazes de desenrascar. No teatro há uma coisa muito importante, que às vezes é das coisas mais difíceis de adquirir que é exigir respeito e fazer-se respeitar. No teatro é muito importante, mas nem sempre é fácil, mas isso, para mim, é o essencial.

E – E o senhor conseguiu isso muito bem, que eu tive a oportunidade de comprovar...

P- Quando é preciso brincar é brincar mas quando é preciso exigir respeito, eu nunca tive problemas, sempre me respeitaram e sempre obedeciam àquilo que eu pedia, para mim isso não é problema, mas também reconheço que não é uma tarefa fácil.

E – Acha que isso tem a ver com as características do líder?

P – Até que pode ter, também pode ter, por que não? Se a pessoa não gostar da pessoa que está à frente faz tudo para lhe fazer frente, fazer à raiva e depois, para mim, é, as pessoas terem confiança em quem está, saberem que aquela pessoa os leva a bom porto. Quando as outras pessoas têm confiança em alguém também é mais fácil, não se pode dar a perceber que a pessoa é frágil. Temos de ter aquela coragem e senti-la porque assim é mais fácil.

E – Acha que o teatro, ao longo destes anos, tem ajudado a desenvolver a freguesia?

P – Acho que sim e a prová-lo as pessoas sentem uma certa vaidade. É verdade que as pessoas de Rio Frio convidam outras pessoas de outras freguesias para virem assistir à peças e mesmo quando nós saímos muita gente de Rio frio acompanha o teatro, não é por acaso, não é? É porque gostam e sentem um certo orgulho e vaidade porque aquilo é mais um elemento que há na freguesia para marcar o nome da freguesia.

E – Só para terminar, há assim alguma pergunta, ou algum assunto de que o senhor me queira falar e que eu me tenha esquecido de perguntar, relacionada com o grupo de teatro? Alguma coisa que queira dizer que seja importante?

P – Não, eu acho que, no meu entender tudo que é importante já foi focado. Claro que há sempre coisas que se calhar se poderia questionar mas isso também era preciso que nos lembrássemos agora. Acho que no essencial, do teatro daquilo do pouco que eu entendo é isto.

E – Muito obrigada, Sr. P.

Entrevista IV

Entrevista realizada a 14/04/2012

E- Sr. A, fale-me um pouco de si...e da Associação

A- Ora bom, o meu nome é A, nasci em 1939 e sou presidente da Associação desde 1997, aliás, tesoureiro dois anos, depois em 2000 é que entrei para presidente da Associação.

E- E desde aí...

A- A partir daí, estivemos sempre em crescimento. Já cá existia o rancho folclórico formado em 2000, quando eu entrei, e a partir daí houve sempre aqui escola de música, grupo de cavaquinhos, neste momento temos a escola de concertinas. O rancho folclórico já teve atuações em Espanha, em França e Portugal, praticamente em todo o país. O grupo de teatro também fez várias atuações dentro do concelho e noutros concelhos vizinhos, nomeadamente Paredes de Coura e Ponte de Lima. Neste momento, só temos o rancho folclórico porque no grupo de teatro houve um interregno por falecimento de um elemento e um outro que foi operado a um joelho. Vamos sempre tentando que a Associação tenha uma dinâmica associativa. O rancho folclórico continua, fazemos várias atuações, este ano serão 15 e daqui até ao fim do ano não sei se mais aparecerão. Fazemos vários eventos durante o ano, no dia 29 deste mês será já um deles, um encontro de idosos, um convívio de idosos com concertinas; no dia 17 de junho teremos o festival de folclore, no dia 16 de agosto, um convívio para sócios, no dia 11 de novembro realizaremos o habitual magusto e o aniversário do rancho folclórico, no dia 16 de dezembro faremos a festa das crianças, de seguida, a passagem de ano e serão mais ou menos estes os eventos para este ano. No dia 3 de junho fazemos uma excursão para sócios à Senhora da Graça e à Penha a Guimarães

E- Quantos sócios tem a Associação?

A- A Associação tem 365 sócios

E- Tem vindo a aumentar?

A- O número de sócios tem vindo a aumentar, mas há outra parte que tem diminuído porque têm falecido bastantes sócios e os sócios falecidos estão dentro desse número dos 365. Há mais ou menos metade de sócios que estão em plenos direitos...

E- Com as cotas em dia...

A- Com as cotas em dia, mas há alguns sócios que não têm pago as suas cotas, mas por vezes nem é por não pagarem, é porque nós não vamos cobrar as cotas, não temos um cobrador de cotas e só quando as pessoas praticamente vêm à Associação é que se prontificam a pagar. Do estrangeiro é que é mais difícil, as pessoas vêm cá no mês de Agosto, se se lembram pagam, mas se se esquecem é mais um ano que passa e sabe que 18 euros não é nada mas passando 3, 3, 4 anos começa a pesar e já é mais difícil.

E- Sr. A, a Associação funciona como um pólo de cultura?

A- Sim.

E- Pode-me explicar melhor...

A- A Associação é um pólo de cultura por várias razões: primeiro, ao criar o grupo de teatro é um evento cultural, a música é cultural, o rancho folclórico é cultura da terra e os eventos também. Todos os eventos que nós fazemos são culturais – o magusto é muito tradicional, ainda eu era menino já ouvia falar dos magustos, as excursões, igual, os convívios, tudo isso

E- Acha que as atividades que a Associação desenvolve, no fundo, servem para perpetuar as tradições aqui da região, da terra...E o grupo de teatro, eu sei que tem várias peças. Queria que me falasse um pouco sobre cada uma.

A- Ora bom, o grupo de teatro existe desde 1987, começou só com jovens, com uma peça muito engraçada, que era a “Autoroutte” que a maioria das pessoas não sabia o que era uma autoroute, na altura veio com os emigrantes, depois “As partilhas” também uma peça muito engraçada mesmo, começando pelo funeral do pai, uns choravam porque tinham paixão, outros contentes porque iam herdar e lá vieram as partilhas em que ninguém se entendia. Foi uma peça muito engraçada. Agora, ultimamente foi “A câmara da carneirada”, uma peça que fez rir muita gente. Aquilo era uma demonstração da política. De seguida, foi então “O homem mais rico do Outeiro Maior” que era um homem criador de gado e só via a fortuna e não olhava pr’os empregados, não lhes pagava. Não deixava namorar a filha com um empregado. Eram peças que tinham muito a ver com a vida das aldeias.

E- Se lhe pedisse para fazer a comparação entre o rancho folclórico e o teatro, que peso tem um, que peso tem outro, as dificuldades de um e de outro.

A- Ora bom, aqui na nossa freguesia o rancho tem muito mais peso do que o teatro, talvez em alguns locais davam mais importância ao teatro, mas aqui em Rio Frio, o folclore ilude aos olhos de muita gente, se estiver uma atuação de teatro no salão

paroquial e se estiver o rancho folclórico aqui na Associação, se calhar lá não havia ninguém, o pessoal vai muito mais para o folclore.

E- E como é que explica isso?

A- É uma falta de cultura da parte das pessoas. Há uns anos atrás, aqui em Rio Frio, toda a gente sabia o que era o rancho folclórico, toda a gente sabia dançar e cantar e tocar, agora teatro ninguém sabia, se calhar até havia pessoas com jeito, mas também não havia ninguém que as convidasse a fazer teatro.

E- acha que é importante o líder, no caso do teatro...

A- Claro, no caso do teatro e de tudo, se não houver uma pessoa que se dedique à causa, não vamos a lado nenhum.

E – E o senhor sente-se um líder realizado?

A- Não, não...

E- Quer explicar

A- Não, há muita coisa a fazer em Rio Frio. Eu gostaria muito que a Associação tivesse uma parte de desporto, mas os jovens saíram e há muito poucos jovens para o desporto. Outra coisa que eu gostaria era, partindo já para a parte humanitária, que a Associação tivesse, por exemplo, quando uma pessoa precisasse de ir a um hospital, a Viana do Castelo precisasse de ir a um médico aos Arcos ou precisasse de uma visita a casa, a Associação ter um grupo de voluntários para poder fazer essas coisas.

E- Sr. A, para terminar há assim alguma pergunta, algum assunto que eu não tenha falado e que o senhor ache importante?

A- Não, a senhora conhece tão bem a vida da Associação, tão bem como nós...

E- algum apelo que queira fazer...

A- Eu só queria fazer o apelo aos pais e aos jovens para que vissem a Associação como vêm, por exemplo, a catequese, que participassem no rancho folclórico, no teatro, na música, que vissem que a Associação é uma casa de cultura.

E- Há pouco dizia que era uma escola

A- Uma escola, claro, a Associação é uma escola, na Associação existe uma bar, que não pensassem que os miúdos vinham para o bar aprender maus vícios, no nosso bar não se aprendem maus vícios, não há nada de mal, mas que as pessoas vissem a Associação como uma escola, que deixassem o bar de parte, porque os jovens vêm

para aqui pr'a Associação, muitos vêm ali para o salão polivalente e nem entram no bar, não precisam de ir para o bar para entrar na Associação

E- Podemos dizer que a Associação une as pessoas da freguesia

A- Sim, em vários aspetos, repare, enquanto a igreja é para os católicos, a junta é para os políticos, a Associação recebe cá todos: católicos, praticantes, não praticantes, políticos, não políticos, todas as cores, brancos e negros, não importa a cor e a Associação recebe toda essa gente, não é?

E- Só para terminar, Sr. A, em que medida a Associação leva o nome da freguesia pr'a longe

A- Leva, através do rancho folclórico, através do Mensageiro, o nosso pequeno jornal chega a vários países do mundo: França, Canadá, América, Brasil, para a capital também temos muitos sócios em Lisboa e não só, em vários pontos do país e é a cultura de Rio Frio, o que mais divulgamos no nosso jornal é a vida da Associação.

E- Muito bem, muito obrigada. Desejo todos os sucessos para a Associação.